

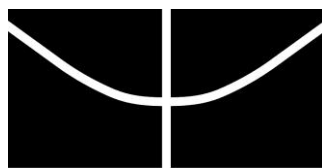
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A NARRATIVA DA MIGRAÇÃO SÍRIA PÓS-GUERRA:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL
(2014 – 2016)**

Silvana Pena de Sá

Brasília
2018



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A NARRATIVA DA MIGRAÇÃO SÍRIA PÓS-GUERRA:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL
(2014 – 2016)**

Silvana Pena de Sá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Jornalismo e Sociedade

Eixo Temático: Narrativa, Discurso e Poder

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha

Brasília
2018

SSA111n Sá, Silvana Pena de A narrativa da migração síria pós-guerra: uma análise da cobertura do Jornal Nacional (2014 - 2016) / Silvana Pena de Sá; orientador Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha. -Brasília, 2018.
158 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Comunicação) -
Universidade de Brasília, 2018.

1. Narrativa. 2. Migração. 3. História do Presente. 4. Guerra na Síria. 5. Jornal Nacional. I. Cavalcanti-Cunha, Maria Jandyra, orient. II. Título.

Silvana Pena de Sá

**A NARRATIVA DA MIGRAÇÃO SÍRIA PÓS-GUERRA:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL
(2014 – 2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília no dia 28/02/2018 e defendida sob avaliação de Banca Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha, presidente.

Universidade de Brasília – Faculdade de Comunicação - UnB

Profa. Dra. Carolina de Abreu Batista Claro, membro titular.

Universidade de Brasília – Instituto de Relações Internacionais - UnB

Profa. Dra. Dione Oliveira Moura, membro titular.

Universidade de Brasília – Faculdade de Comunicação - UnB

Profa. Dra. Célia Maria dos Santos Ladeira Mota, membro suplente.

Universidade de Brasília – Faculdade de Comunicação - UnB

A Maria Vanessa Veiga Esteves.

Sempre, sempre presente!

AGRADECIMENTOS

Desde a primeira vez que ouvi o Mito da Caverna de Platão, tomei para mim esta narrativa como a simbologia perfeita das transformações que ocorrem no nosso íntimo quando nos deparamos com novos conhecimentos e novos paradigmas. É muito confortável ter certezas sobre o nosso mundo. Até que um feixe de luz que atravessa por uma pequena fresta traz incertezas suficientes para sacudir tudo, abalar nossas verdades e mostrar um mundo além que não sabíamos que poderia existir. Na passagem por este mundo, a vida me parece um suceder de cavernas, de casulos...uma metamorfose sem fim. Só que mudar dói.

A luz que nunca se viu agride os olhos e nos faz ter saudade dos tempos cômodos. Tolice, pois jamais é possível regressar à mesma caverna. Jamais é possível regressar ao mesmo casulo, porque ele não lhe cabe mais. Temos de seguir adiante. E quando eu achar que tudo está confortável e confortável demais, não posso me iludir. Logo um novo feixe de luz virá abalar meu mundo e me despertará em busca da nova caverna.

Compartilhei este pensamento com meus colegas da pós-graduação em uma de nossas aulas de metodologia, na qual falávamos das mudanças de paradigma na ciência. Não à toa, apelidei-me como a ‘menina das cavernas’. E nestes dois anos de caminhada no mestrado, o ciclo se repetiu. Descobertas e autodescobertas. Críticas e autocríticas. Coerências e incoerências. Dores e prazeres. Fragilidades e fortalezas. Por absolutamente tudo, sou grata!

Sou grata ao meu país, que vive um dos momentos mais difíceis de sua história. Suas contradições são minhas raízes e o que devemos lutar para mudar. Sou grata às instituições que possibilitaram minha formação: CAPES e UnB. Sou grata ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, que me acolheu sem preconceitos e me apresentou com magnitude um pouco do universo tão complexo que é a Comunicação. Definitivamente, me sinto parte! Em especial, agradeço às professoras Ellen Geraldles, Dione Oliveira Moura, Célia Ladeira Mota, Liziane Guazina e aos professores Edmundo Dantas, João Curvello e Fernando Oliveira Paulino, pelo olhar gentil e humano, pelo exemplo e pelos conhecimentos compartilhados.

Sou grata à minha querida orientadora, professora Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha, pela compreensão, paciência, solidariedade e carinho. Obrigada por não desistir de mim, por me receber de braços abertos em cada encontro e por todo aprendizado e aconselhamento que compartilhou comigo, não só para o trabalho científico, mas para a vida.

Sou grata pelas amigas e amigos que fiz nestes dois anos. Um grande encontro de corações tão preciosos. A absolutamente todos vocês eu agradeço pelas risadas, pelos debates no corredor e no RU, pelo afago, pelos abraços, pelos desabafos, pelas lágrimas em união, por tantas memórias que construímos juntos e ficarão eternizadas comigo. Um agradecimento especial à amiga Paula Oda, minha japa preferida, que ficou imbuída da impressão e entrega do meu trabalho em todas as etapas. Como é bom poder contar contigo, para tudo!

E sou imensamente grata pela família que tenho o privilégio de ter. Obrigada pelo incentivo, pela fé depositada em mim. Pelo amor incondicional, que não se deixa abater pelas diferenças. Obrigada por me ensinarem o que é o amor e por serem sempre meu porto seguro.

RESUMO

O que as mídias contam sobre as relações internacionais? Essa foi a primeira pergunta que nos motivou a buscar por temas que envolvessem uma intersecção entre jornalismo e relações internacionais. Na cobertura jornalística dos anos 2010 sobre temas das relações internacionais, vemos sobressair as notícias que narram uma das maiores crises migratórias da história, cujos desdobramentos alcançam vários países do globo, inclusive o Brasil. Fugindo de guerras, insegurança, fome e perseguições, multidões abandonam suas casas, suas cidades, e/ou seus países na busca por construir uma nova vida em um local seguro e com melhores condições de vida. Entre essas multidões, uma nacionalidade se destaca: aqueles que fogem da guerra na Síria, conflito que tem ceifado a vida de milhares de pessoas desde 2011. Na última década os que migram da Síria chegaram a se tornar o maior grupo de refugiados do Brasil. Diante desses dados, nós nos perguntamos como se dá a narrativa da migração síria pós-guerra veiculada pela imprensa brasileira? Com esta pergunta de pesquisa, escolhemos como objeto de estudo as notícias sobre a migração síria pós-guerra veiculadas pelo *Jornal Nacional*, telejornal mais assistido do Brasil, no período entre novembro de 2014 e novembro de 2016. Seguindo a abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica da Narrativa Jornalística, de Luiz Gonzaga Motta, selecionamos 11 unidades de análise, de um *corpus* de 56 notícias, que conformam três histórias de imigrantes sírios que representam dimensões importantes dessa narrativa: a) a crise migratória na Europa; b) o recomeço de refugiados no Brasil; e c): a busca da nacionalidade brasileira por meio de fraude. Olhar para essas notícias como narrativa é concordar que o jornalismo utiliza o formato narrativo como estratégia organizadora de seu discurso, que possui um propósito e jamais é neutro. É também perceber cada notícia como episódio de uma grande narrativa que cumpre papel de relevância na construção da história do presente que se torna sabida e passada para as gerações vindouras. Assim, se notícias são história do presente, narrativa e discurso, elas carregam em si poder para influir na construção social da realidade, podendo despertar seu público da apatia e provocar atos de cidadania e mudança social. Caberá ao analista da narrativa desvendar se esta é a intenção da notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Migração. História do presente. Guerra na Síria. Jornal Nacional.

ABSTRACT

What do the media say about international relations? This was the first question that motivated us to search for themes that involved an intersection between journalism and international relations. In the current journalistic coverage on international relations topics, we can highlight the news that tells of one of the greatest migratory crises in history, which unfolds in several countries of the globe, including Brazil. Fleeing from wars, insecurity, hunger and persecution, multitudes of people abandon their homes, their cities, and / or their countries in the quest to build a new life in a safe place with better living conditions for their family. Among these crowds, one nationality stands out: those fleeing the war in Syria, a conflict that has decimated the lives of thousands of people since 2011. In the last decade, those who migrate from Syria have become the largest refugee group in Brazil. Given these data, we ask ourselves how the narrative of post-war syrian migration conveyed by the Brazilian press is arisen? With this research question in mind, we have chosen as a research object the news about the post-war syrian migration transmitted by Jornal Nacional, the most watched television newscast in Brazil, in the period between november 2014 and november 2016. Following the theoretical-methodological suggestions of the Critical Analysis of the Journalistic Narrative, by Luiz Gonzaga Motta, we selected 11 units of analysis, a corpus of 56 news articles, which make up three stories of syrian immigrants that represent important dimensions of this narrative: a) the migratory crisis in Europe; b) the restart of refugees in Brazil; and c): the search for brazilian nationality through fraud. To look at such news as narrative is to agree that journalism uses the narrative format as the organizing strategy for its discourse, which has a purpose and is never neutral. It is also to perceive each news as an episode of a great narrative that plays a relevant role in the construction of the history of the present that becomes known and passed on to the generations to come. Thus, if news are a history of the present, narrative and discourse, they carry within them power to influence the social construction of reality, and may awaken its public from apathy and provoke acts of citizenship and social change. It will be up to the narrative analyst to find out if this is his intention.

KEY-WORDS: Narrative. Migration. History of the present. War in Syria. Jornal Nacional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estatísticas da crise humanitária internacional.....	18
Figura 2 – Jornal Nacional <i>on-line</i>	44
Figura 3 – Edições subdivididas em matérias, por título.....	44
Figura 4 – Matéria na íntegra, com título, subtítulo, vídeo e redação do texto.....	45
Figura 5 – Chamada no <i>facebook</i> do JN para assistir à programação na TV.....	45
Figura 6 – <i>Print</i> da imagem de Alan Kurdi, sem vida, sendo retirado da praia.....	68
Figura 7 – <i>Print</i> da imagem da família síria que em desespero se deita nos trilhos do trem, na Hungria.....	68
Figura 8 – <i>Print</i> da imagem do rapaz que faz de tudo para levar a criança para dentro de um trem superlotado na Hungria.....	69
Figura 9 – <i>Print</i> da imagem da menina que chora ao desembarca em terra, depois de dias de uma viagem arriscada em uma embarcação no mar Mediterrâneo.....	70
Figura 10 – <i>Print</i> da imagem de embarcação lotada de imigrantes no mar Mediterrâneo.....	71
Figura 11 – <i>Print</i> da imagem do enterro de Alan Kurdi, seu irmão e sua mãe.....	71
Figura 12 – <i>Print</i> da imagem do resgate de embarcação à deriva no mar Mediterrâneo realizada por navio brasileiro.....	72
Figura 13 – <i>Print</i> da imagem dos guardas lançando pães ao ar para refugiados e imigrantes na Hungria.....	73
Figura 14 – <i>Print</i> do mapa com a previsão de distribuição de imigrantes pela Europa.....	75
Figura 15 – <i>Print</i> da imagem da menina síria Hannah, que brinca com a irmã caçula.....	97
Figura 16 – <i>Print</i> da imagem da apresentação de Hussaim Bramzi, refugiado sírio acolhido no Brasil, que tenta trazer a família do campo de refugiados do Zaatari.....	98
Figura 17 – <i>Print</i> da imagem de Viviane Reis, a brasileira que ajuda Hussaim a trazer a família para o Brasil.....	99
Figura 18 – <i>Print</i> da imagem do momento de reencontro da família de Hussaim em um aeroporto de São Paulo.....	99
Figura 19 – <i>Print</i> da imagem de Nebras (o menino sírio refugiado) e sua família realizando uma refeição no restaurante que o pai abriu no Brasil.....	100
Figura 20 – <i>Print</i> da imagem de Jorge, angolano refugiado no Brasil.....	101
Figura 21 – <i>Print</i> da imagem de Hannah na festa para crianças refugiadas em São Paulo.....	102

Figura 22 – <i>Print</i> da imagem do coral de crianças refugiadas que canta em festa realizada em São Paulo.....	102
Figura 23 – <i>Print</i> da imagem de Viviane Reis na festa promovida para crianças refugiadas....	103
Figura 24 – <i>Print</i> da imagem do repórter José Roberto Burnier recebendo um abraço da menina refugiada angolana Leine.....	103
Figura 25 – <i>Print</i> da imagem de Ali Kamel Ismael, membro sírio da quadrilha.....	129
Figura 26 – <i>Print</i> da imagem de Jorge Luiz da Silva Mota, funcionário do cartório membro da quadrilha.....	130
Figura 27 – <i>Print</i> da imagem de David dos Santos Guido, ex-funcionário do cartório e membro da quadrilha.....	130
Figura 28 – <i>Print</i> da imagem dos livros cartorários.....	131
Figura 29 – <i>Print</i> da imagem dos três ex-militares da Síria.....	131
Figura 30 – <i>Print</i> da imagem do passaporte brasileiro falsificado de Basema Alasmar.....	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Principais países de origem dos refugiados (2014 – 2015).....	19
Gráfico 2 – Principais países de acolhimento de refugiados (2014 – 2015).....	19
Gráfico 3 – Número de edições sobre o tema por mês (01/11/14 a 01/11/16).....	52
Gráfico 4 – Número de matérias sobre o tema por mês (01/11/14 a 01/11/16).....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – <i>Corpus</i> da pesquisa.....	46
Tabela 2 – Unidades de análise da pesquisa.....	54
Tabela 3 – Síntese do modelo de análise.....	61
Tabela 4 – Informações gerais da narrativa 1.....	63
Tabela 5 – Personagens da narrativa 1.....	75
Tabela 6 – Efeitos de sentido pretendidos na narrativa 1.....	82
Tabela 7 – Informações gerais da narrativa 2.....	92
Tabela 8 – Personagens da narrativa 2.....	104
Tabela 9 – Efeitos de sentido pretendidos na narrativa 2.....	112
Tabela 10 – Informações gerais da narrativa 3.....	123
Tabela 11 – Personagens da narrativa 3.....	133
Tabela 12 – Efeitos de sentido pretendidos na narrativa 3.....	140

LISTA DE SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

CONARE – Comitê Nacional para Refugiados

ONU – Organização das Nações Unidas

PBM – Pesquisa Brasileira de Mídia

UE – União Europeia

GLOSSÁRIO

Arquitetura do site: Termo utilizado na comunicação para se referir à forma como as informações estão organizadas e hierarquizadas nas páginas da *web*.

Coioote: Termo amplamente utilizado pelo jornalismo para identificar pessoas que desempenham a função de atravessadores clandestinos nas migrações.

Dêitico: Elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo e espaço sem defini-lo (pronomes demonstrativos, advérbios, entre outros).

Flashback: Expressão utilizada em narratologia para expressar a ação de lembrar algo do passado através de recursos textuais ou imagéticos.

Newsmaking: Teoria do Jornalismo que estuda como a rotina industrial de produção afeta a construção das notícias.

Print Screen: Equivalente à captura de tela, é um mecanismo disponibilizado pelos computadores através de uma tecla que, ao acionada, fotografa as informações textuais e imagéticas disponibilizadas na tela.

Time: Equivalente a 'tempo', é uma expressão utilizada para registrar o tempo exato em que algo foi apresentado.

Imigrante: Qualquer pessoa que se muda de um país a outro é considerado imigrante, a não ser que esteja fugindo de guerras ou perseguição. Assim, tanto os que migram para fugir da pobreza quanto os que buscam melhores oportunidades de vida ou se juntar à sua família estão enquadrados na mesma categoria.

Refugiado: Qualquer pessoa que temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
INTRODUÇÃO: A PESQUISA.....	17
CAPÍTULO 1 – OLHARES E PERCURSOS TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NOTÍCIA	26
1.1. Sobre as teorias do jornalismo: por que as notícias são como são	26
1.2. Por que a notícia é discurso	27
1.3. Por que notícia é narrativa	33
1.4. Notícia, poder e mudança social.....	35
CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA	41
2.1. Objeto de pesquisa.....	41
2.2. O <i>corpus</i>	42
2.2.1. Critérios para a delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa	42
2.2.2. Delimitação das unidades de análise	46
2.3. Nosso percurso metodológico	55
2.3.1. Contribuições da Análise Crítica da Narrativa Jornalística.....	56
2.3.2. A construção de um modelo analítico adaptado ao nosso objeto de pesquisa	59
CAPÍTULO 3 – ENSAIO PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA	62
3.1. Narrativa 1: a crise migratória na Europa.....	62
3.1.1 O plano da estória: a migração que naufragou	67
3.1.2. Os planos da expressão e da metanarrativa: empatia e xenofobia como dois lados de uma mesma moeda	82
3.2. Narrativa 2: o recomeço de refugiados no Brasil	92
3.2.1 O plano da estória: a migração do recomeço.....	96
3.2.2. Os planos da expressão e da metanarrativa: a solução do problema está na solidariedade entre os povos	112
3.3. Narrativa 3: a busca da nacionalidade brasileira por meio de fraude.....	124
3.3.1 O plano da estória: a migração para o crime	128
3.3.2. Os planos da expressão e da metanarrativa: o reforço do estereótipo de terrorista, a incompetência das instituições públicas brasileiras e o risco à segurança nacional e internacional	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA PESQUISA	147
REFERÊNCIAS	155

APRESENTAÇÃO

O que as mídias contam sobre relações internacionais? Esta foi a primeira pergunta que me motivou a adentrar pelos caminhos dos estudos das narrativas das mídias. A pergunta parte de outras indagações que surgiram em minha trajetória como pesquisadora durante a graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Durante essa primeira formação, ao estudar a construção e implementação da política externa dos países do globo, me perguntava até que ponto tais políticas refletiam os ditos interesses de seus nacionais. A questão que mais me afligia era saber que possibilidades haveria para uma real democratização da construção das políticas externas. Ou seja, que os cidadãos de cada nação tivessem, de fato, influência e participação ativa nesse debate.

Participação exige conhecimento de conjuntura e formação de opinião sobre os assuntos. Entretanto, em uma época em que as pessoas são cada vez menos testemunhas diretas ou oculares dos fatos, suas experiências de vida também são cada vez mais mediadas por representações virtuais e discursivas da realidade. Especialmente nas temáticas que envolvem as relações internacionais, as narrativas midiáticas têm um papel informativo fundamental, e por que não dizer determinante, visto que a maior parte do que tomamos conhecimento, não presenciamos. Foi essa a reflexão que despertou em mim o interesse por fazer estudos na área de Comunicação e, mais especificamente, no Jornalismo, por seu reconhecido papel para a formação de opinião dos cidadãos sobre os mais variados temas.

Com essas provocações em mente, ao ingressar no Mestrado em Comunicação da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2016, apresentei como projeto de pesquisa uma proposta de investigação das notícias do *Jornal Nacional* sobre conflitos internacionais no período de 2014 a 2016, com uma análise de narrativa que me permitisse identificar representações de identidade dos países do globo e pensar suas implicações nas relações entre nações e entre nacionais. Entretanto, ao longo do primeiro ano do curso de mestrado, garimpando jornais e telejornais do Brasil, saltou aos meus olhos o tema dos migrantes internacionais, especialmente aqueles oriundos de conflitos, a que chamamos de deslocados de guerra. Especificamente, chamou-me a atenção o drama retratado pelos telejornais em torno da crise dos refugiados na Europa, boa parte envolvendo famílias que fugiam da guerra na Síria.

As notícias, ao trazerem também informações sobre a migração desses grupos para o Brasil, revelaram que os refugiados de nacionalidade síria chegaram a se tornar o maior grupo de refugiados do país. Este vínculo deixou em evidência a proximidade de um tema de magnitude internacional com nossas políticas públicas e nossa sociedade e despertou-me para

investigar o que as notícias falavam sobre esses migrantes, cujas histórias muitas vezes estiveram enredadas em debates de xenofobia e preconceitos de diversos outros gêneros.

Assim, sob orientação da professora doutora Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha e atrelada ao Grupo de Pesquisa *Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente* (FAC-UnB/CNPq), neste trabalho me propus a pesquisar especificamente a narrativa da migração síria pós-guerra realizada entre 2014 e 2016 pelo *Jornal Nacional* – o telejornal mais assistido do país.

Como todo pesquisador que se propõem a analisar uma mensagem como narrativa e discurso e sabe que não há neutralidade em nada que proferimos ou fazemos, preciso reconhecer que o compromisso com a pesquisa científica não exime este texto do meu local de fala. Para mim, que jamais tive de escrever uma notícia e que nas aulas recebia como novidade mesmo os termos mais clichês do jornalismo, adentrar pelos caminhos dos estudos em Comunicação foi um grande desafio. Este local de fala, de quem não conhece a fundo as rotinas produtivas de construção das notícias, muitas vezes me fez questionar se eu teria legitimidade para elaborar uma análise crítica da notícia. Porém, encorajada pelos mestres que tive durante essa formação, pude perceber que as diferenças entre as disciplinas jamais me serviriam como álabe e que a Comunicação era por natureza um campo notadamente marcado por uma infinidade de disciplinas, metodologias e olhares que se entrecruzam para dar voz aos mais inusitados objetos de pesquisa.

Dentro desta infinidade, abracei como fundamentação teórico-metodológica a Análise Crítica da Narrativa, primeira metodologia de análise da notícia a qual tive acesso nos estudos em Comunicação e que, no Brasil, foi amplamente aprofundada por pesquisadoras e pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, ao qual faço parte.

Assim, é impregnada por este local de fala que apresento minha análise das notícias e torço para que as contribuições de minha reflexão sejam mais notáveis que as limitações, na expectativa de que outros estudos possam complementar as lacunas que deixo pelo caminho e avançar nas formulações de uma análise crítica da notícia.

INTRODUÇÃO: A PESQUISA

No contexto de mundialização da economia e de intensificação dos fluxos globais das mais diversas naturezas, os movimentos migratórios internacionais ganham cada vez mais adeptos. Segundo o *International Migration Report*, em 2015, o número de migrantes no mundo alcançou a casa dos 244 milhões (com acréscimo de mais de 91 milhões entre os anos 1990 e 2015).

As forças que provocam a emigração podem ser de três tipos: expulsão, atração e atração-expulsão (Cavalcanti-Cunha, 2007, p. 371).

A força de expulsão se dá de dentro para fora, geralmente deixando o indivíduo sem qualquer outra alternativa senão sair do país (ex.: exilados políticos). A força de atração, que acontece de fora para dentro, sempre permite uma outra solução para o indivíduo, mesmo que ele seja magnetizado pelas vantagens oferecidas pelo país-alvo (ex.: proposta profissional no exterior àqueles que já estão empregados). A força de atração-expulsão, por ser dupla, é muito vigorosa, ao mesmo tempo em que ele é expelido de sua terra, ele é atraído pela outra (ex.: jovens que não conseguem encontrar colocação no mercado de trabalho e encontram sua chance fora do país).

Os deslocados de guerra são movidos pela força de expulsão, o que tem sido pauta constante no noticiário nesta última década já que o mundo vivencia uma crise migratória sem precedentes devido a conflitos em diferentes continentes.

Esse movimento, contudo, não tem sido tranquilo. De um lado, os deslocados solicitam asilo em outros territórios, arriscando-se por rotas perigosas em busca do sonho de uma vida melhor em países com maior nível de desenvolvimento econômico e social. De outro, os países-alvo se esquivam de recebê-los alegando problemas políticos e econômicos. Nesse contexto, personalidades políticas que levantam bandeiras radicais contra imigrantes angariam a simpatia dos nacionais, enquanto que aquelas favoráveis ao acolhimento deles perdem votos.³

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem divulgado que o mundo vive atualmente a maior crise humanitária internacional desde a Segunda Guerra Mundial. E que uma de suas maiores expressões são os movimentos migratórios em massa para outros países. O Relatório *Global Trends*⁴ (Tendência Globais) disponibilizado pelo Alto Comissariado das Nações

³ Donald Trump defendeu a construção de um muro entre os Estados Unidos e o México na campanha eleitoral de 2016 e, já no posto de principal mandatário da maior potência mundial, prometeu a expulsão dos 11 milhões de imigrantes ilegais do país e a restrição à entrada de estrangeiros de determinados países muçulmanos (entre eles, Iraque, Irã, Líbia, Síria, Somália, Sudão e Iêmen) (*Veja.com*, 25/01/2017). A chanceler alemã Angela Merkel, apesar de reeleita nas urnas em setembro de 2017, perdeu votos na composição do parlamento por conta de sua postura em relação aos imigrantes não documentados, muitos dos quais acolhidos com o status de ‘refugiados’ (*Veja.com*, 25/09/2017).

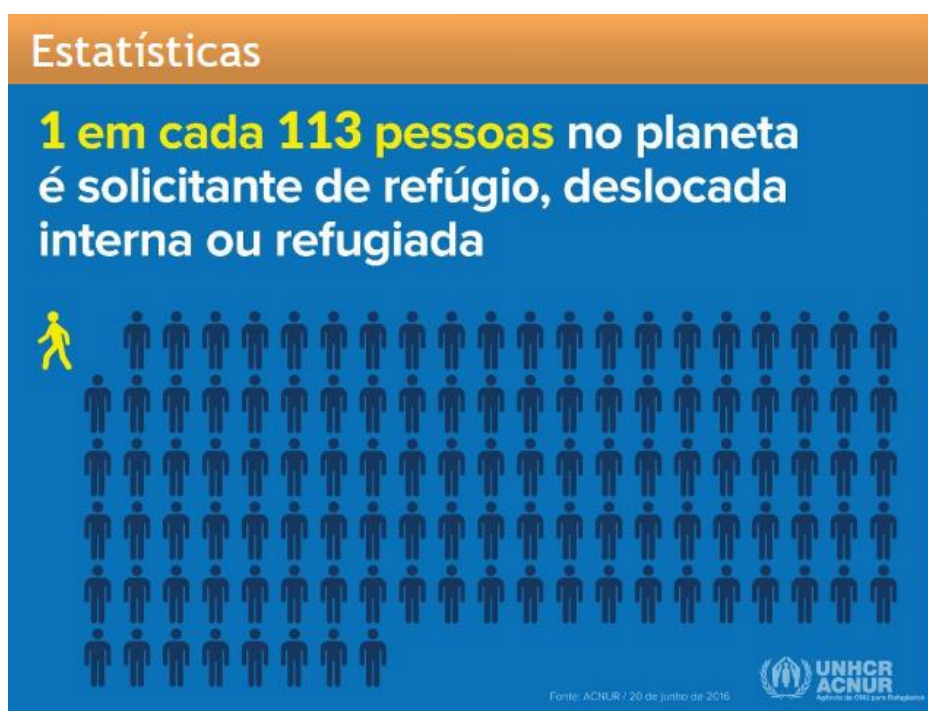
⁴ Disponível em http://www.unhcr.org/576408cd7#_ga=1.97495967.1642859147.1481025401 Acesso: 9/11/2016.

Unidas para Refugiados (ACNUR), registra que em 2014, cerca de 59,5 milhões de pessoas foram forçadas a deixarem suas casas por motivos de perseguições, conflitos, violência generalizada ou violações de direitos humanos. Em 2015, o número de deslocados alcançou a casa dos 65,3 milhões de pessoas (cerca de 10% a mais que no ano anterior).

A maior parte do grupo em 2015 era formado por deslocados internos – cerca de 40,8 milhões de pessoas forçadas a saírem de suas casas e que se deslocaram dentro de seus países. As pessoas que fugiram para outro país, que conformam o grupo dos refugiados, eram 21,3 milhões de pessoas. Há ainda o grupo dos requerentes de asilo (aqueles que aguardam resposta para seu pedido de asilo em países industrializados), que somavam em 2015 cerca de 3,2 milhões de pessoas.

O relatório do ACNUR traz ainda a estatística de que, em 2015, uma em cada 113 pessoas no planeta era solicitante de refúgio, deslocada interna ou refugiada.

Figura 1 – Estatísticas da crise humanitária internacional

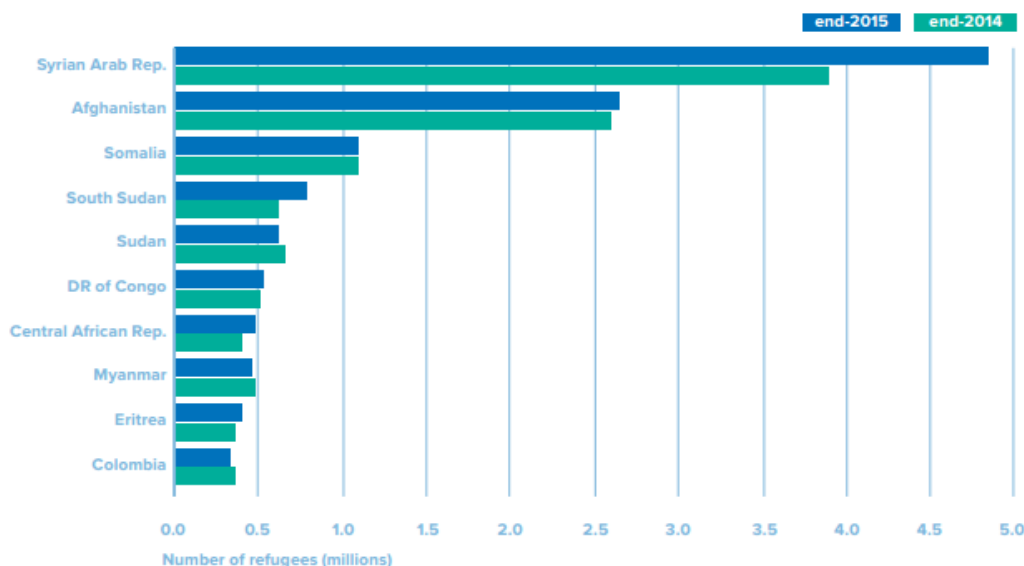


Fonte: Global Trends – Forced Displacement in 2015 (ACNUR)

Segundo o mesmo relatório, os maiores grupos de refugiados do mundo nesse período, seriam formados por pessoas advindas da Síria, Afeganistão, Somália, Sudão do Sul, Sudão, Congo, Mianmar, Eritreia e Colômbia. Já os países que, em 2015, receberam o maior número de refugiados foram Turquia, Paquistão, Líbano, Irã, Etiópia, Jordânia, Quênia, Uganda, Congo

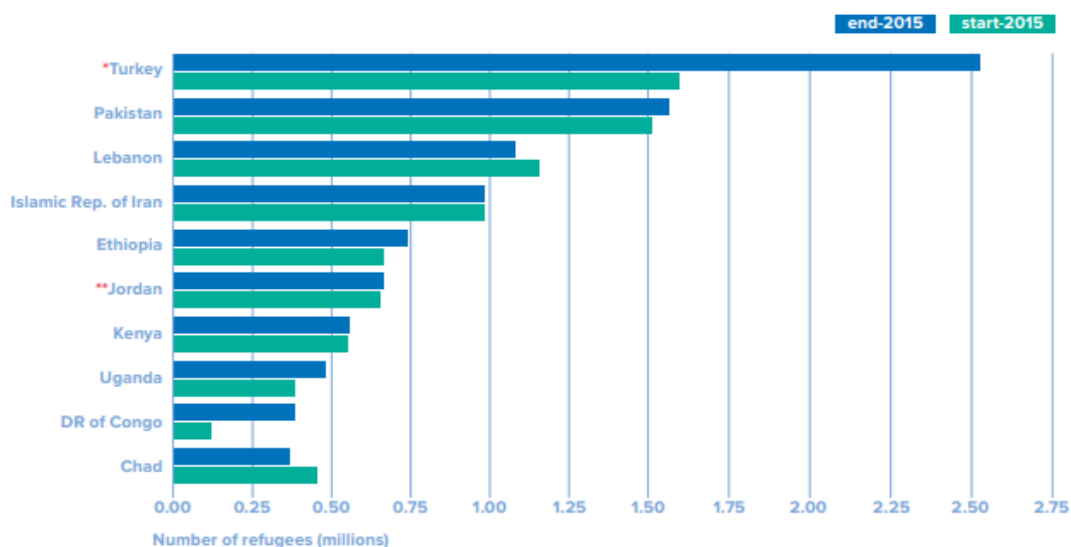
e Chade. Esses dados sobre origem e destino dos deslocados, bem como suas proporções em números, são reforçados pelos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Principais países de origem dos refugiados (2014 – 2015)



Fonte: Global Trends – Forced Displacement in 2015 (ACNUR)

Gráfico 2 – Principais países de acolhimento de refugiados (2014 – 2015)



Fonte: Global Trends – Forced Displacement in 2015 (ACNUR)

Os deslocados de guerra que solicitam refúgio em outros países são migrantes internacionais, porque se deslocam de um país para outro. Entretanto, o ACNUR é enfático ao diferenciar os termos ‘migrante’ e ‘refugiado’, definindo este último como a pessoa que está fora de seu país de origem por motivo de fundados temores de perseguição, conflito, violência

ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de proteção internacional (ACNUR, 2016). Refugiados tem proteção internacional estabelecida pela Convenção Internacional de 1951, que instituiu o Estatuto dos Refugiados, estabelecendo direitos reconhecidos internacionalmente a esses sujeitos, como asilo seguro e direitos civis, econômicos e sociais básicos (liberdade de pensamento, saúde, trabalho, educação, etc.)⁵.

Refugiados são sujeitos que possuem a intenção de residir em outra nação e necessitam de acolhimento, tanto das políticas externas quanto das políticas internas dos países de destino. Das políticas externas, porque são as convenções estabelecidas em comum acordo entre nações que permitem a circulação de seus nacionais entre seus territórios, ou ainda, que asseguram o direito de asilo, no caso de refugiados. Das políticas públicas internas, porque necessitam ter assegurados para si direitos civis, econômicos e sociais básicos.

O Brasil tem sua história amplamente marcada pelos movimentos migratórios que constituíram a nação, quer no âmbito doméstico, quer no internacional.⁶ O país é conhecido internacionalmente por sua hospitalidade e acolhida a estrangeiros. É também signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos, incluindo a já citada Convenção de 1951. Segundo dados do ACNUR, o Brasil possuía, até o mês de abril de 2016, 8.863 refugiados reconhecidos de 79 nacionalidades distintas, sendo os maiores grupos oriundos da Síria (2.298), Angola (2.298), Colômbia (1.100), República Democrática do Congo (968) e Palestina.

Ainda segundo o ACNUR, entre 2010 e 2015, o número total de solicitações de refúgio para o país aumentou mais de 2.868%. Tais dados confirmam que a crise migratória e humanitária possui desdobramentos práticos em nosso país. Para nossa pesquisa, esses dados sinalizaram a importância de analisarmos como essa história do presente é reconstituída pelas narrativas de mídia no Brasil e como os sujeitos envolvidos nela, especialmente aqueles que migram da Síria, são representados nos noticiários brasileiros.

⁵ A discussão sobre o enquadramento de populações deslocadas na categoria refugiado pelo Direito Internacional é bastante delicada. Por exemplo, a especialista em Direito Internacional das Migrações e professora doutora Carolina de Abreu Batista Claro (2015, p 16), apresenta, em sua tese de doutorado, a discussão jurídica em torno daqueles que se deslocam de seus lares por situação de vulnerabilidade socioambiental, os “refugiados ambientais”. Os mesmos são considerados refugiados *não convencionais* particularmente susceptíveis à violação de seus direitos humanos, tendo em vista que há uma lacuna jurídica sobre seu enquadramento do ponto de vista do Direito Internacional de aplicabilidade global. Os mesmos não são reconhecidos como refugiados pelo Estatuto dos refugiados, embora o grupo se encontre em situação de extrema vulnerabilidade.

⁶ Dentro do país, podemos citar como movimentos migratórios o fluxo de trabalhadores da construção civil que vieram de várias partes do Brasil, mas principalmente do nordeste, para trabalhar na edificação de Brasília; e (2) “a movimentação de proporções bíblicas do povo sul-rio-grandense pelas novas fronteiras agrícolas” de todo o país (Simon, 2009, p. 19).

Nas primeiras pesquisas, mais exploratórias, sobre a cobertura jornalística brasileira dessas crises, encontramos notícias com retóricas variadas. Algumas explicaram e contextualizaram as crises para os leitores/telespectadores, às vezes até mesmo com um apelo de sensibilização, trazendo relatos de vida de famílias de refugiados. Outras, no entanto, mostraram uma realidade na qual imigrantes foram enquadrados em situações de ilegalidade, criminalidade e terrorismo, sendo considerados um incômodo para os países nos quais tentavam ingressar e buscar refúgio.

Tal cobertura acaba por refletir um contexto de crise mundial, envolvendo conflitos internacionais, movimentos migratórios e crises econômicas e políticas, especialmente no seio da União Europeia (UE). Embora nenhum país da UE esteja listado entre os maiores destinos para refugiados, a cobertura jornalística brasileira sobre a crise migratória e humanitária internacional delegou papel de destaque às notícias que envolvem os países do bloco, apresentando os embates de ordem política, econômica, moral e ética que envolvem a trama da recepção (ou não aceitação) desses imigrantes em território europeu.

Esse cenário de tantas complexidades, em função de características das próprias rotinas de produção da notícia ou de tantos outros fatores que imprimem subjetividades à construção das narrativas noticiosas, é apresentado pelos jornais com certas limitações. Entretanto, é através das mídias noticiosas que tentamos compreender tais realidades e formar nossas opiniões.

Em um primeiro olhar sobre o assunto, colocamo-nos a pensar quais as perguntas que emergem no íntimo do interlocutor que assiste ou lê uma notícia sobre o tema das migrações forçadas motivadas por conflitos e crises humanitárias. Imaginamos que ele se pergunte por que essas pessoas se arriscam em mares e caminhos tortuosos, por que abandonam suas pátrias e por que acreditam que outra pátria será melhor. Mais ainda, diante das notícias que mostram a crise migratória no mundo, é provável que os interlocutores se perguntem por que os outros países não querem receber os imigrantes, ou ainda, por que alguns lhes fecham as portas e outros lhes abrem. As respostas para essas perguntas são complexas e exigem compreensão de diferentes aspectos das relações internacionais. E para o público comum, é o jornalismo, no seu papel social de veículo informativo, que tenta responder essas perguntas, ajudando a construir a história do presente que vivenciamos. Mas o que conta, afinal, o jornalismo brasileiro, sobre os conflitos internacionais, as crises humanitárias e as crises migratórias contemporâneas? Que aspectos são destacados? Que aspectos não são, e por quê? Quem fala nas notícias? Sobre o que falam? Com essas indagações em mente, escolhemos falar do grupo de nacionais que ganhou

maior destaque na cobertura que atravessa esses três grandes temas: os que migram da Síria, fugindo da guerra civil que tem devastado o país desde março de 2011.

O conflito sírio tem sua origem nos embates em torno da Primavera Árabe, movimento reformista pró-democracia e contra governos ditatoriais que ganhou espaço em vários países do Oriente Médio e redondezas, nos últimos anos.

Na Síria, as manifestações contra o regime ditatorial de Bashar al-Assad começaram em Daara, uma pequena cidade ao sul do país. Desde o início, houve forte repressão do governo, mas mesmo assim o movimento cresceu e alcançou os grandes centros do país: Damasco e Aleppo. No início, o conflito foi marcado pela presença de vários grupos contra o governo: a) grupos seculares com ideais liberais-democráticos (como o Exército Livre da Síria); b) grupos com ideias etnocêntricas e separatistas (por exemplo, os curdos); e c) grupos com profundas raízes islâmicas, conservadoras e extremistas (como o Estado Islâmico). Entretanto, apesar de um objetivo em comum (a queda do governo de Bashar al-Assad), os grupos atuavam sem nenhuma coesão e tinham outros interesses opostos entre si, que com o tempo, serviram de propósito para que o conflito se tornasse praticamente uma guerra de todos contra todos.

O conflito se tornou mais sangrento na medida em que outros países tomaram partido de certos grupos, realizando intervenções indiretas (financiamento e armamento de milícias) e diretas (invasões, bombardeios, etc.). No âmbito do Conselho de Segurança da ONU, enquanto a diplomacia estadunidense e seus principais aliados na Europa propunham uma intervenção militar no país, com o argumento de salvaguardar a população civil, China e Rússia utilizaram seu poder de veto pela não intervenção. Enredado por esta multiplicidade de embates e interesses em oposição, a guerra na Síria se tornou um conflito brutal e duradouro, com milhares de vítimas e cidades devastadas, revertendo-se na maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial.

Desde a eclosão do conflito, que já dura quase 7 anos, estima-se que mais de 400 mil pessoas tenham morrido e que cerca de 5 milhões estejam em situação de refúgio, espalhados por países em todo o mundo (EXAME, 2017)⁷. Não à toa, apesar da distância geográfica de um oceano, os sírios chegaram a ser, nos últimos anos, o maior grupo de refugiados do Brasil. Diante de sua importância e magnitude, do drama humano envolvido e das consequências que acabam alcançando vários países do globo, esses acontecimentos se tornaram agenda frequente na imprensa mundial e brasileira.

⁷ <https://exame.abril.com.br/mundo/guerra-na-siria-faz-6-anos-os-numeros-para-entender-a-tragedia/>

Neste trabalho, especificamente a narrativa sobre a migração síria pós-guerra na imprensa brasileira é o que nos interessa investigar. Para tanto, e por motivos que justificamos no capítulo metodológico desta dissertação, escolhemos como objeto de pesquisa as telenotícias veiculadas pelo *Jornal Nacional* sobre o assunto no período entre 1º de novembro de 2014 e 1º de novembro de 2016, que totalizaram um *corpus* de 56 matérias distribuídas em 52 edições. Como metodologia de pesquisa, escolhemos a abordagem da Análise Crítica da Narrativa Jornalística, cunhada pelo professor Luís Gonzaga Motta (2013). A metodologia, que percebe a narrativa como estratégia organizadora do discurso jornalístico, nos auxilia a compreender cada notícia sobre emigrantes sírios como episódio que conforma uma história maior, a história do presente sobre a migração síria pós-guerra.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como se dá a narrativa da migração síria pós-guerra veiculada pelo *Jornal Nacional* entre 2014 e 2016.

Como objetivos operacionais consideramos (1) identificar as características dessa narrativa jornalística, a partir da investigação dos três planos de análise propostos pela metodologia da Análise Crítica da Narrativa Jornalística; descrever cada um desses planos (plano da estória, plano da expressão e plano da metanarrativa) na narrativa em questão.

O que apontamos como possível contribuição da pesquisa é a reflexão que propomos sobre o papel que as narrativas midiáticas, em especial, as narrativas jornalísticas, desempenham no que se convencionou chamar de construção social da realidade e, portanto, na formação do imaginário social sobre temas e sujeitos das relações internacionais.

Como mencionado anteriormente, vivemos em um contexto no qual os acontecimentos cada vez mais são mediados pelas narrativas de mídia. Quando se trata dos acontecimentos que envolvem a dimensão internacional, tais mediações são muitas vezes o único instrumento disponível aos sujeitos para tomarem parte da informação e formarem as opiniões que guiarão suas condutas perante esses acontecimentos.

Porém, tais narrativas estão atravessadas por uma série de dinâmicas: a audiência, os interesses privados das empresas de mídia, as características peculiares da própria rotina de trabalho do jornalista e a subjetividade dos sujeitos que constroem o enunciado noticioso. Tais dinâmicas implicam em decisões sobre a forma como a notícia será construída e a forma como os personagens que a compõem serão apresentados ao público. A forma escolhida, por sua vez, será parte determinante na constituição do imaginário coletivo sobre os temas e os sujeitos das relações internacionais.

Assim, quando as narrativas jornalísticas abordam a questão das migrações internacionais e especificamente, o tema das migrações sírias, constroem significados sobre os sujeitos que estão envolvidos nesta trama e forjam o que se permite pensar sobre estes temas e sujeitos. Se elas influenciam a construção da opinião sobre o assunto, também influenciam comportamentos, que poderão produzir aceitação e rejeição por parte dos leitores/telespectadores. E a dimensão mais prática desse ciclo se materializa na qualidade da convivência entre brasileiros e imigrantes no Brasil, que possui desdobramentos políticos, na medida em que o Estado brasileiro opta por abrir ou fechar as portas para esses indivíduos. Também se desdobra nas políticas públicas, externas ou internas, que serão destinadas a estes grupos e no tratamento que receberão dos nacionais que os acolheram, em questões do cotidiano de cada um.

Este trabalho não se propõe a averiguar a mencionada dimensão prática e política da convivência entre imigrantes sírios e brasileiros, mas sim, a averiguar a qualidade das narrativas, a partir da análise das narrativas jornalísticas, de seus elementos imagéticos e textuais. Dessa forma, pretende contribuir com uma reflexão sobre o papel do jornalismo enquanto prática social e discursiva que pode servir à cidadania e promover a cooperação entre os seres humanos em contextos de migrações e, especialmente, em contextos de guerras, deslocamentos forçados e crises humanitárias. Nesse sentido, a partir da análise da narrativa, buscamos perceber os limites e as possibilidades dessa prática social, atentando para a responsabilidade social do jornalista como um sujeito que atua sobre a construção da história do presente.

Organizamos esta dissertação em 3 capítulos. No capítulo 1, apresentamos uma discussão teórica sobre por que as notícias são como são, envolvendo conceitos de narrativa, discurso e história do presente, os quais contextualizamos nos estudos em comunicação. Assim, debatemos de que forma tais conceitos nos auxiliam a traçar uma análise crítica da narrativa jornalística sobre a migração síria pós-guerra no *Jornal Nacional*.

No capítulo 2, discorremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Apresentamos a metodologia da Análise Crítica da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2013) e mostramos como formulamos um modelo analítico da mesma adaptado aos nossos objetivos de pesquisa. Em seguida (capítulo 3), apresentamos nossa análise da narrativa da migração síria pós-guerra, na qual através da investigação dos três planos de análise propostos pela metodologia de Motta (2013) – estória, expressão e metanarrativa –, buscamos responder

as perguntas-chave sugeridas pelo modelo analítico que construímos no capítulo metodológico e assim, reconstruir a narrativa da migração síria pós-guerra veiculada pelo *Jornal Nacional*.

Ao final do trabalho, apresentamos as considerações tornadas possíveis por meio de nossa análise, trazemos uma reflexão sobre as limitações do nosso trabalho e apontamos novos caminhos possíveis para a pesquisa em trabalhos posteriores.

CAPÍTULO 1 – OLHARES E PERCURSOS TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NOTÍCIA

Neste capítulo, fazemos uma breve revisão de conceitos teóricos que nos auxiliam a compreender a notícia como construção social, discurso, narrativa e poder. Apresentamos os conceitos de narrativa, prática discursiva e história do presente, contextualizando-os nos estudos em comunicação e discutindo de que forma tais conceitos nos auxiliam a traçar uma análise crítica da narrativa jornalística sobre a migração síria pós-guerra no *Jornal Nacional*.

1.1. Sobre as teorias do jornalismo: por que as notícias são como são

O questionamento do enunciado é uma das questões-chave a qual tenta responder Nelson Traquina, na obra *Estudos do Jornalismo no Século XX* (2003). Para tanto, entre outras elaborações, o autor rememora trajetórias no estudo do jornalismo, explanando diversas teorias que se desenrolaram ao longo dos anos, especialmente a partir do final do século XIX.

De fato, revisitar essas teorias é um caminho que nos ajuda a compreender por que as notícias são como são. O jornalismo é uma prática social que produz a notícia. A notícia é uma construção social que descreve o presente, sempre a partir dos olhos e dos instrumentos de quem o descreveu.

Com o desenvolvimento dos estudos e o desenrolar de novas teorias, novos elementos emergiram para dar conta de uma análise da notícia que tenta percebê-la em sua complexidade, dentro de suas possibilidades e de seus limites.

Traquina (2003) inicia seu relato de teorias do jornalismo pela Teoria do Espelho, tão antiga quanto atual, fruto do positivismo e ainda predominante no campo jornalístico do Ocidente. Como sabemos, esse modo de ver o jornalismo percebe-o como profissão que se posiciona contra o poder e cujo produto (a notícia) se constitui como espelho da realidade. Tal teoria traz à tona valores e normas que permeiam a prática profissional: a crença na objetividade do jornalista, que se posiciona como comunicador desinteressado, como aquele que relata os acontecimentos com honestidade e equilíbrio, como aquele que segue às regras e esvazia-se da personalidade ao compor a notícia. Na Teoria do Espelho, a neutralidade do jornalista e da notícia são caminhos possíveis. O jornalista é aquele que apresenta as coisas como são.

Entretanto, a observação da prática profissional mostrou que não era bem assim. Contrapondo-se ao pensamento anterior, a Teoria da Ação Pessoal (ou Teoria do *Gatekeeper*) e a Teoria da Ação Social admitem que, ao longo do processo de produção da notícia, o jornalista precisa tomar uma série de decisões. Ele decidirá o que será notícia ou não, e seu

processo de seleção dos fatos é subjetivo, influenciado por valores, experiências e expectativas. No entanto, segundo a Teoria Organizacional, o peso da cultura organizacional da empresa jornalística (interação social nas empresas, fatores econômicos como audiência e publicidade, entre outros) é mais relevante nas decisões do que se tornará notícia e de como ela será construída do que o peso da cultura pessoal.

Desde os anos 1970, tem predominado nos estudos do jornalismo a percepção da notícia enquanto construção social, ou seja, a concepção da notícia como resultado de um processo complexo de interação social entre atores diversos. Assim, o embate maior na disciplina do jornalismo se estruturou em torno de teorias com enfoques macrossociológico e microssociológico. O primeiro busca explicar o papel da mídia na reprodução da ideologia dominante, embora também reconheça a autonomia relativa dos atores imbricados no processo de construção da notícia. O segundo é mais orientado a perceber como as subjetividades próprias daqueles que constroem a notícia influenciam suas decisões sobre a noticiabilidade dos acontecimentos e o viés de construção da notícia.

Por que as notícias são como são? Esta não é uma pergunta fácil de responder. No entanto, pode-se concordar em um aspecto: a notícia é uma construção social permeada por muitas dimensões de negociação, como a objetividade versus a subjetividade (dimensão pessoal), ou a cultura pessoal versus a cultura organizacional (dimensão organizacional), entre tantas outras dimensões. Se as notícias são como são, analisá-las é adentrar por esse caminho de complexidades que envolvem todas as nossas construções sociais.

Neste trabalho, optamos por olhar para a notícia como construção social, o que permite observá-la como discurso, narrativa e poder. É justamente este ponto de vista que desenvolvemos nos tópicos a seguir.

1.2. Por que a notícia é discurso

Segundo Célia Ladeira Mota (2008, p. 20), estudiosa do discurso jornalístico, “a representação é um conceito-chave no exercício de compreensão de qualquer texto, falado ou escrito”. Isso porque as palavras, escritas ou faladas, são signos, símbolos que os seres humanos construíram e convencionaram para representar as coisas e sentimentos do mundo real. Notícias são textos, que são multimodais na televisão, pois combinam falas e recursos imagéticos.

O jornalista, ao organizar as palavras e imagens em textos noticiosos, constrói representações da ação humana, dos humanos e das coisas que compõem nosso mundo, tecendo significados a partir de seu relato. Esse texto exerce um papel de mediação de significados,

implicando em uma relação de comunicação dialógica entre locutor e interlocutor, pois a interpretação do que o texto representa se dá na relação com o interlocutor.

Ladeira Mota identifica ‘texto dialógico’, explicando que, quando compomos os elementos para a construção de um texto, fazemos um exercício de antecipação das possíveis interpretações do ouvinte/leitor, criando uma espécie de debate implícito, que orienta a *performance* que adotaremos na construção daquele texto. A autora também afirma que notícias não são apenas textos multimodais, ou sistemas linguísticos que utilizamos para significar as coisas de nosso mundo. Notícias são discursos.

O linguista Norman Fairclough ensina-nos em sua produção intelectual que quando lançamos um olhar crítico sobre a linguagem, à luz das teorias sociais, é possível perceber seu papel na construção e na reprodução das práticas sociais e ideologias. Em sua obra *Discurso e Mudança Social* (2016), o autor proporciona importantes contribuições para as pesquisas que se propõem a fazer uma síntese entre estudos linguísticos e teoria social, através das análises dos discursos. Fairclough destaca o papel central da linguagem nos fenômenos sociais, apresentando o discurso como um dispositivo que é moldado pela estrutura social, mas que também é constitutivo da mesma.

Mas o que é discurso? Na obra *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault (2008), compreendemos que discursos são práticas que acontecem nas instituições e que são responsáveis por moldar e constituir suas falas. Dessa forma, Foucault nos explica que discursos não são simplesmente os signos que representam um conteúdo. São, antes disso, as práticas que permitem criar, convencionar e tornar sabidos os signos que representam as coisas de nosso mundo. Nesse sentido, os discursos nos orientam sobre a história dos saberes existentes.

Assim, a notícia, enquanto discurso jornalístico, é uma prática social permeada por uma historicidade, por uma arqueologia do saber. Isso significa dizer que para analisar a notícia como discurso, é necessário considerar tanto a linguagem jornalística e o que ela representa como o seu contexto, incluindo as rotinas produtivas próprias do jornalismo que são responsáveis por definir o que é o jornalismo, qual o conceito de notícia, quais critérios e técnicas devem ser utilizados na construção da notícia, quais sujeitos podem compor uma notícia, entre tantas outras características. Nesse sentido, o conceito de ordem do discurso trazido por Foucault pode ser entendido como o contexto que envolve a construção dos textos jornalísticos (MOTA, 2008).

O teórico cultural Stuart Hall (1993) afirma que o discurso jornalístico é um produto social que resulta da organização burocrática da imprensa, ou seja, de uma atividade

institucionalizada. Ladeira Mota (2008, p. 91) também enfatiza que, como discurso, a notícia se configura como um texto que se realiza no contexto social da prática jornalística, e que envolve todo o processo de construção da notícia: a coleta de informações, os critérios de valor-notícia, os agendamentos produzidos tanto pelo contexto imediato da redação do jornal quanto pelo contexto mais amplo da sociedade em geral, entre outros.

A notícia está sujeita às normas mercadológicas. Nessa visão, a informação é a matéria prima que, no seio das rotinas produtivas do jornalismo, é tratada, processada e transformada em notícia, pela soma dos fatores de produção que incidem sobre ela. A notícia como mercadoria está sujeita à aprovação dos valores tradicionais da sociedade, dos interesses de seus leitores/telespectadores e da preocupação de agradar seus anunciantes (MOTA, 2008).

Como falamos anteriormente, a prática discursiva no jornalismo envolve as várias etapas do processo de produção da notícia (também chamado de *Newsmaking*): pauta, agenda de cobertura, procedimentos para a coleta de informações, processos de edição/diagramação, de impressão/distribuição, etc. Segundo Ladeira Mota (2008), os aspectos discursivos desse processo de produção estarão atrelados às habilidades, técnicas, ideologias profissionais, conhecimento institucional e às questões relacionadas à audiência.

Um dos aspectos discursivos mais importantes para a determinação de quais informações serão transformadas em notícias são os critérios de noticiabilidade (valores-notícia), que segundo Mauro Wolf (1994) podem ser compreendidos como um conjunto de atributos e características que um acontecimento precisa ter, aos olhos do jornalista, para ser transformado em notícia. Tais critérios, que se apresentam como regras práticas que orientam a produção da notícia, são frutos de convenções do próprio campo jornalístico e que envolvem as rotinas produtivas e os valores profissionais. Essas regras geralmente estão presentes em manuais de redação das empresas jornalísticas, que orientam a pauta a seguir, as fontes regulares, entre outros passos da produção da notícia.

Os critérios de noticiabilidade estão fortemente condicionados pelo que se acredita ser a preferência do público. Como mostra Pierre Bourdieu (1997) em sua obra *The Television*, a programação televisiva está sujeita a uma lógica comercial, encontrando na audiência a sua principal diretriz sobre o que deve ser exibido ou não aos telespectadores. Essa situação põe em risco o potencial papel de o veículo prestar um serviço de interesse público. Pela mesma lógica, sendo parte da programação televisiva, a programação telejornalística apresenta as mesmas limitações de autonomia, que acabam por corromper a concepção historicamente construída do jornalismo como um serviço de interesse público.

Além da pressão da audiência sob os temas que serão abordados, a notícia vista como mercadoria está sujeita às fortes pressões da concorrência e do tempo, que acabam gerando uma tendência à homogeneização da produção. As explicações dessa tendência estão atreladas ao aprofundamento dos padrões industriais de produção, que têm se intensificado na velocidade dos avanços tecnológicos e que acabam por demandar, com velocidade maior do que nunca, uma necessidade de reprodução da notícia. A pesquisadora Thaís Mendonça Jorge cita Mauro Wolf para apontar uma multiplicação dos fenômenos da auto-referencialidade e do midiacentrismo:

(...) tudo passa a girar em torno da mídia e são os veículos que promovem as suas próprias pautas. As informações utilizadas pertencem ao próprio circuito, ou seja (...) O Globo On-line emprega material da Agência Globo (...) “os atuais estudos do newsmaking têm que enfrentar o dever de analisar as razões organizativas e estruturais pelas quais o aumento dos fluxos de informação não vem produzindo uma sociedade mais transparente”, ao contrário: a velocidade da informação só está produzindo uma sociedade “mais opaca” (WOLF, 1997, apud JORGE et al, 2012, p 137).

A preocupação que ambos pesquisadores apontam em seus estudos também é discutida em Bordieu, quando este aborda o mecanismo de “circulação circular” da notícia, que em muito se assemelha à questão da tendência à homogeneização da produção jornalística. Como resultado dessa tendência, o autor destaca que no campo do jornalismo a concorrência, ao invés de gerar originalidade e diversidade, produz na verdade uma uniformidade da oferta (1997, p. 34; 108).

A homogeneização da notícia pode ser explicada não só pela face da velocidade com que se deve produzir informação (produção em escala industrial), que gera uma precarização das condições intelectuais e físicas de trabalho do jornalista, mas também pela falta de pluralidade das fontes. Aqui, adentramos em outro aspecto discursivo fundamental que permeia a construção da notícia, que é como são informadas as pessoas encarregadas de nos informar.

Em uma notícia, há uma disputa de poder de vozes que envolvem a empresa jornalística, o próprio jornalista, o informante ou a fonte da notícia e as personagens envolvidas na trama, todos, naturalmente, com a pretensão de imprimir sua visão de mundo no enunciado jornalístico.

Sobre as empresas jornalísticas, cabe aqui a argumentação do pesquisador Sérgio Dayrel Porto, de que “jornais não vivem soltos no espaço e no tempo”. Pelo contrário, possuem suas políticas editoriais, geralmente, presentes em termos formais em seus manuais de redação, como “uma espécie de cartilha que cada jornalista deve conhecer e seguir para manter-se

alinhado com a política redacional da casa (...)”. Segundo o mesmo autor, por meio desses manuais, é resguardada a reprodução da paráfrase do jornal, ou seja, é resguardada uma unidade discursiva que representa políticas, valores, crenças e ideologias da empresa, as quais os profissionais da redação estão sujeitos (PORTO et al, 2012, p. 190-191).

O sociólogo Pierre Bourdieu (1997, p. 25) destaca o fato de o jornalista estar sujeito a ver o mundo por seus “óculos”, lentes constituídas das percepções advindas da construção social resultante de suas experiências de vida. Por essas lentes, eles “veem certas coisas e não veem outras, ou ainda veem de certa maneira as coisas que veem de acordo com percepções que lhes são próprias”. À mesma lógica arqueológica estão sujeitos os informantes e as personagens das notícias, cujas escolhas por relatar ou não algo, de uma forma ou de outra, tendo em vista causar uma ou outra reação, estão respaldadas em critérios subjetivos.

Entretanto, na produção da notícia, chama atenção a regularidade de certas fontes, que geralmente é justificada por uma soma de fatores inerentes ao próprio processo produtivo. Por exemplo, quando a questão em debate são acontecimentos internacionais, é muito comum que os jornais brasileiros se alimentem de conteúdos disponibilizados através da assinatura da página de agências internacionais. Entretanto, essa ação abre caminhos para uma tendência à reprodução de certas visões de mundo, qual seja, a desses veículos de comunicação.

Na mesma linha de pensamento, Hall (1993) nos explica de que forma os *medias* contribuem para uma construção hegemônica dos acontecimentos. Justamente pela pressão das rotinas produtivas, certas fontes se beneficiam de um acesso sistematicamente estruturado aos veículos noticiosos, o que proporciona que elas se tornem definidoras primárias do que será noticiado. Essa dependência de certas fontes por parte dos veículos noticiosos possibilita que as mesmas consigam estabelecer uma agenda de temas que ficarão em alta e que, por consequência, influenciarão os temas e assuntos que circularão e estarão em discussão entre o público. Esse fenômeno é conhecido, nos estudos do jornalismo, como *agendamento*. Wolf (1994) argumenta, nessa linha, que as pessoas tendem a incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem de seu próprio conteúdo.

O processo de construção da notícia também é permeado por muitas outras escolhas além do tema agendado, relacionados às subjetividades e intencionalidades daqueles que constroem as notícias. Em um processo de negociação entre fontes, audiência, critérios de noticiabilidade, valores da empresa jornalística e outros fatores, o jornalista necessitará escolher não só quais informações serão transformadas em notícias, mas ainda que elementos serão narrados e que elementos serão silenciados.

No processo de construção da notícia, é necessário hierarquizar importâncias, definir como os elementos da narrativa serão organizados e relacionados entre si, como eles serão inseridos em um contexto social. É dessa forma que a construção da notícia se constitui enquanto um processo de emolduramento da informação. Os fatos são apresentados em quadros de significados familiares ao público. O sociólogo Erving Goffman (1986) foi o pioneiro em lançar as bases desse paradigma, que se tornou conhecido como *enquadramento*. Esse paradigma reconhece que as informações que transmitimos, ou que nos são transmitidas, o são através de marcos sociais e esquemas mentais próprios (*frames*) que ressaltam certos aspectos da realidade em detrimento de outros.

Hall (1993) explica que esse processo é necessário para tornar os temas propostos inteligíveis aos leitores/telespectadores. É necessário identificar, classificar e contextualizar os acontecimentos, pois eles só farão sentido se puderem ser vistos no âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais, que o autor chama de ‘mapas culturais’. Em Hall, o conceito de mapas culturais pode ser explicado como mapas de significações que todos nós acionamos para compreender/interpretar o mundo que nos é apresentado e que construímos. O próprio jornalista, na composição da notícia, aciona seus mapas de significações, que influenciarão suas escolhas na seleção dos temas e na construção dos enquadramentos sob os quais os acontecimentos jornalísticos serão noticiados. O sociólogo argumenta que as fontes que frequentemente se tornam definidoras primárias do que será noticiado, conseguem imprimir seus mapas culturais através das informações repassadas aos veículos de informação. Dessa forma, elas conseguem fazer com que suas visões de mundo (seus discursos sobre ele) sejam promovidas e reproduzidas, fortalecendo a hegemonia existente.

Ladeira Mota (2008) afirma que além dessas fontes acabarem por definir para a maioria da população o que é um acontecimento significativo, ao enquadrá-los em seus mapas culturais, elas também oferecem instrumentos interpretativos sobre como compreender esses acontecimentos. Para a autora, essa construção arbitrária da notícia pode gerar a fixação de valores culturais desiguais, ou ainda, a construção e fortalecimento de estereótipos e representações que prejudicam certos grupos sociais ou pessoas reais.

De fato, como argumenta Bourdieu (1997) as notícias possuem propriedades de construir realidades, de dar efeito real ao que apresentam. Por sua capacidade de fazer ver e fazer crer no que se faz ver, exercendo efeitos sociais de mobilização e desmobilização, notícias implicam sempre em uma construção social. Sendo linguagem, prática e discurso, a notícia é um ritual simbólico por meio do qual os membros de uma cultura trocam valores e significam

seu próprio mundo. Dessa forma, a notícia é uma das portas de entrada para o mito, para a formação de culturas, porque ela é um dispositivo que alimenta crenças e ideais, intervindo no que se convencionou chamar de “construção social da realidade” (MOTA, 2008, p.93).

Assim, notícias são discursos porque elas resultam de práticas sociais que são criadas, reproduzidas e transformadas por práticas discursivas do campo jornalístico. Notícias são discursos porque utilizam nas suas mensagens, signos textuais e imagéticos cujos significados só podem ser compreendidos dentro de um contexto mais amplos dos discursos que significam as coisas do nosso mundo.

1.3. Por que notícia é narrativa

Célia Ladeira Mota (2008) nos apresenta a notícia como discurso e narrativa. Segundo ela, o texto jornalístico é um *corpus* empírico que permite perceber a atividade discursiva e narrativa da linguagem, porque as notícias são enunciados culturais e históricos, ao mesmo tempo.

Para compreender notícias como narrativas, é necessário entender antes o que é a narrativa e seu papel na vida humana. Segundo o professor Luiz Gonzaga Motta (2013), as narrativas são um modo de expressão universal, inato do ser humano. São histórias que construímos sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. A partir das narrativas, construímos nossas autonarrações e representamos o mundo, às vezes fielmente, às vezes imaginativamente. Para o autor, estudar as narrativas é um modo de compreender o sentido da vida.

Ladeira Mota (2012) argumenta ser a narrativa uma forma prática de construção de identidades culturais. Portanto, narrativas podem ser entendidas como mais do que uma forma de representar o mundo real. Podem ser entendidas como uma forma de apresentá-lo e de instituí-lo. Na mesma direção, Gonzaga Motta afirma que

[a]lguns autores mais ousados propõem que o homem apreende narrativamente a realidade e que as narrativas imaginárias ou factuais nos ajudam a sondar e testar a realidade, e simultaneamente instituem as identidades, organizações e sociedades. Nessa perspectiva, com a qual concordo, as narrativas forjam indivíduos e nações (2013, p. 34).

Diante de todo esse potencial das narrativas, é necessário compreender que elas não são neutras, porque narradores não são neutros. Nossas formas de narrar e apreender a realidade sempre estão pautadas por uma soma complexa de fatores de subjetividade. A narratologia, ou

teoria da narrativa, é justamente o campo de estudos que se propõe a estudar as narrativas enquanto práticas culturais marcadas por essas complexidades.

Por narrativa, entende-se também a forma de “relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho”. Com essa definição, Gonzaga Motta traz à tona que a narrativa é uma forma de organizar e compreender a realidade, tornando-a compreensível também para aqueles que nos ouvem. Na narrativa, os acontecimentos relatados são performatizados por personagens, sendo estas os atores que representam seres humanos (reais ou imaginários) e realizam coisas que os humanos também realizam (MOTTA, 2013, p. 71).

Assim, notícias são narrativas porque o discurso jornalístico utiliza o formato narrativo como estratégia organizadora de seu discurso. Há uma intencionalidade na forma de escolher qual notícia deve ser veiculada, na forma de constituir a notícia, de atribuir papéis às personagens, de utilizar recursos linguísticos que geram certo efeito sobre o estado de espírito das pessoas. Por isso, as narrativas jornalísticas não são neutras nem ingênuas, mesmo considerando seus esforços de objetividade e outras estratégias de comunicação que tentam dar à mesma a impressão, para o receptor, de neutralidade, de exposição dos fatos como são, de compromisso com a verdade (MOTTA, 2007).

Enquanto narrativas, notícias são estórias⁸ porque atuam no campo da representação de fatos, apesar de serem fatos reais. Se por um lado o jornalismo é a prática de narrar fatos reais e acontecimentos reais que ocorrem diariamente em todas as partes do mundo, por outro, é importante ter em mente que as narrativas jornalísticas são representações dessas realidades, e não a realidade em si. Entretanto, na medida em que suas mensagens textuais e visuais são parte muito importante na construção da memória social das comunidades que tem acesso a elas, as notícias também podem ser compreendidas como histórias.

O pesquisador Dácio Renault da Silva (2011) discute o papel das narrativas produzidas pelos jornais como fontes do saber para historiadores ou pessoas em geral. Ele traz à tona o questionamento sobre se tais narrativas poderiam ser consideradas fontes confiáveis, visto que a História, como disciplina que estuda o passado, não considera o fazer jornalístico como um fazer histórico, principalmente em função do que seria a falta de um método científico e do distanciamento temporal dos fatos.

⁸ Aqui diferenciamos o termo ‘estória’ como expressão que representa o relato de fatos fictícios e ‘história’ como expressão que representa o relato de fatos reais, seguindo a proposta de Luiz Gonzaga Motta (2013).

Entretanto, o autor argumenta que se o distanciamento temporal dos fatos fosse condição inquestionável para o fazer histórico, a obra *A Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, não poderia ser considerada história, na medida em que o autor a escreveu enquanto a guerra ocorria. Para o pesquisador, o mundo passado sempre chega até nós em forma de narrativas e a História é um entre os vários discursos existentes a respeito da história do mundo. A História também é uma representação da realidade, e não a realidade em si. Apresenta uma versão dela, que jamais é isenta de aspectos de subjetividade de seus autores. Nessa visão, o pesquisador argumenta que o Jornalismo não revela nem menos nem mais que a História, apenas diferente, e possui seu próprio método de narrar. Renault da Silva (2011) trabalha com a premissa de que o jornalista atua como um historiador do presente, na medida em que os meios de comunicação têm papel atuante na fabricação dos acontecimentos e personagens, que mais adiante são resgatados pela disciplina da História.⁹

As narrativas jornalísticas produzem história já que seus enunciados se tornam comuns às comunidades. Assim, contribuem na construção da memória social. As pesquisadoras Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha e Célia Ladeira Mota (2016) explicam que a memória social é uma espécie de fundo de lembranças comuns aos vários membros de uma comunidade, seja ela local, nacional ou global. Esse fundo comum de lembranças é o resultado de uma disputa de significados em busca da hegemonia da memória social. As notícias, com suas mensagens textuais e visuais, transformam acontecimentos e personagens em lembranças coletivas das comunidades que, por sua vez, são depositadas no fundo da memória social.

Notícias são narrativas porque são formas organizadas de contar os acontecimentos e relacionar as pessoas a esses acontecimentos. As narrativas do telejornal se tornam parte da memória social das comunidades que o assistem, são parte fundamental da história do presente que tomamos conhecimento e, mais adiante, são fonte de informação para o próprio fazer da disciplina da História.

1.4. Notícia, poder e mudança social

Conforme vimos em Traquina (2003), as proposições trazidas pelo conjunto de teorias do jornalismo discutidas pelo autor colocam em cheque o mito do jornalismo como contrapoder. Pelo contrário, as teorias acabaram por delegar ao jornalismo um papel de quarto poder, principalmente pelo fato de as informações fornecidas por fontes oficiais dominarem o

⁹ Nesse trecho, utilizamos História com inicial maiúscula para referenciar a disciplina e história com inicial minúscula para os demais empregos do termo.

processo de produção da notícia, reforçando o poder instituído. Entretanto, o pesquisador afirma que periodicamente o jornalismo consegue também realizar, como mencionado anteriormente, seu potencial papel de contrapoder.

De fato, parece haver uma predominância de pesquisadores cujos estudos se debruçaram sobre o papel da notícia na reprodução das coisas, das ideias, dos consensos ideológicos, dando menos espaço ao seu papel na dimensão das construções sociais voltadas à mudança social. É nesse sentido que Fairclough critica abordagens que se propõem a analisar discursos fundamentados em visões estáticas das relações de poder e no assujeitamento dos indivíduos. Para o linguista, é importante que o analista que se propõe a fazer uma análise textual e discursiva das notícias tenha em mente que as transformações nas práticas sociais sempre passam por transformações nas práticas linguísticas e discursivas. Assim, na leitura de Fairclough entendemos que, como discurso, a construção da notícia muda quando há uma reconfiguração ou mutação dos elementos da ordem do discurso que atuam sobre as práticas sociais. Fairclough direciona sua obra a pensar que as relações de poder não são estáticas, e que a atuação como contrapoder é possível a partir de uma crítica e revisão das práticas sociais, dos discursos, das narrativas (FAIRCLOUGH, 2016, p.20).

É importante frisar que está no jornalismo, assim como nos outros produtos da comunicação, o potencial para poder atuar como quarto poder ou como contrapoder por um motivo principal: porque há poder nele. Bourdieu (1997) afirma que o jornalismo tem poder de mobilização e desmobilização; de legitimação e deslegitimação. Pensar nessas propriedades que a notícia tem, de mobilizar as pessoas, traz consigo a responsabilidade de pensar que tipos de mobilizações e legitimações o jornalismo pretende produzir na sociedade em que está inserido.

Thompson (1995) afirma que, em seu papel de mediação, o jornalismo e, portanto, a notícia, cooperam com a construção de diferentes representações e formas simbólicas, influenciando a forma como as pessoas interagem umas com as outras. Na medida em que o jornalismo atua na difusão de bens simbólicos na sociedade, ele pode provocar transformações na natureza da interação social.

Em *Imagem da guerra na memória social* (2016), Cavalcanti-Cunha e Ladeira Mota trazem uma importante reflexão sobre as imagens que o jornalismo apresenta no contexto atual, frequentemente ligadas aos temas das tragédias e dos conflitos, locais ou globais. No texto, as autoras se perguntam que efeitos tais imagens podem provocar, ou que forças de transformação podem ter. Afirmam que leituras coletivas e comuns das imagens produzidas pelo jornalismo

podem provocar movimentos sociais, reações políticas e uma reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos.

A filósofa Judith Butler, no livro *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?* (2015), traz uma abordagem crítica sobre como as convenções do que se entende por normatividade e humanidade tem estado a serviço da preservação de determinadas vidas em detrimento de outras. Para ela, quem tem o poder de ensinar e comunicar, tem também o poder de enquadrar o nosso olhar sobre os corpos, seus significados e seus valores. Na obra, a autora analisa o enquadramento dado pelo jornalismo às vidas na Guerra dos EUA contra o Iraque e aos prisioneiros de Guantânamo. Na visão de Butler, o jornalismo que tem produzido tantas imagens de morte e violência, assim como o contexto de guerra no mundo, são cenários propícios ao desenvolvimento de uma filosofia política cujo debate nos leva a questionamentos como: o que é uma vida vivível; por quais vidas devemos no enlutar; que vidas merecem o luto público e que vidas se apresentam como precárias desde sempre. Segundo Butler, o jornalismo acaba respondendo essas perguntas que são despertadas em nosso íntimo enquanto leitores/telespectadores, dependendo da forma como ele enquadra a morte de uns em detrimento da de outros.

Minha opinião (...) é que a maneira pela qual respondemos à dor dos outros e se o fazemos, e a maneira como formulamos críticas morais e articulamos análises políticas dependem de certo campo de realidade perceptível já ter sido estabelecido. Nesse campo de realidade perceptível, a noção do humano reconhecível se forma e se reitera, em oposição àquilo que não pode ser nomeado ou encarado como humano, uma representação do não humano que determina negativamente e perturba potencialmente o que é reconhecidamente humano (BUTLER, 2015, p. 100).

Butler reivindica que as normas que constituem o que é ser humano são estabelecidas por enquadramentos visuais e narrativos. Portanto, a condição de humanidade, assim como a de direitos humanos, seriam prerrogativas mutáveis. A filósofa está preocupada em suscitar a discussão sobre o que significa nos tornarmos eticamente responsáveis, levarmos em consideração a dor do outro, cuidarmos da dor do outro, mesmo quando o outro está em lugares inacessíveis para nós. Mais do que isso, a pensadora propõe discutir por que nos mobilizamos para salvar algumas vidas e outras não. Para ela, como apresentamos na citação anterior, a forma como a dor do outro nos é apresentada determina se sua vida é passível de luto ou não, afetando nossa resposta.

Para explicar o enquadramento no trabalho jornalístico, Butler apresenta a prática da “cobertura comprometida”, um conceito que remete à quando jornalistas têm permissão para acompanhar uma guerra junto às forças armadas, mas juntamente assumem o compromisso de

que certas coisas não poderão ser publicadas. Segundo a filósofa, nos EUA, durante a guerra contra o Iraque, esta foi uma prática recorrente. Na ocasião, Butler afirma que os jornalistas concordaram em transmitir as notícias apenas da perspectiva estabelecida pelas autoridades militares e governamentais. A atitude demonstrava que as autoridades do Estado claramente estavam interessadas em regular os modos visuais de participação na guerra. Fotos de mortos, tanto americanos quanto iraquianos, eram proibidas. Com essa informação, Butler quer mostrar que a perspectiva visual permitida pelas autoridades aos meios de comunicação atuou diretamente sobre a apreensão cognitiva daquele conflito pelos cidadãos americanos (2015, p. 101-102).

Em *Diante da dor dos outros* (2003), Susan Sontag mostra que a “cobertura comprometida” ocorria desde a Guerra das Malvinas, quando apenas dois jornalistas foram autorizados a cobrir o conflito e não houve nenhuma transmissão televisiva. Em sua produção intelectual, Sontag questiona até que ponto as imagens ainda detêm o poder de comunicar a dor dos outros de tal modo que os espectadores sejam impelidos a mudarem a sua avaliação política da guerra e reagirem eticamente a ela. Em certo momento de sua trajetória como pesquisadora do tema, Sontag afirmou que esse poder estava comprometido, desde que a representação visual do sofrimento tinha se tornado um clichê, uma espécie de familiarização do público com a atrocidade, em função do bombardeamento que sofremos por coberturas sensacionalistas. Entretanto, anos depois, a pesquisadora reconsiderou essa tese, afirmando que a fotografia poderia e deveria representar o sofrimento humano, cumprindo o papel de restabelecer a proximidade entre espectadores e aqueles que sofrem, alertando-nos para o custo humano da guerra, da fome e da destruição, apelando para o nosso senso de obrigação moral.

Ambas, Butler e Sontag, parecem concordar que as narrativas visuais presentes nas notícias podem exercer poder de mobilização ou desmobilização. Entretanto, é necessário pensar de fato qual a intenção do veículo noticioso quando apresenta imagens do sofrimento humano. Sobre isso, as interpretações são múltiplas. Há quem defenda que a intenção é garantir a audiência. Outros percebem, nessa forma de comunicar os acontecimentos, o cumprimento de um papel social de esclarecer o público sobre os acontecimentos, de forma a provoca-lo para a ação. Entretanto, como destacado por Butler, é necessário questionar sob qual enquadramento ou em que medida o horror deve ser noticiado, de forma que a dor e a perda de vidas humanas não se tornem algo banal, que não é passível de luto. Para solucionar esta questão, aqueles que constroem as notícias devem levar em consideração de que forma e em que medida a dor deve

ser noticiada a fim de que funcione como gatilho para despertar a solidariedade, a ação política, a mobilização para pôr fim à dor do outro.

Para pensar e propor soluções, a fim de que o jornalismo possa atuar na promoção da paz, e não da violência e da guerra, surgiram os Estudos para Paz, ou *Peace Research*. Tais estudos são atividades científicas e multidisciplinares voltadas a apontar condições e ações para o estabelecimento de uma paz duradoura no mundo. Essa tradição acredita que a possibilidade da paz está atrelada aos processos de cidadania e educação, sendo o trabalho jornalístico uma das alternativas para tal processo, na medida em que atua sobre a construção social da realidade, definindo assuntos que os cidadãos vão discutir e fornecendo formas de interpretação sobre eles (CARDOSO, 2013).

O pesquisador norueguês Johan Galtung foi um dos primeiros estudiosos a refletir sobre a possibilidade de o jornalismo utilizar seu poder para atuar como construtor de uma paisagem voltada para a paz. Segundo Anelise Cardoso (2013), as bases para o conceito fazem parte de um movimento de reforma do jornalismo internacional, que teve início em meados da década de 1960, com a publicação do artigo *The Structure of Foreign News*, fruto da parceria entre Galtung e a pesquisadora Mari Holmboe Ruge. Galtung e Ruge identificaram que os elementos norteadores dos critérios de noticiabilidade praticados no jornalismo vinham sendo o do relato de acontecimentos mais impactantes, inesperados e negativos possíveis, baseados na crença de que tais notícias eram mais atrativas, tendo maior amplitude e probabilidade de serem fixadas pelo público. Entretanto, os autores mostram que estas são coberturas distanciadas da paz.

Galtung (2006) se propõe a refletir sobre as origens dos conflitos e da violência, a fim de pensar como a paz pode se tornar uma condição perpétua. Desenvolve uma tese sobre violência estrutural que se diferencia de trabalhos anteriores porque não privilegia relações de interesse e poder. O pesquisador explica que a violência visível, física ou verbal, precisa ser pensada dentro de um contexto maior e invisível, que ele chama de violência cultural e violência estrutural. Para ele, a violência é um ciclo vicioso: a visível produz a invisível, que reproduz a visível, e assim sucessivamente. Para tornar o ciclo vicioso em virtuoso, Galtung defende que é necessário criar estruturas e culturas que promovam a paz (2004). Nesse sentido, a linguagem e cultura são fatores determinantes para implantação e manutenção da paz.

Segundo Cardoso (2013), em Galtung entendemos que o jornalismo, a partir de uma retórica da não violência, poderia promover conscientização e conhecimento sobre os acontecimentos, se afastando do caráter bélico tradicional da maioria das coberturas. Segundo a autora, a comunicação e a educação para a paz demandam comunicação emocional, e o afeto

é um vetor capaz de penetrar no sistema de crenças, modificar eventuais atitudes e abalar as estruturas que facilitam a injustiça e reproduzem a violência.

Quando analisa a produção jornalística, Galtung enfatiza que para fazer textos de forma crítica e construtiva, a narrativa precisa privilegiar ambas as partes envolvidas no conflito. Também destaca o papel do jornalismo investigativo como instrumento para decifrar temas que ainda permanecem obscuros para a descoberta jornalística. Segundo ele, o repórter e o editor têm de fazer a reflexão sobre se querem estimular mais a violência ou mais a paz (GALTUNG, 2006).

Anelise Cardoso (2013) explica que o jornalismo para paz é um modelo que atua a partir da indicação de categorias diferentes de enquadramento para serem aplicadas em narrativas sobre conflitos em geral. Nessa forma de fazer jornalismo, os conflitos não são ignorados, mas privilegia-se quadros nos quais todas as partes envolvidas ganham voz, e a proposta da cobertura é promover o engajamento do público e retirá-lo da apatia.

Por si só, o trabalho jornalístico não possui a capacidade de mudar os rumos das políticas que envolvem a questão (...). Contudo, ajuda a moldar o meio social e político em que brotam as atitudes e opiniões e pode incentivar mudanças e novos pensamentos (CARDOSO, 2013, p. 59).

Como podemos perceber na discussão com esses autores, notícia é poder porque influencia a construção social da realidade, podendo atuar na reprodução e fortalecimento da ordem vigente, mas também como dispositivo para provocar mobilizações e mudanças sociais. Para atuar dessa forma, é necessário que haja mudanças discursivas no jornalismo, que por sua vez influenciem sua forma de narrar os fatos. Segundo Cardoso, isso implica em mudanças nas rotinas jornalísticas, o que requer coragem e uma transformação no modo de ver o que seria um jornalismo de qualidade, que realmente presta um serviço de interesse público (2013).

No caso de nosso objeto de pesquisa (a narrativa sobre a migração síria pós-guerra no JN), considerando as observações dos pesquisadores com os quais dialogamos, o jornalismo de qualidade seria justamente aquele que promove a paz através de narrativas que sensibilizam o público. Que estimulam que aqueles que fogem de seus países de origem por estarem em situação de extrema vulnerabilidade sejam bem recebidos. Através da análise da narrativa jornalística, é possível identificar a qualidade da notícia e perceber suas inclinações para a promoção da paz ou para a reprodução da violência.

CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Neste capítulo, discorreremos sobre os percursos metodológicos que guiaram nossa pesquisa e explicamos as motivações que justificam a escolha de nosso objeto de pesquisa e explicamos os critérios adotados para a seleção das unidades de análise. Também compartilhamos o modelo analítico utilizado para a interpretação das notícias, construído a partir da seleção justificada de algumas das categorias de análise propostas no modelo teórico-metodológico da Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta (2013).

2.1. Objeto de pesquisa

Conforme explicitamos anteriormente, a narrativa das mídias sobre as relações internacionais é, por formação acadêmica, um tema que tem provocado nossa atenção.

Dentro desse tema, em busca de nosso objeto desta pesquisa, enfocamos o fluxo migratório proveniente da Síria após a guerra civil, que eclodiu em 2011 (sobre o contexto dessa guerra, ver a introdução desta dissertação).

Refugiados e imigrantes são categorias diferentes. Todo refugiado é migrante e potencial imigrante, mas nem todo imigrante é refugiado. Ainda assim, observamos que nas muitas notícias do JN, os dois termos foram utilizados, de forma significativa, como sinônimos. Ambos, apesar de carregarem sentidos distintos, são associados a situações de igual natureza e que nem sempre trazem consigo uma conotação positiva, como: clandestinidade, ilegalidade, criminalidade, terrorismo, tragédias, rejeição, naufrágio, fuga, crise, expulsão, entre outras. As abordagens mais solidárias foram identificadas em contextos mais específicos, como algumas veiculadas no mês de setembro de 2015, quando circulou em todo o globo a fotografia do pequeno Alan Kurdi, criança síria encontrada morta às margens de uma praia na Turquia, e que se tornou o símbolo da atual crise migratória e humanitária, já classificada pela ONU como a maior delas, desde a Segunda Guerra Mundial.¹⁰ No entanto, em boa parte das notícias, refugiados e imigrantes aparecem como aqueles que as demais nações evitam receber, sob alegações de dificuldades econômicas ou mesmo culturais. A análise do discurso de alguns dos dirigentes dos países que não os acolhem demonstra que em alguns casos, suas recusas de acolhimento se dão por motivações de ordem étnico-racial – o que nunca é admitido.

Refugiados e imigrantes necessitam de acolhimento, tanto das políticas externas quanto das políticas internas dos países de destino. Entretanto, no nosso primeiro contato com as

¹⁰ No referido mês, a temática dos refugiados e imigrantes teve espaço em 18 das 26 edições.

reportagens do JN nas quais os mesmos aparecem como personagens, a forma como eles eram apresentados nos provocou indagações a respeito de se as mesmas poderiam ser fatores que implicassem negativamente em sua recepção no Brasil e na execução dessas políticas.

O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos e, segundo dados do ACNUR, entre 2010 e 2015, o número total de solicitações de refúgio para o país aumentou mais de 2.868%. A maioria dos solicitantes de refúgio vem da Ásia (principalmente do Oriente Médio), da África e do Caribe.¹¹ O que esses números mostram é que os movimentos migratórios motivados por conflitos internacionais e outras mazelas têm dimensão prática para o Brasil: domesticamente, em relação ao acolhimento em si; externamente, no que diz respeito à atuação e posicionamento internacional do país nas questões de conflito e de política de migração e refúgio.

Considerando que (1) os imigrantes de nacionalidade síria chegaram a se tornar, nos últimos anos, o maior grupo de refugiados do Brasil, (2) a gravidade do conflito na Síria e (3) a crise humanitária que aparece como pano de fundo dessas migrações, escolhemos focar as notícias sobre a migração de cidadãos sírios no período pós-guerra, mais especificamente, no período de maior agravamento desta crise (2015).

2.2. O corpus

Definida a narrativa sobre a migração síria pós-guerra como o objeto de nossa pesquisa, foi necessário decidir de onde extrairíamos o seu *corpus*. Decidimo-nos pela cobertura jornalística do *Jornal Nacional*, a partir de critérios que discutimos abaixo.

2.2.1. Critérios para a delimitação do corpus da pesquisa

Para refletir sobre a narrativa da migração síria pós-guerra, fizemos a opção de investigá-la a partir do meio de comunicação que tem maior participação informativa no cotidiano dos brasileiros: a televisão. Essa decisão foi embasada nos dados divulgados pela Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), divulgada anualmente na forma de relatório publicado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. A pesquisa aponta que os telejornais têm se preservado como o principal veículo informativo no Brasil, embora a influência da internet seja cada vez mais crescente no país. Em 2015 – ano em que foram exibidas as reportagens que serviram de unidades de análise para a nossa pesquisa –, os dados

¹¹ Dados disponíveis em <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso: 22/06/2016.

da PBM de 2015, mostraram que: (1) 95% dos brasileiros assistem TV; (2) 73% a assistem todos os dias da semana e 72% dos brasileiros tem acesso apenas à TV aberta; (3) 79% dos telespectadores alegam terem por principal motivação do hábito, a intenção de saber as notícias; e; (4) o período de maior exposição à TV ocorre das 18 às 23 horas.

Além da evidência do espaço que a televisão ocupa na vida dos brasileiros na atualidade os dados mostram-nos que o acompanhamento da TV aberta e das programações noturnas é habitual, sendo que os telejornais exibidos em período noturno foram apontados como os veículos mais influentes.

No Brasil, há diversos telejornais exibidos na TV aberta durante o horário noturno. São eles, por emissora, *Jornal Nacional (Globo)*, *Jornal da Record (Record)*, *SBT BRASIL (SBT)*, *Jornal da Band (Band)* e *RedeTV News (Rede TV)*. Dentre eles, o *Jornal Nacional (JN)* por consecutivos anos, tem sido o telejornal de maior audiência no Brasil, frequentemente listado entre os três programas de maior audiência do país segundo índices divulgados semanalmente pelo IBOPE.

À época das notícias que utilizamos como unidades de análise, os dados de *ranking* disponíveis na página do IBOPE (período de 14/09/2015 à 20/11/2016) mostram que o *Jornal Nacional* esteve sempre entre os quatro primeiros programas na TV aberta com maior audiência no país, inclusive ocupando repetidas vezes o primeiro e o segundo lugar, e raras vezes ocupando o quarto lugar. Entre as quatro primeiras posições estiveram sempre telenovelas e outros programas, mas nenhum outro telejornal.

Outro critério para a escolha pelo JN foi a facilidade de acesso às notícias. Desde novembro de 2014, o JN publica em seu *site* institucional todas as edições. O acesso à íntegra das matérias é garantido aos assinantes. Já para o público em geral, as notícias aparecem subdivididas em matérias/títulos. O contexto da convergência digital é, sem dúvida, um dos grandes facilitadores desta pesquisa, como mostram as figuras 2 a 5.

O telespectador que for usuário da internet, tem interação direta com o telejornal a partir das redes sociais. O JN tem perfil no *facebook* e no *twitter*, e interage diariamente com os telespectadores *on-line*, fazendo chamadas para a programação e postando as reportagens ou seus links nas redes sociais.

Figura 2 – Jornal Nacional on-line



Fonte: Site do Jornal Nacional¹⁴

Figura 3: Edições subdivididas em matérias, por título.



Fonte: Site do Jornal Nacional

¹⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/> Acesso: 25/11/2016.

Figura 4: Matéria na íntegra, com título, subtítulo, vídeo e redação do texto.



Fonte: Site do Jornal Nacional¹⁵

Figura 5 – Chamada no facebook do JN para assistir à programação na TV



Fonte: Página do Facebook do JN¹⁶

¹⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/11/refugiados-da-siria-buscam-vida-nova-no-brasil.html> Acesso 25/11/2016.

¹⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/JornalNacional/?fref=ts> Acesso 25/11/2016

2.2.2. Delimitação das unidades de análise

A arquitetura do *site*¹⁷ apresentada no tópico anterior possibilitou que pudéssemos fazer uma primeira pesquisa exploratória sobre os temas que costumam ser abordados envolvendo relações internacionais. Visitamos, ao longo do ano de 2016, todas as edições do JN veiculadas entre 1º de novembro de 2014 (data em que o telejornal passou a disponibilizar as telenotícias *on-line*) e 1º de novembro de 2016, totalizando 2 anos de cobertura.

Nesse primeiro contato com o veículo, foi possível perceber que as telenotícias com conteúdo internacional geralmente abordam esporte, cultura, ciência e tecnologia, relações econômicas, políticas e diplomáticas, fenômenos curiosos e catástrofes (naturais ou não), mas, especialmente, chamou-nos atenção o espaço grandioso dado aos conflitos internacionais belicosos, ao terrorismo e às mazelas que deles decorrem. Foi nesse âmbito que nos sensibilizamos com as notícias sobre as migrações, os deslocados de guerra e, em especial, os refugiados.

Na primeira fase da pesquisa, que se assemelhou aos movimentos de pré-análise e exploração do material, ambos descritos na metodologia da Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (2007)¹⁸, assistimos mais de 500 edições do JN, exibidas ao longo dos dois anos de cobertura acompanhados. Dentre elas, contabilizamos 56 matérias, exibidas dentro de 52 edições, em que o objeto de estudo deste trabalho foi abordado, cuja soma da duração das reportagens totalizou 46 minutos e 36 segundos. Os títulos dessas matérias – bem como subtítulos, *links* e tempo de duração – podem ser consultados na tabela 1.

Tabela 1 – Corpus da pesquisa

Data e título da reportagem	Subtítulo	Link	Tempo (mm:ss)
1 de novembro de 2014: Refugiados da Síria buscam vida nova no Brasil.	Eles deixam tudo para trás - patrimônio, emprego e muitas vezes até a família - e já se tornaram a maior população de refugiados no Brasil.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/11/refugiados-da-siria-buscam-vida-nova-no-brasil.html	02:51
31 de dezembro de 2014: Guarda Costeira italiana resgata 970 imigrantes de navio deixado à deriva.	Autoridades suspeitam que tripulantes que abandonaram o cargueiro sejam traficantes de pessoas. A maioria dos	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/guarda-costeira-italiana-resgata-970-	01:58

¹⁷ A arquitetura à qual nos referimos pode ser consultada em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/> Acesso: 26/06/2016.

¹⁸ Na AC, os conteúdos são tratados basicamente em três fases de análise: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira fase tem um perfil mais exploratório, na qual aproximamo-nos do objeto para tomar impressões iniciais que nos auxiliem na fase de exploração do material, momento no qual os conteúdos são sistematizados e categorizados para facilitar o tratamento dos resultados (BARDIN, 2007).

	imigrantes fugiu da guerra civil da Síria.	imigrantes-de-navio-deixado-deriva.html	
3 de janeiro de 2015: Mais de 350 imigrantes que estavam à deriva chegam ao sul da Itália.	Clandestinos oriundos de Serra Leoa estavam a 90 km da costa italiana em cargueiro abandonado pelos tripulantes e foram salvos pela guarda costeira	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/01/E5-de-350-imigrantes-que-estavam-deriva-chegam-ao-sul-da-italia.html	01:44
5 de janeiro de 2015: Intolerância contra imigrantes e muçulmanos cresce na Alemanha.	Manifestações contra e a favor da religião islâmica tomaram as ruas de várias cidades da Alemanha nesta segunda-feira (5).	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/01/intolerancia-contra-imigrantes-e-muculmanos-cresce-na-alemanha.html	01:50
5 de janeiro de 2015: Líbano começa a restringir a entrada de sírios no território.	É uma tentativa de conter o fluxo maciço de refugiados da guerra civil no país vizinho.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/01/libano-comeca-restringir-entrada-de-sirios-no-territorio.html	00:30
13 de março de 2015: PF adapta atendimento a sírios que fogem da guerra civil na Síria.	Brasil é um dos destinos mais procurados entre famílias que fogem da guerra civil. Uma vez por semana, delegacia fica reservada para os sírios.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/03/pf-adapta-atendimento-sirios-que-fogem-da-guerra-civil-na-siria.html	02:11
18 de junho de 2015: ONU alerta que o número de refugiados no planeta é o maior da história.	Foram quase 60 milhões de pessoas forçadas a deixar as casas em 2014. Sírios representam a maioria dos refugiados.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/06/onu-alerta-que-numero-de-refugiados-no-planeta-e-o-maior-da-historia.html	02:15
26 de junho de 2015: Líderes europeus chegam a acordo para tentar resolver crise migratória.	Eles concordaram em dividir o acolhimento aos imigrantes. São 60 mil refugiados de países que não integram a União Europeia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/06/leaders-europeus-chegam-acordo-para-tentar-resolver-crise-migratoria.html	00:25
21 de agosto de 2015: Polícia da Macedônia lança bombas de efeito moral contra refugiados.	Nos últimos dois meses, cerca de 44 mil imigrantes entraram na Macedônia pela Grécia. A ONU alerta que eles precisam de ajuda para seguir viagem.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/08/policia-da-macedonia-lanca-bombas-de-efeito-moral-contra-refugiados.html	01:34
3 de setembro de 2015: Imagens dramáticas se transformam em símbolo da crise dos imigrantes.	Nas últimas 24 horas, a face mais brutal da crise migratória na Europa produziu imagens que se já se tornaram símbolo dessa tragédia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/imagens-dramaticas-se-transformam-em-simbolos-da-crise-dos-imigrantes.html	02:48
4 de setembro de 2015: Mais de 300 mil imigrantes já atravessaram o Mediterrâneo em 2015.	A União Europeia deu início recentemente uma operação para monitorar as gangues de traficantes de pessoas perto do mar da Líbia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/mais-de-300-mil-imigrantes-ja-atraversaram-o-mediterraneo-em-2015.html	03:01
5 de setembro de 2015: Navio brasileiro ajuda a salvar mais de 200 imigrantes no Mediterrâneo.	Drama dos refugiados que chegam à Europa chama atenção do planeta. Em 24 horas, seis mil atravessaram a fronteira da Hungria com a Áustria.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/navio-brasileiro-ajuda-salvar-mais-de-200-imigrantes-no-mediterraneo.html	05:01
5 de setembro de 2015: Internet tem corrente de solidariedade para ajudar refugiados.	Grupos compartilham informações sobre caminhos ou lugares a serem evitados. Campanhas ajudam a arrecadar dinheiro para quem precisa.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/internet-tem-corrente-de-solidariedade-para-ajudar-refugiados.html	01:41

7 de setembro de 2015: Líderes mundiais anunciam novas medidas para ajudar refugiados.	Alemanha vai gastar seis bilhões de euros para acomodar refugiados. Reino Unido e a França prometem acolher milhares de imigrantes.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/lideres-mundiais-anunciam-novas-medidas-para-ajudar-refugiados.html	02:23
10 de setembro de 2015: Obama pede que governo se prepare pra receber refugiados sírios em 2016.	Congresso americano ainda precisa aprovar medida, mas diz que dez mil é número insuficiente pra lidar com a crise humanitária causada pela guerra.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/obama-pede-que-governo-se-prepare-para-receber-refugiados-sirios-em-2016.html	00:25
11 de setembro de 2015: Barack Obama diz que os EUA têm obrigação de receber refugiados sírios.	Governo americano planeja acolher 10 mil refugiados. Enquanto isso, países da Europa tentam entrar em acordo para distribuir imigrantes.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/barack-obama-diz-que-os-eua-tem-obrigacao-de-receber-refugiados-sirios.html	02:25
11 de setembro de 2015: Filhos de refugiados têm recomeço difícil ao chegar ao Brasil.	Alguns se sentem pressionados e discriminados pelos colegas das escolas. Muitas vezes eles se tornam os intérpretes linguísticos dos pais.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/filhos-de-refugiados-tem-recomeco-dificil-ao-chegar-ao-brasil.html	03:47
14 de setembro de 2015: Europa não consegue aprovar plano de cotas e distribuir refugiados.	Áustria, Eslováquia e Holanda decidiram implantar novos controles nas fronteiras para conter os imigrantes ilegais que tentam chegar ao continente.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/europa-nao-consegue-aprovar-plano-de-cotas-e-distribuir-refugiados.html	01:54
15 de setembro de 2015: Hungria torna crime imigração ilegal e prende dezenas de refugiados.	País fechou a fronteira com a Sérvia e prendeu até agora 174 refugiados que tentaram entrar ilegalmente.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/hungria-torna-crime-imigracao-ilegal-e-prende-dezenas-de-refugiados.html	01:40
16 de setembro de 2015: Policiais atiram gás lacrimogênio em refugiados na fronteira da Hungria.	Correspondente testemunhou repressão da polícia da Hungria a refugiados. Equipe ficou na área de ataque dos jatos d'água e das bombas de gás.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/policiais-atiram-gas-lacrimogeneo-em-refugiados-na-fronteira-da-hungria.html	03:28
17 de setembro de 2015: Centenas de refugiados rompem bloqueio para entrar na Croácia.	País se transformou na mais nova rota de imigrantes que tentam chegar ao norte da Europa.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/centenas-de-refugiados-rompem-bloqueio-para-entrar-na-croacia.html	02:02
18 de setembro de 2015: Croácia decide fechar pontos de fronteira com a Sérvia.	Governo croata chegou a anunciar que os imigrantes eram bem-vindos. Mas nesta sexta-feira (18) mudou de ideia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/croacia-decide-fechar-pontos-de-fronteira-com-servia.html	00:29
19 de setembro de 2015: Naufrágio na costa da Grécia mata menina síria de 5 anos.	Outras 13 pessoas estão desaparecidas. Milhares de imigrantes seguem da Hungria para a Áustria.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/naufragio-na-costa-da-grecia-mata-menina-siria-de-5-anos.html	00:51
29 de setembro de 2015: Europa recebeu meio milhão de refugiados pelo Mediterrâneo em 2015.	Trezentos mil a mais do que no ano passado inteiro. Quase três mil pessoas morreram na travessia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/europa-recebeu-meio-milhao-de-refugiados-pelo-mediterraneo-em-2015.html	00:22
29 de setembro de 2015: Refugiados sírios na Jordânia	Todos os dias, cerca de mil refugiados sírios procuram a embaixada da Síria em Amã.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/refugi	03:35

tem o sonho de morar no Brasil.	Eles tentam um passaporte, que custa caro.	ados-sirios-na-jordania-tem-o-sonho-de-morar-no-brasil.html	
12 de outubro de 2015: Refugiados que chegam ao Brasil enfrentam muitas dificuldades.	Pedidos de ajuda têm se multiplicado principalmente de 2013 até hoje. Muitos estrangeiros não falam português e não têm família no país.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/refugiados-que-chegam-ao-brasil-enfrentam-muitas-dificuldades.html	03:30
17 de outubro de 2015: Filhos de refugiados cantam música brasileira em festa em São Paulo.	Festa reuniu neste sábado (17) dezenas de crianças de famílias que fugiram de guerras na África e no Oriente Médio.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/filhos-de-refugiados-cantam-musica-brasileira-em-festa-em-sao-paulo.html	02:36
19 de outubro de 2015: Croácia decide autorizar a entrada de milhares de imigrantes.	Milhares de imigrantes estavam retidos na divisa com a Sérvia. Restrições impostas aos imigrantes nas fronteiras continuam.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/croacia-decide-autorizar-entrada-de-milhares-de-imigrantes.html	02:04
20 de outubro de 2015: Crianças esperam vez de passar pela fronteira entre Servia e Croácia.	Nações Unidas divulgaram, nesta terça-feira (20), novos números que refletem a dimensão da crise migratória na Europa.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/criancas-esperam-vez-de-passar-pela-fronteira-entre-servia-e-croacia.html	01:21
26 de outubro de 2015: Europa aceita abrigar mais de 100 mil refugiados que cruzam o continente.	Metade vai para abrigos na região dos Bálcãs e metade na Grécia, a principal porta de entrada de imigrantes e refugiados na Europa.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/europa-aceita-abrigar-mais-100-mil-refugiados-que-cruzam-continente.html	01:59
28 de outubro de 2015: Áustria planeja erguer cerca para controlar entrada de refugiados.	Ministra austríaca garante que o objetivo é controlar e não fechar as fronteiras. Ministro alemão acusou Áustria de levar imigrantes à fronteira sem aviso.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/austrica-planeja-erguer-cerca-para-controlar-entrada-de-refugiados.html	01:27
30 de outubro de 2015: Mais de dez crianças morreram em naufrágio perto de ilha grega.	Crianças morreram em naufrágio na travessia entre a Turquia e a Grécia. Situação dos refugiados é um problema na Europa.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/mais-de-dez-criancas-morreram-em-naufragio-perto-de-ilha-grega.html	01:36
15 de novembro de 2015: França suspeita que terrorista entrou na Europa pela rota dos refugiados.	Suspeita reacendeu discussão sobre o fechamento das fronteiras. Impressões digitais de terrorista tinham sido registradas em posto de controle na Grécia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/franca-suspeita-que-terrorista-entrou-na-europa-pela-rota-dos-refugiados.html	02:21
14 de dezembro de 2015: Quadrilha que transformava sírios em cidadãos brasileiros é descoberta.	Dezenas de imigrantes obtiveram certidão de nascimento, identidade, título de eleitor e passaporte. Crime pode colocar segurança nacional em risco.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/quadrilha-que-transformava-sirios-em-cidadaos-brasileiros-e-descoberta.html	07:40
15 de dezembro de 2015: JN mostra como vivem os sírios que viraram brasileiros por meio de fraude.	Policiais entregaram ao Ministério das Relações Exteriores todas as informações sobre os 72 sírios que também foram investigados na internet.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/jn-mostra-como-vivem-os-sirios-que-viraram-brasileiros-por-meio-de-fraude.html	03:27
18 de dezembro de 2015: Número de refugiados em 2015	Novos dados da ONU estimam que 60 milhões de pessoas	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/numero-de-refugiados-em-2015-	01:59

chega a 60 milhões segundo ONU.	fugiram de conflitos em 2015, atingindo um recorde histórico.	chega-60-milhoes-segundo-onu.html	
22 de dezembro de 2015: Mais de um milhão de imigrantes entraram na Europa em 2015.	O número é quatro vezes maior do que em 2014. A maioria saiu da Síria, fugindo da guerra civil. Ao todo, 3.695 morreram ou estão desaparecidos.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/mais-de-um-milhao-de-imigrantes-entraram-na-europa-em-2015.html	01:38
30 de dezembro de 2015: Justiça decreta prisão de quadrilha que fraudava documentos sírios.	Integrantes fraudavam documentos para transformar cidadãos sírios em brasileiros. Setenta e três sírios vão responder por falsidade ideológica.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/justica-decreta-prisao-de-quadrilha-que-fraudava-documentos-para-sirios.html	00:29
13 de janeiro de 2016: Homem bomba entrou na Turquia como refugiado da Síria.	Câmeras de segurança registraram o suspeito num centro de imigrantes em Istanbul, há uma semana.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/01/homem-bomba-entrou-na-turquia-como-um-refugiado-da-siria.html	00:34
20 de janeiro de 2016: Estado Islâmico e crise de refugiados dominam discussões em Davos.	Fórum Econômico foi aberto nesta quarta-feira (20), na Suíça. Presidente da Comissão Europeia insiste que fechar as fronteiras não é solução.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/01/estado-islamico-e-crise-de-refugiados-dominam-discussoes-em-davos.html	02:14
22 de janeiro de 2016: Dois naufrágios aumentam a dimensão da tragédia dos refugiados na Europa.	Equipes de resgate ainda buscam sobreviventes no Mar Egeu. Mas já se sabe que 43 imigrantes morreram.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/01/dois-naufragios-aumentam-dimensao-da-tragedia-dos-refugiados-na-europa.html	00:38
8 de fevereiro de 2016: Mais um naufrágio na costa da Turquia mata 27 imigrantes.	Fronteira turca com a Síria está fechada e 35 mil sírios que fogem de guerra, segundo a ONU, lotam campo de refugiados.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/mais-um-naufragio-na-costa-da-turquia-mata-27-imigrantes.html	02:28
9 de fevereiro de 2016: ONU pede que Turquia abra fronteira para milhares de refugiados sírios.	Trinta mil sírios estão acampados, esperando a abertura da fronteira turca. Eles escaparam dos confrontos em Aleppo.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/onu-pede-que-turquia-abra-fronteira-para-milhares-de-refugiados-sirios.html	00:32
8 de março de 2016: ONU critica plano da União Europeia e da Turquia para conter refugiados.	Quase 130 mil pessoas fugiram para a Europa pelo mar este ano. UE pretende deportar imigrantes que chegam à Grécia pela Turquia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/03/onu-critica-plano-da-uniao-europeia-e-da-turquia-para-conter-refugiados.html	01:54
1 de abril de 2016: Turquia forçou refugiados a voltarem para Síria, denuncia a Anistia.	Cem sírios são devolvidos diariamente para o país de onde fogem. Lei internacional obriga acolhimento de quem escapa das guerras.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/turquia-forcou-refugiados-voltarem-para-siria-denuncia-anistia.html	01:05
8 de abril de 2016: Grécia volta a deportar imigrantes para a Turquia.	Três ativistas se jogaram ao mar para tentar impedir que balsa deixasse ilha. Manifestantes dizem que expulsar refugiados fere as leis internacionais.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/grecia-volta-deportar-imigrantes-para-turquia.html	00:28
16 de abril de 2016: Papa leva três famílias de refugiados sírios para Roma.	Ideia é ajudar os muçulmanos a encontrar trabalho. Papa explicou que foi um gesto humanitário e dentro da lei.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/04/papa-leva-tres-familias-de-refugiados-sirios-para-roma.html	00:31

6 de maio de 2016: Papa Francisco critica política de imigração europeia.	Papa ganhou prêmio pelo empenho por paz, compreensão e misericórdia. Pontífice pediu integração, diálogo e novo humanismo na Europa.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/05/papa-francisco-critica-politica-de-imigracao-europeia.html	01:35
20 de junho de 2016: ONU registra número recorde de refugiados e deslocados no planeta.	São 65 milhões fugindo de guerras, perseguições ou tortura. A cada minuto o mundo produz 24 novos refugiados.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/06/onu-registra-o-numero-recorde-de-refugiados-e-deslocados-no-planeta.html	01:47
02 de agosto de 2016: Olimpíadas tem inédita delegação formada por refugiados.	não há	http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/08/02.html#!v/5207586	01:26
18 de agosto de 2016: Imagem de menino resgatado em bombardeio na síria comove o mundo.	Criança de 5 anos é levada para ambulância coberta de pó e sangue. ONU pediu pausa de 48 horas nos confrontos para levar comida e remédios.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/08/image-m-de-menino-resgatado-de-bombardeio-na-siria-comove-o-mundo.html	01:27
7 de setembro de 2016: "Crianças refugiadas chegam a 50 milhões no mundo", diz UNICEF.	Número total de refugiados aumentou 77% em cinco anos. ONU exige acordos que possam pôr fim aos conflitos.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/criancas-refugiadas-chegam-50-milhoes-no-mundo-diz-unicef.html	01:25
17 de setembro de 2016: "O Mediterrâneo é um cemitério", diz Papa sobre imigrantes.	Segundo Francisco, situação pode explodir por incapacidade da Europa. Ele comparou Maria, José e Jesus a uma família de refugiados.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/o-mediterraneo-e-um-cemiterio-diz-papa-sobre-os-imigrantes.html	01:37
19 de setembro de 2016: Em Londres, ato em favor dos refugiados tem coletes salvavidas.	não há	http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/09/19.html#!v/5317654	00:18
14 de outubro de 2016: Diminui o número de refugiados que pedem asilo na Alemanha.	País é o mais procurado da Europa por imigrantes em fuga. Alemanha recebeu quase 1 milhão de imigrantes em 2015.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/10/diminui-numero-de-refugiados-que-pedem-asilo-na-alemanha.html	02:03
22 de outubro: Navio do Médicos Sem Fronteiras resgata imigrantes no Mar Mediterrâneo.	não há	http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/10/22.html#!v/5397088	00:17
52 edições	56 reportagens		45:36

A partir dos dados sobre as edições e matérias do JN incluídas nas tabelas acima, formulamos os gráficos que apresentamos a seguir:

Gráfico 3 - Número de edições sobre o tema por mês (01/11/14 a 01/11/16)

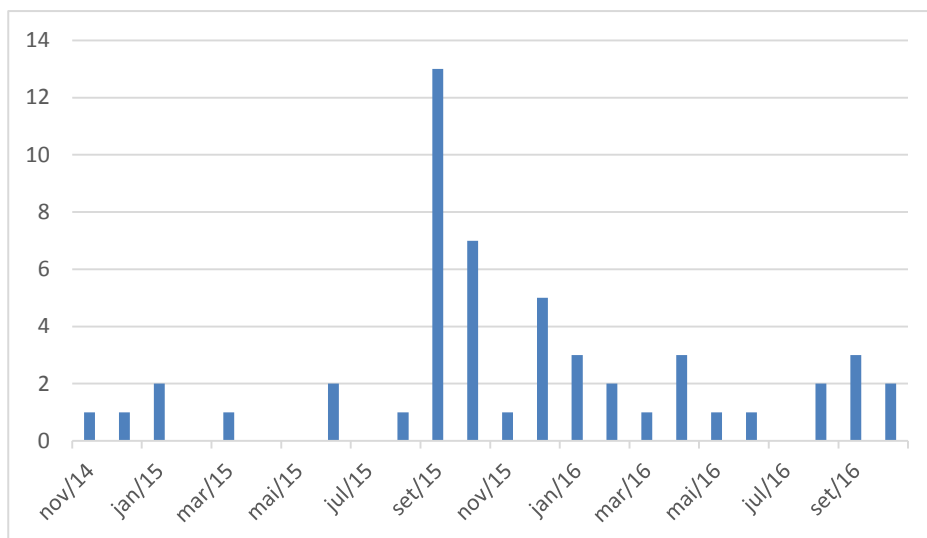
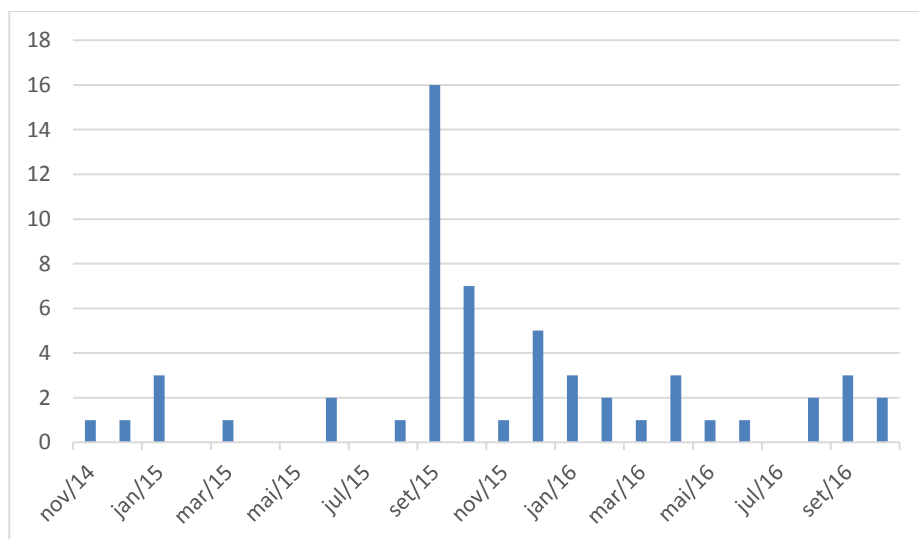


Gráfico 4 - Número de matérias sobre o tema por mês (01/11/14 a 01/11/16)



Na primeira fase de nossa pesquisa, assistimos todas as reportagens selecionadas para o nosso *corpus*. Suas datas coincidem com o período em que as notícias do *Jornal Nacional* passam a ser disponibilizadas na internet.

Através desse primeiro contato com as matérias, foi possível perceber que as notícias em geral abordavam situações repetidas:

- tragédias com refugiados sírios, principalmente naufrágios no mar Mediterrâneo;
- a recusa ou restrição imposta pelos países para a entrada de imigrantes;
- as discussões e as tentativas dos países do mundo, especialmente dos membros da União Europeia, para solucionar a “crise migratória”;

- d) tráfico de pessoas, barcos clandestinos e prisão de quadrilhas que transportam refugiados ilegalmente;
- e) o desespero e a ação arbitrária dos refugiados para ingressar nos países desenvolvidos, especialmente Inglaterra e França;
- f) intolerância, agressão e preconceito contra refugiados;
- g) associação de refugiados a ações de crime e ao terrorismo;
- h) ações de solidariedade, ajuda humanitária e resgate de refugiados;
- i) refugiados, migrações e relatos de vida;
- j) pronunciamentos de Organizações Internacionais (OIs), de Organização Internacionais Não Governamentais (OINGs) e do Vaticano (na pessoa do Papa Francisco) sobre a crise humanitária; e
- k) equipe de refugiados dos Jogos Olímpicos.

Com todas essas possibilidades em mãos, proporcionadas por um *corpus* muito extenso para esta pesquisa, nós fizemos novos recortes a partir da seleção de unidades de análise.

Pela importância do acontecimento, escolhemos como episódio inicial e ponto de partida a notícia veiculada no dia 3 de setembro de 2015, que trata da história de Alan Kurdi, criança síria encontrada sem vida às margens de uma praia na Turquia. O acontecimento circulou nos jornais do mundo todo e provocou grande comoção mundial, retratada nas redes sociais. O impacto da imagem do pequeno menino foi assim analisado por Ladeira Mota e Cavalcanti-Cunha no artigo *Imagem de guerra na memória social* (2016, p. 338-339):

Com novas guerras em prosseguimento no século XXI – uma imagem surgida nas redes sociais chocou o mundo em setembro de 2015: o menino Alan Kurdi, de três anos, afogado e devolvido pelo mar à praia de Bodrum, na Turquia. A foto ganhou visibilidade mundial tornando-o símbolo do drama enfrentado por refugiados que fogem da guerra e da fome em países como a Síria, a Líbia e a Eritreia, entre outros. À foto do menino seguiram-se imagens transmitidas quase diariamente pela TV e portais de jornalismo pelo mundo mostrando multidões de fugitivos caminhando a pé e atravessando países europeus em busca de asilo.

É importante observar que só no mês de setembro, o JN abordou o tema da migração síria em 16 matérias e em 13 edições, o que denota o valor-notícia que foi agregado às reportagens. Observando com maior atenção as notícias que sucederam àquela que escolhemos como ponto de partida, nos chamou a atenção duas notícias, exibidas nos dias 14 e 15 de dezembro de 2015. Elas tratam da cobertura de uma fraude que tornava sírios cidadãos

brasileiros. Uma delas, a do dia 14 de dezembro, tem a duração de 7 minutos e 40 segundos, sendo a matéria mais longa que encontramos entre as 56 que formam o *corpus* desta pesquisa.

A notícia do dia 3 de setembro provoca comoção e solidariedade para com os sírios que deixam seu país para tentar reconstruir suas vidas em outros lugares, muitas vezes colocando a si próprios e as suas famílias em risco. Já as notícias dos dias 14 e 15 de dezembro mostram uma face completamente diferente dos movimentos migratórios, que também envolve sírios, dessa vez em situação de criminalidade internacional, e que os enquadra como sujeitos que representam riscos de segurança ao país. Observando esses dois extremos, que formam duas narrativas diferentes sobre a migração síria, decidimos dedicar uma atenção mais minuciosa às notícias sobre o tema exibidas no intervalo de tempo entre setembro e dezembro de 2015.

Na observação das notícias desse interregno, entre um extremo e outro, nos pareceu que é possível ligar os pontos. Entre explicações que mostram o embate no âmbito da União Europeia para dividir os refugiados entre os países, as atitudes polêmicas dos países do leste europeu e do Reino Unido de rejeição a imigrantes e a postura brasileira de acolhimento a refugiados, surge um acontecimento, em novembro, que parece influenciar o tom das narrativas que o sucederem: o atentado terrorista que ceifou a vida de dezenas de pessoas no *Bataclan*, uma casa de *show* situada em Paris. Nesse sentido, atentamos para outras reportagens, veiculadas no mês de novembro de 2015, que afirmavam que os terroristas falavam árabe, eram muçulmanos e que a França suspeitava que eles haviam entrado no país pela rota de refugiados.

Basicamente, esses três acontecimentos nortearam a escolha das reportagens que se tonaram as nossas unidades de análise. Assim, selecionamos 11 reportagens que conformam três narrativas sobre a migração síria pós-guerra. As unidades de análise selecionadas são apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 2 – Unidades de análise da pesquisa

Data e título da reportagem	Subtítulo	Link	Tempo (mm:ss)
3 de setembro de 2015: Imagens dramáticas se transformam em símbolo da crise dos imigrantes.	Nas últimas 24 horas, a face mais brutal da crise migratória na Europa produziu imagens que se já se tornaram símbolo dessa tragédia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/imagens-dramaticas-se-transformam-em-simbolos-da-crise-dos-imigrantes.html	02:48
4 de setembro de 2015: Mais de 300 mil imigrantes já atravessaram o Mediterrâneo em 2015.	A União Europeia deu início recentemente uma operação para monitorar as gangues de traficantes de pessoas perto do mar da Líbia.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/mais-de-300-mil-imigrantes-ja-atraversaram-o-mediterraneo-em-2015.html	03:01

5 de setembro de 2015: Navio brasileiro ajuda a salvar mais de 200 imigrantes no Mediterrâneo.	Drama dos refugiados que chegam à Europa chama atenção do planeta. Em 24 horas, seis mil atravessaram a fronteira da Hungria com a Áustria.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/navio-brasileiro-ajuda-salvar-mais-de-200-imigrantes-no-mediterraneo.html	05:01
11 de setembro de 2015: Barack Obama diz que os EUA têm obrigação de receber refugiados sírios.	Governo americano planeja acolher 10 mil refugiados. Enquanto isso, países da Europa tentam entrar em acordo para distribuir imigrantes.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/barack-obama-diz-que-os-eua-tem-obrigacao-de-receber-refugiados-sirios.html	02:25
11 de setembro de 2015: Filhos de refugiados têm recomeço difícil ao chegar ao Brasil.	Alguns se sentem pressionados e discriminados pelos colegas das escolas. Muitas vezes eles se tornam os intérpretes linguísticos dos pais.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/filhos-de-refugiados-tem-recomeco-dificil-ao-chegar-ao-brasil.html	03:47
29 de setembro de 2015: Refugiados sírios na Jordânia tem o sonho de morar no Brasil.	Todos os dias, cerca de mil refugiados sírios procuram a embaixada da Síria em Amã. Eles tentam um passaporte, que custa caro.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/refugiados-sirios-na-jordania-tem-o-sonho-de-morar-no-brasil.html	03:35
12 de outubro de 2015: Refugiados que chegam ao Brasil enfrentam muitas dificuldades.	Pedidos de ajuda têm se multiplicado principalmente de 2013 até hoje. Muitos estrangeiros não falam português e não têm família no país.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/refugiados-que-chegam-ao-brasil-enfrentam-muitas-dificuldades.html	03:30
17 de outubro de 2015: Filhos de refugiados cantam música brasileira em festa em São Paulo.	Festa reuniu neste sábado (17) dezenas de crianças de famílias que fugiram de guerras na África e no Oriente Médio.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/filhos-de-refugiados-cantam-musica-brasileira-em-festa-em-sao-paulo.html	02:36
14 de dezembro de 2015: Quadrilha que transformava sírios em cidadãos brasileiros é descoberta.	Dezenas de imigrantes obtiveram certidão de nascimento, identidade, título de eleitor e passaporte. Crime pode colocar segurança nacional em risco.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/quadrilha-que-transformava-sirios-em-cidadaos-brasileiros-e-descoberta.html	07:40
15 de dezembro de 2015: JN mostra como vivem os sírios que viraram brasileiros por meio de fraude.	Policiais entregaram ao Ministério das Relações Exteriores todas as informações sobre os 72 sírios que também foram investigados na internet.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/jn-mostra-como-vivem-os-sirios-que-viraram-brasileiros-por-meio-de-fraude.html	03:27
30 de dezembro de 2015: Justiça decreta prisão de quadrilha que fraudava documentos sírios.	Integrantes fraudavam documentos para transformar cidadãos sírios em brasileiros. Setenta e três sírios vão responder por falsidade ideológica.	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/justica-decreta-prisao-de-quadrilha-que-fraudava-documentos-para-sirios.html	00:29

2.3. Nosso percurso metodológico

Nesta seção, revisamos pontos relevantes da Análise Crítica da Narrativa Jornalística (Mota, 2013), a qual utilizamos para desenhar nosso percurso metodológico e interpretarmos as três narrativas apresentadas nas unidades de análise selecionadas no *corpus* da pesquisa.

2.3.1. Contribuições da Análise Crítica da Narrativa Jornalística

A Análise Crítica da Narrativa aplicada ao enunciado jornalístico é uma proposta analítica desenvolvida pelo professor Luiz Gonzaga Motta, que parte da premissa de que o discurso jornalístico utiliza o formato narrativo na exibição de suas notícias como estratégia organizadora de seu discurso (MOTTA, 2013; MOTTA, 2007).

Por formato narrativo, tomamos a construção de significados na notícia que se dá por meio do estabelecimento de sequências de continuidade (ou descontinuidade) dos episódios, conformando um enredo, composto por acontecimento jornalístico, conflitos, personagens, e estratégias de objetivação (efeitos de real) e subjetivação (efeitos estéticos/poéticos) (MOTTA, 2007).

Dessa forma, um conjunto de notícias isoladas sobre um mesmo tema publicadas dia após dia, e que aparentemente não possuem narratividade, ao serem integradas, apresentam uma história única. Ao reunirmos as notícias em episódios e sequências maiores, como acontecimento único, recriamos uma estrutura que permite perceber e analisar o clímax, a dinâmica entre os personagens, os desfechos das histórias e a fábula que as permeia (MOTTA, 2013).

Para Motta, o conflito é a categoria estruturante da narrativa jornalística, o que significa dizer que os demais elementos da narrativa se organizarão em torno desta categoria. Entretanto, há outros pesquisadores, como Dácio Renault da Silva (2011), que argumentam que existem narrativas em que o núcleo é a personagem. Na nossa percepção, ambas as categorias estruturantes são possíveis, a depender do que a narrativa quer enfatizar. Neste trabalho, prevaleceu o conflito como categoria estruturante, dado que os demais elementos são postos em relação a ele e não em relação a um personagem específico.

Motta (2013, p. 134-139) propõe que os discursos narrativos devem ser analisados em três instâncias:

- 1) o plano da expressão (ou linguagem) – cujo foco é a retórica escrita, visual ou sonora, ou seja, os artifícios da comunicação utilizados como recursos estratégicos para transmitir a mensagem e o efeito desejado sobre o receptor da narrativa;
- 2) o plano da estória (ou conteúdo) – cujo foco está no enredo, na intriga que o compõe, nos personagens e seus papéis, na sequência e encadeamento de ações, etc. e;
- 3) o plano da metanarrativa (ou tema de fundo) – que aborda os motivos de fundo ético e moral (fábulas) presentes nas narrativas.

Entretanto, essas três instâncias se entrecruzam, não há uma ordem a seguir nelas. Por isso, para iluminar o caminho do analista, Motta também compartilha que a análise das três instâncias é possível através de movimentos de análise, entre os quais o primeiro é o movimento da recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico.

Explicando esse movimento, o pesquisador elucida que alguns temas são recorrentes no noticiário da TV, mas as notícias diárias muitas vezes parecem fragmentos desconexos, que dificilmente contam uma história completa. Portanto, o primeiro movimento do analista deve ser um esforço de conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico das notícias, para formar uma história completa, com personagens, circunstâncias e cenários, a fim de que a mesma tenha narratividade. É necessário ainda definir o início e o final, de maneira coerente e justificada. A síntese recomposta pelo analista é chamada de acontecimento jornalístico.

O segundo movimento é o da identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios. Entendendo o conflito como elemento estruturador da narrativa (núcleo em torno do qual as demais coisas gravitam), nesse movimento de análise, é necessário primeiro identificar os conflitos. Conflitos são situações problema que rompem o equilíbrio, trazendo ambiguidades entre personagens e situações. Estes podem ser primários ou secundários. Identificados os conflitos, é necessário definir como as unidades narrativas analíticas intermediárias (que são os episódios, ou as notícias separadas) se conectam ao todo, a fim de designar sua funcionalidade na trama. Existem episódios que representam o clímax da história, investidos de esclarecimentos, infografias e imagens que tentam explicar o conflito objetivamente. Outros buscam reforçar a memória cultural do receptor, trazendo as conexões necessárias à compreensão do acontecimento jornalístico, a partir de estratégias de linguagem diversas, como a analepse (imagens e textos que funcionam como *flashback*). Existem ainda aqueles que têm a função de criar e aumentar as expectativas, através da estratégia do retardamento, reforçando o contato com o telespectador. O analista deve identificar essas informações e torná-las claras em sua análise da notícia.

O passo seguinte da análise é o reconhecimento das personagens e de sua dinâmica funcional, tendo em vista que são elas os atores que realizam funções na progressão da história. Essa identificação serve especialmente para mostrar que papéis são atribuídos a cada um, geralmente podendo ser apresentados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes, etc. Para executar essa identificação, é necessário ao analista observar os designantes das personagens, como nome, identificadores e cor referências, que lhes são

atribuídas nas notícias através de recursos imagéticos, sonoros e textuais. Neste movimento, mostra-se como as notícias constroem personagens, conflitos, combates, heróis, vilões, mocinhos, bandidos, punições e recompensas.

Após a identificação dos personagens, o próximo passo do analista é buscar identificar as estratégias argumentativas (de objetivação e subjetivação) utilizadas pelo jornalismo para dar efeitos de real e efeitos estéticos de sentido à sua narrativa. Nesse sentido, é importante observar o discurso de objetividade do gênero jornalístico, que busca dar o tom de distanciamento do narrador. Motta observa que a retórica jornalística trata de dissimular as estratégias narrativas, utilizando recursos de linguagem que tem por objetivo apagar sua mediação. Esforça-se, em sua narrativa, para fazer os fatos surgirem no horizonte, como se eles falassem por si próprios. Utiliza dispositivos retóricos (a retórica jornalística), produzindo efeitos de real e de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Entretanto, como argumenta Motta, é importante ter-se em mente que o texto só se torna obra na interação entre ele e o receptor. É por isso que o analista deve se colocar na posição de um telespectador, buscando decifrar essas estratégias, através da identificação dos jogos de linguagem e das estratégias de constituição de significações em contexto.

O quinto movimento de análise sugerido por Motta é o da identificação da relação comunicativa e do contrato cognitivo. Este movimento de análise desvela a relação comunicativa narrador-narratário, ou seja, o jogo entre as intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência. O texto é percebido como o nexos de uma atividade interativa entre dois interlocutores (narrador e narratário) que realizam um ato comunicativo. Nesse ponto, parte-se do pressuposto de que nenhuma história pode ser contada na íntegra, sendo o texto pontuado por lacunas e hiatos que serão negociados no ato da leitura. Assim, o texto é transportado para a consciência do leitor e o que não está expresso impulsiona a atividade de constituição do sentido, mesmo que sob o controle do já expresso. Esse movimento de análise remete à teoria da recepção. As notícias condensam difusamente conflitos, tensões, terror e piedade, mas é o receptor das fragmentadas notícias quem vai conectar as partes com a ajuda da memória, preenchendo as lacunas, reconfigurando as indeterminações e articulando passado, presente e futuro, através de atos criativos de recepção. Há uma coconstrução da “verdade dos fatos”. Nessas negociações entre narrador e narratário, o desejo de objetividade do jornalista e sua estratégia textual de “relatar a verdade” são compactuados e validados pela comunidade de telespectadores da mídia jornalística, os quais

acreditam que o jornalismo lhes apresenta a verdade dos fatos. É como se houvesse uma convenção informal em que emissores e destinatários dão por convencionalizado que o jornalismo é o lugar natural da verdade, do texto isento e preciso, sem pressuposições. Nesse movimento de análise, o analista busca identificar elementos desse contrato cognitivo e perceber possibilidades de interpretação do texto jornalístico e de preenchimento das lacunas deixadas no mesmo.

O último movimento de análise sugerido por Motta é o da identificação das metanarrativas, que são os significados de fundo moral ou fábula da história. O autor alega que a narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, é também fortemente determinada por um fundo ético ou moral. Para identificá-lo, o analista deve perceber quais são os fatos destacados pelo jornalista que transgridem preceitos éticos ou morais, alguma lei, algum consenso cultural. Novamente, retomamos o caminho dos receptores, que, com o auxílio da memória e dos mapas culturais, recompõem as narrativas e são dominados por estados de ânimo de maior ou menor comoção frente aos dramas e tragédias diárias reportadas pelas notícias. No caso de nossa análise, por exemplo, entendemos que os telespectadores são estimulados pela linguagem dramática do jornalismo (verbal e imagética) e assim adentram universos imaginários afetivos, experimentam o campo da intemporalidade e das indeterminações. Nesses casos, a notícia ultrapassa a experiência cognitiva, tornando-se também uma experiência estética ou emocional profunda. A partir desse movimento de análise, o analista da narrativa pode alcançar a dimensão pré-jornalística que o jornalismo relatou através de intrigas fragmentadas em notícias diárias, percebendo o nível da cultura, das significações profundas, do plano moral, ético e simbólico presentes na narrativa jornalística.

2.3.2. A construção de um modelo analítico adaptado ao nosso objeto de pesquisa

Na obra *Análise Crítica da Narrativa* (2013), Motta deixa claro que ele trabalha uma análise empírica da comunicação narrativa. Por empírico, tomamos a interpretação de que apesar de haver um caminho, um passo a passo do como fazer, é necessário que o analista seja cauteloso para não engessar sua análise.

Uma análise empírica exige do pesquisador uma dose de liberdade para aprofundar e criar conceitos operacionais e procedimentos que sua própria pergunta e objeto de pesquisa possam sugerir. Cavalcanti-Cunha e Mota (2017, p.118) ensinam que a “ideia aristotélica de um método único que se possa determinar antes mesmo de investigar a coisa constitui uma perigosa abstração”. Os pesquisadores reforçam essa ideia ao citar o filósofo Hans-Georg

Gadamer (2006, p. 21) que ensinou que é “o próprio objeto que deve determinar o método apropriado para investigá-lo”.

Na nossa análise de narrativa, considerando nossa pergunta de pesquisa – “como se dá a narrativa da migração síria pós-guerra veiculada pelo *Jornal Nacional*?” – o aspecto que privilegamos é o da história que é contada pelo JN e que, ao ser absorvida pelo imaginário social dos brasileiros, passa a fazer parte dos recursos que temos para formar uma história do presente sobre o assunto. Assim, esta análise privilegia o chamado “plano da estória”, que, inclusive, é o primeiro a ser estudado em cada narrativa, conforme mostraremos a seguir.

Ao analisar esse plano, em cada uma das três narrativas, buscamos identificar o núcleo da mesma, ou seja, o centro em torno do qual os demais elementos do enunciado se organizam. Em seguida, explicamos a funcionalidade de cada episódio na trama, como eles se conectam, quais são as personagens, suas falas, suas ações e seu papel na narrativa.

Na análise, organizamos as personagens em dois grupos, em uma mesma tabela. No primeiro grupo, apresentamos aqueles diretamente envolvidos na trama, cujo papel na narrativa pode ser interpretado em relações de oposição (vilões e heróis) ou pessoas que têm um papel de autoridade ou especialista. Neste caso, buscamos identificar todos os personagens (nome, nacionalidade, descrição geral, fala na narrativa, ação na narrativa, papel na narrativa e episódio em que aparece).

No segundo grupo, apresentamos as personagens cujas atribuições estão conectadas ao papel de narrar o acontecimento ou emitir sobre ele algum parecer oficial: apresentadores, repórteres e instituições. Neste caso, identificamos nome, papel na narrativa, ação ou fala na narrativa e em quais episódios aparece. Optamos por não abordar os demais profissionais envolvidos no processo de produção da notícia, pois julgamos que não seria relevante à nossa pergunta de pesquisa.

Em seguida, tecemos comentários sobre o que a categorização apresentada nas tabelas formuladas nos permite concluir. Buscamos responder o que as notícias nos permitem pensar sobre quem são os sírios envolvidos na trama, qual a sua história e por qual motivo migraram, a fim de compreender uma das dimensões mais relevantes da história da migração síria pós-guerra: as histórias de vida daqueles que migram.

Os planos da expressão e da metanarrativa são analisados simultaneamente. No estudo do plano da expressão, buscamos revelar as estratégias argumentativas utilizadas na construção da narrativa e que pretendem conduzir a interpretação do telespectador para os significados que o noticiário quer construir. Assim, descrevemos as imagens em sincronia com as falas na

notícia, buscando desvelar suas intencionalidades interpretativas através da identificação de alguns de seus recursos textuais e visuais para dar efeitos de real e estéticos de sentido. Do ponto de vista dos efeitos de real, buscamos identificar expressões adverbiais de tempo e lugar, informações sobre geografia e tempo, dados disponibilizados em formatos de mapas, gráficos, números, autoridades legítimas para falar, citações diretas, entre outros. Já do ponto de vista dos efeitos estéticos de sentido, o que procuramos identificar foram figuras de linguagem, imagens com apelo sentimental, tonalidade da voz dos narradores, entre outros.

Também a partir da análise do plano da expressão, buscamos identificar valores culturais, políticos e/ou ideológicos presentes no texto, a fim de perceber também a metanarrativa presente nas narrativas.

Os movimentos de análise que realizamos podem ser sintetizados a partir do modelo analítico descrito na tabela síntese a seguir, cuja lógica é esclarecida a partir de metas que nos propomos a atingir em cada um dos planos de análise.

Tabela 3 – Síntese do modelo de análise

Plano de análise	Questões chave
Estória	1) Identificar os conflitos (principal e secundários) e apresentar a lógica da organização em episódios e o papel de cada um deles (identificar dêiticos e <i>flashbacks</i> que os conectam). 2) Identificar e descrever as características e papéis dos personagens da narrativa (nacionalidade, descrição, ações, falas, papel na narrativa e episódios em que aparecem).
Expressão	3) Identificar e descrever recursos textuais e imagéticos utilizados para dar efeitos de sentido real e estético (expressões adverbiais de tempo e lugar, figuras de linguagem, tonalidade da voz, geografia, autoridades legítimas para falar, citações diretas, mapas, gráficos, números, datas, horários, imagens com apelo sentimental, etc.). 4) Desvelar o propósito da estratégia argumentativa (para quais significados a narrativa quer conduzir a interpretação do telespectador).
Metanarrativa	5) Revelar valores culturais, políticos e/ou ideológicos que estão por trás da decisão de transformar o fato em notícia.

Descrito o nosso método, o capítulo a seguir (capítulo 3) apresenta uma análise empírica – que acaba sendo um exercício de *coconstrução* das realidades retratadas nas narrativas escolhidas – na qual buscamos responder nossas perguntas de pesquisa.

Para melhor compreender a análise das reportagens apresentadas nesta dissertação, é importante que sejam assistidos os vídeos das matérias.

CAPÍTULO 3 – ENSAIO PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Neste capítulo, percorremos o caminho da Análise Crítica da Narrativa Jornalística a partir da investigação das notícias selecionadas em seus três planos, conforme definimos no modelo analítico do capítulo anterior (Tabela 3, página 60).

Organizamos o capítulo em três seções, cada qual dedicada a uma das narrativas. Cada seção é desdobrada em análises de cada plano da narrativa (plano da estória, plano da expressão e plano da metanarrativa), nas quais buscamos responder às perguntas propostas no nosso quadro síntese do modelo de análise.

Nomeamos o capítulo como “ensaio para uma Análise Crítica da narrativa” justamente por sua dimensão empírica e interpretativa que é própria do método da análise da narrativa. Isto porque apesar de termos referenciais de estruturas e esquemas de análise a serem seguidos, conforme orienta o formulador da metodologia (MOTTA, 2013), para que o analista fuja de uma análise engessada, é necessário ter sensibilidade e ousadia para seguir os caminhos de pesquisa e indagações que o próprio objeto sugere.

Neste capítulo, nos propomos ao desafio de mostrar como as notícias de cada grupo dialogam entre si como episódios que formam três narrativas:

Narrativa 1: A crise migratória na Europa

Narrativa 2: O recomeço de refugiados no Brasil

Narrativa 3: A busca da nacionalidade brasileira po meio de fraude

3.1. Narrativa 1: a crise migratória na Europa

A crise migratória na Europa, conforme mostramos em capítulos anteriores deste trabalho, ganhou amplo espaço no noticiário do *Jornal Nacional* ao longo de todo o período estudado. O destaque dado ao assunto vem à tona através de reportagens sobre as travessias arriscadas enfrentadas pelos imigrantes, especialmente no mar Mediterrâneo, os crimes de tráfico de pessoas, as tragédias e perdas de vidas humanas e o envolvimento não só dos países da Europa, mas de tantos outros do mundo, no dilema do abrir e fechar de portas para os que migram. Conforme vimos na contextualização deste trabalho, a maioria dos imigrantes fogem de situações de guerra e perseguição no Oriente Médio e no continente africano, estando sob risco de morte, o que os enquadra na categoria de refugiados da ONU. Entre eles, estão os que fogem da guerra na Síria.

Como amostra representativa dessa narrativa que conforma a história do [nosso] presente, escolhemos quatro notícias que formam juntas uma narrativa sobre a crise migratória na Europa. Todas elas estão ligadas por um mesmo fio condutor: a tragédia que ceifou a vida de Alan Kurdi, seu irmão Ghalib Kurdi e sua mãe Rehanna Kurdi, no dia 2 de setembro de 2015. A foto de Alan sem vida à beira de uma praia turca circulou por diversas localidades do mundo e se tornou um símbolo da crise migratória. A imagem de Alan Kurdi marca o acontecimento narrado na primeira das quatro reportagens que somam, todas juntas, um total de 13 minutos e 15 segundos.

Uma delas (a terceira reportagem) é uma das matérias mais longas do nosso *corpus*, com 5min01, um tempo considerável em televisão, e que revela a importância dada ao assunto pelo *Jornal Nacional*. Além disso, a matéria foi exibida na abertura da edição do dia 5 de setembro de 2015, o que reforça seu espaço na hierarquia de informação desta data.

Na tabela 4, apresentamos informações gerais desta narrativa e o texto das reportagens disponibilizado no portal *on-line* do veículo¹⁹. Em seguida, analisamos a mesma em acordo com os três planos sugeridos pela Análise Crítica da Narrativa Jornalística de Motta (2013).

Tabela 4: Informações gerais sobre a narrativa 1

Título	Imagens dramáticas se transformam em símbolo da crise dos imigrantes	Mais de 300 mil imigrantes já atravessaram o Mediterrâneo em 2015	Navio brasileiro ajuda a salvar mais de 200 imigrantes no Mediterrâneo.	Barack Obama diz que os EUA têm obrigação de receber refugiados sírios
Subtítulo	Nas últimas 24 horas, a face mais brutal da crise migratória na Europa produziu imagens que já se tornaram símbolo dessa tragédia.	A União Europeia deu início recentemente a uma operação para monitorar as gangues de traficantes de pessoas perto do mar da Líbia.	Drama dos refugiados que chegam à Europa chama atenção do planeta. Em 24 horas, seis mil atravessaram a fronteira da Hungria com a Áustria.	Governo americano planeja acolher 10 mil refugiados. Enquanto isso, países da Europa tentam entrar em acordo para distribuir imigrantes.
Data da matéria	03/09/2015	04/09/2015	05/09/2015	11/09/2017
Duração (mm:ss)	02:48	03:01	05:01	02:25
Link:	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/imagens-dramaticas-se-transformam-em-	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/mais-de-300-mil-imigrantes-ja-atravesaram-o-	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/navio-brasileiro-ajuda-salvar-mais-de-200-imigrantes-no-mediterraneo.html	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/barack-obama-diz-que-os-eua-tem-obrigacao-de-receber-refugiados-sirios.html

¹⁹ O texto que inserimos nas tabelas, respectivo às matérias, é uma versão transcrita da reportagem disponibilizada pelo próprio JN. Optamos por disponibilizá-lo exatamente como estava na página *on-line* do telejornal. Portanto, não alteramos sua forma nem ortografia.

	simbolos-da-crise-dos-imigrantes.html	mediterraneo-em-2015.html		
Episódio 1	Título: Imagens dramáticas se transformam em símbolo da crise dos imigrantes			
Narrador(a)	Texto			
Jornalista Renata Vasconcellos: Editora Executiva do JN e apresentadora	Nas últimas 24 horas, a crise dos imigrantes na Europa produziu imagens que se tornaram símbolos da tragédia.			
Jornalista Pedro Vedova, correspondente do JN em Berlim	<p>A raiva vira revolta; a revolta, desespero; o desespero, um transe. Famílias em profundo desacordo com a vida. Imigrantes entraram em pânico quando a Hungria desviou o caminho de um trem. Em vez da prometida fronteira com a Áustria, policiais húngaros obrigaram todos a descer num campo de refugiados.</p> <p>A mulher com o bebê no colo diz que a família morreu na Síria. Não tinha mais nada. Horas antes, esses imigrantes lutavam pra embarcar naquele mesmo trem. Eles queriam sair da Hungria e ganhar países como a Alemanha. Depois de quilômetros de perigos, ninguém queria ficar pra trás. A manobra húngara foi a nova decepção pra pessoas que fogem da carnificina na síria.</p> <p>Empurradas pela guerra, se veem espremidas num leste europeu hostil. O impasse faz imigrantes tentarem caminhos arriscados.</p> <p>O símbolo da crise é a criança afogada na praia turca. Fazia parte de um grupo de 12 pessoas que morreu na quarta-feira (2), na travessia da Turquia pra Grécia. A imagem chocante provocou um debate mundial.</p> <p>Parte da imprensa entendeu que a imagem é forte demais. Os três maiores jornais americanos e alguns dos principais europeus resolveram publicar. Lembram-se da foto famosa da menina no Vietnã que em 1972 mudou a percepção do público sobre aquela guerra?</p> <p>A cena de quarta-feira (2) chama a atenção pra origem da ferida: o conflito na Síria e o desencontro europeu. Na quinta-feira (3), a criança da praia ganhou um nome e uma história. É um rosto claro da indecisão europeia.</p> <p>A criança da foto perturbadora tinha três anos: Alan aparece em outra foto ao lado do irmão Ghalib, de cinco. Os dois embarcaram no projeto dos pais de chegarem até a Europa. Mas o sonho da terra segura naufragou.</p> <p>O pai foi o único sobrevivente entre os quatro. Encontrou os filhos e a mulher sem vida na praia turca. Destroçado, conta que todos escorregaram das suas mãos, e que os três não escutaram a voz dele. Ele já não se importa com a guerra na Síria. Só quer enterrar a família em Kobane, na cidade de onde partiu.</p> <p>A tia das crianças esperava que um dia todos se juntassem no Canadá. Agora responsabiliza o mundo pelo que aconteceu.</p> <p>A morte da criança esteve entre os assuntos mais comentados. E ganhou a <i>hashtag</i> #onaufriodahumanidade.</p> <p>O menino é o retrato da crise, representa mais de 2.600 pessoas que morreram só em 2015.</p>			
Episódio 2	Título: Mais de 300 mil imigrantes já atravessaram o Mediterrâneo em 2015			
Narrador(a)	Texto			
Jornalista Willian Bonner: Editor-chefe e apresentador	Pelo menos 30 imigrantes da África morreram afogados nesta sexta-feira (4), na costa da Líbia. Eles viajavam em um bote inflável e provavelmente foram vítimas de traficantes que costumam abandonar os refugiados em alto mar.			
Jornalista Cecília Malan, correspondente do JN em Londres	<p>Nos ombros do pai, a menininha chora. Ainda não entende que acabou de vencer a etapa mais arriscada de uma viagem épica.</p> <p>Duas mil e quinhentas pessoas desembarcaram com ela no porto de Pireu, na Grécia. Algumas, sem condição de andar. O número de refugiados e imigrantes que atravessaram o Mar Mediterrâneo já passou dos 300 mil em 2015. Muito mais do que no ano passado inteiro.</p> <p>E mais de 2.500 morreram tentando. É como se todos no navio que trouxe a garotinha assustada afundassem antes de pisar numa terra próspera e pacífica.</p>			

	<p>Foi o que aconteceu com a criança que virou símbolo dessa tragédia humanitária. Alan, de 3 anos, o irmão, de 5, e a mãe foram enterrados nessa sexta-feira na cidade síria de Kobani.</p> <p>Depois de perder a família, o pai, Abdullah Kurdi, voltou ao país de onde fugia. Ele contou que foi obrigado a assumir o controle do barco em que eles viajavam quando o capitão fugiu no meio das ondas, uma situação que se repete em várias dessas embarcações.</p> <p>Alguns traficantes, que cobram caro pela passagem, abandonam os grupos no meio do caminho. Ou porque têm medo de serem presos, ou porque esperam que as marinhas europeias resgatem os barcos abandonados.</p> <p>Na costa da Líbia, em abril, o capitão não chegou a fugir, mas foi acusado pelo assassinato de centenas de pessoas. O barco estava lotado além da capacidade e naufragou quando todos a bordo avistaram um navio europeu e correram para o mesmo lado, pedindo socorro.</p> <p>A União Europeia deu início recentemente uma operação para monitorar as gangues de traficantes de pessoas perto do mar da Líbia. Dependendo das informações coletadas nos próximos meses, os países europeus vão decidir se lançam, ou não, uma ação militar contra esses coiotes.</p> <p>Mas o Mediterrâneo não é um lugar apenas de tragédias. Entre os resgatados esta semana, havia uma mulher grávida. A guarda costeira italiana foi a primeira a testemunhar, no meio do Mar da Morte, uma nova vida.</p>
Jornalista Willian Bonner: Editor-chefe e apresentador	O governo britânico anunciou nesta sexta-feira que vai aceitar milhares de imigrantes como refugiados, mas não mencionou oficialmente quantos. O primeiro-ministro, David Cameron, reconheceu que o Reino Unido tem uma responsabilidade moral de ajudar os refugiados da guerra na Síria. Mas essa medida vale só para os que estão morando no Oriente Médio, em campos de refugiados da ONU. Não para quem já está na Europa.
Episódio 3	Título: Navio brasileiro ajuda a salvar mais de 200 imigrantes no Mediterrâneo.
Narrador(a)	Texto
Jornalista Ana Paula Araújo: apresentadora	Duzentos imigrantes que tentavam chegar à Europa pelo Mar Mediterrâneo foram resgatados. E foi um navio da Marinha Brasileira que ajudou a salvar o grupo.
Jornalista Ilze Scamparini, correspondente do JN na Itália	<p>Cinco horas de tensão, à noite e em alto-mar. Foi o tempo que os militares brasileiros levaram pra salvar os refugiados que há uma semana enfrentavam as ondas do Mediterrâneo.</p> <p>O resgate aconteceu por acaso. No dia oito de agosto, a corveta Barroso saiu do Rio de Janeiro e foi para o Líbano, escalada pra uma missão de paz. Na sexta-feira (4), às 13h30, pelo horário de Brasília, começo da noite na Itália, veio o chamado de socorro. O serviço internacional de busca e salvamento italiano pediu que a corveta seguisse em direção à região do Peloponeso, na Grécia. O navio brasileiro estava a 270 quilômetros da costa da Sicília, na Itália e era o mais próximo do barco onde estavam os refugiados. Dois navios-patrolha italianos de pequeno porte se juntaram à operação. A corveta levou os refugiados pro porto italiano de Catania.</p> <p>Dois médicos a bordo prestaram os primeiros socorros. Os imigrantes não comiam havia dois dias. As primeiras informações indicavam que a maioria dos passageiros fugia da guerra na Síria e que partiu de Benghazi, na Líbia.</p> <p>O barco, encontrado já adernado pelos militares brasileiros, tinha pouco combustível. Dificilmente chegaria a Itália.</p> <p>À repórter Gioconda Brasil, conversou com o comandante da corveta Barroso, Alexandre Amendoeira, que falou sobre o estado dos passageiros.</p> <p>“Elas chegaram a bordo debilitadas. Com casos de desidratação leve. Foram medicados. Inclusive tinha uma senhora com uma fratura no braço. Tinha outra senhora grávida também”, explica.</p> <p>A chegada ao navio brasileiro foi emocionante.</p> <p>“Eles se sentiram muito aliviados, alguns se jogaram no convés da corveta Barroso em agradecimento dos momentos que eles estavam”, comenta o comandante.</p> <p>A corveta Barroso seguiu pro Líbano onde foi substituir uma fragata brasileira numa missão de paz da ONU e vai ficar até 2016.</p>

	<p>Os 220 imigrantes salvos pelos militares brasileiros deverão ser encaminhados pra centros de acolhimento próximos à Catania. Só este ano, 240 mil pessoas atravessaram o Mediterrâneo em direção à Europa - cem mil delas chegaram à Itália e a maioria desembarcou na Sicília, em portos das ilhas do sul da Itália.</p> <p>A Europa rica também é o destino dos que conseguiram sobreviver. Quatrocentos e cinquenta foram recebidos com aplausos em Munique, na Alemanha. Fazem parte do primeiro grupo de dez mil refugiados que vão recomeçar a vida no país.</p> <p>Autoridades austríacas informaram que receberam mais de seis mil imigrantes entre sexta e sábado. Muitos chegaram em ônibus fretados pelo governo da Hungria.</p> <p>A recepção acolhedora nem de longe lembra o caos registrado nas últimas semanas em países do leste europeu que tentaram impedir a entrada e a passagem de imigrantes.</p>
Jornalista Alexandre Garcia, apresentador	<p>Em Paris, mais de oito mil pessoas pediram que o governo francês abra as fronteiras pra receber refugiados sírios. Eles também pediram o fim da guerra na Síria e mostraram cartazes com a foto de Alan, o menino encontrado morto numa praia da Turquia. Ele se afogou quando a família tentava chegar à Grécia.</p>
Jornalista Ana Paula Araújo: apresentadora	<p>Diante da crise dos imigrantes, o governo brasileiro quer prorrogar a regra que facilita a concessão de refúgio aos sírios. Em 2013, o Comitê Nacional para os Refugiados, o Conare, autorizou a concessão de vistos aos sírios por razões humanitárias - o que facilitou a entrada deles no país. O prazo dessa medida vence no fim do mês e deve ser prorrogado na próxima reunião do Conare. O Brasil tem hoje mais de dois mil refugiados da Síria.</p> <p>O representante, no Brasil, da agência da agência Onu para refugiados, elogiou a decisão.</p> <p>“Há momentos em que se tem fechado as portas pra muitos refugiados que estão fugindo da Síria, que estão fugindo de todos os países, sobretudo na Europa. Tem muitas pessoas que tem arriscado suas vidas atravessando o mar Mediterrâneo, em condições de muita precariedade, de muita dificuldade e que, se um país abre as portas pra essas pessoas é uma atitude generosa que a gente claramente dá uma bem-vinda.</p>
Episódio 4	Título: Barack Obama diz que os EUA têm obrigação de receber refugiados sírios
Narrador(a)	Texto
Jornalista Willian Bonner: Editor-chefe e apresentador	<p>O presidente americano, Barack Obama, disse nesta sexta-feira (11) que os Estados Unidos têm a obrigação de receber refugiados sírios. Na Europa, a hostilidade contra imigrantes continua.</p>
Jornalista Alan Severiano, correspondente do JN em Nova York	<p>A menina grita pela mãe, enquanto as crianças passam de colo em colo numa estação de trem da Áustria. Elas não sabem o que são fronteiras, mas já descobriram como é difícil cruzar essas linhas imaginárias.</p> <p>Na Hungria, o mesmo país onde refugiados se deitaram nos trilhos na semana passada, outra imagem chocante foi divulgada nesta sexta-feira (11). Usando máscaras, policiais jogam pães pra um grupo de refugiados sírios. Famintos, homens, mulheres e crianças disputam a comida arremessada no ar.</p> <p>A ONU reagiu. O porta-voz da agência para refugiados pediu que eles sejam tratados com respeito. Mas o governo húngaro não deu ouvidos. Disse que, a partir da semana que vem, quem entrar no país ilegalmente será preso.</p> <p>Só este ano, 381 mil refugiados chegaram à Europa. E pelos cálculos das Nações Unidas, até o 2016, serão mais 500 mil. Metade sai da Síria. Como o menino Alan, de 3 anos, que morreu afogado e virou um dos símbolos da crise humanitária.</p> <p>Mas onde acomodar tanta gente? Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos, um país formado por imigrantes, têm medo que terroristas se infiltrem entre os refugiados. Por isso, em vez de abrir as portas, preferem dar dinheiro. Até agora, já foram US\$ 4 bilhões em doações. Já o plano do governo de acolher 10 mil sírios foi considerado tímido. O presidente Barack Obama disse que o país tem obrigação de acolher os refugiados. Mas grupos humanitários querem mais: pelo menos 65 mil sírios.</p> <p>A oferta americana é menor até do que a da Austrália, que planeja receber 12 mil refugiados. A Europa ainda não chegou a um acordo sobre o plano para distribuir 160</p>

	<p>mil alojadas na Grécia, Hungria e na Itália. A ideia é que a maioria vá pra Alemanha, França e Espanha, e que cada país receba uma ajuda de 6 mil euros por pessoa. A Grã-Bretanha ficou de fora das cotas. Mas se comprometeu a receber 20 mil sírios nos próximos cinco anos. Para ajudar os refugiados, celebridades como o ator inglês Benedict Cumberbatch se engajaram numa campanha da ONG "Salve as Crianças". Ele leu um trecho de um poema da Somália: "Ninguém deixa a própria casa a não ser que ela seja a boca de um tubarão."</p> <p>A música "a ajuda está chegando" é uma forma de lembrar que o mundo é um só. As guerras e as fronteiras são invenções do homem.</p>
--	--

Fonte: Site do JN²⁰

3.1.1 O plano da estória: a migração que naufragou

3.1.1.1. A função de cada episódio na narrativa

O núcleo da narrativa (conflito primário) é a tragédia que ceifou a vida do menino sírio Alan Kurdi, seu irmão e sua mãe, fato que é mencionado nos quatro episódios a partir do uso de dêiticos²¹ e *flashbacks* de imagens da tragédia (por exemplo, a famosa fotografia do guarda turco carregando o corpo do menino, sem vida – Figura 6). Conflitos secundários que se desdobram deste núcleo são outras tragédias no mar Mediterrâneo envolvendo imigrantes e refugiados, nos episódios 2 e 3. No episódio 3, que é o mais longo, um navio da Marinha brasileira participa do resgate.

Outro conflito secundário que a trama revela e que também é amplamente abordado nos quatro episódios é o drama dos imigrantes que tentam ingressar pelas fronteiras em países da Europa e que enfrentam forte resistência. Representando este conflito, outras duas imagens que são utilizadas em mais de um episódio são as que envolvem um casal de sírios e uma criança de colo, que resistem à apreensão de guardas deitando nos trilhos de um trem na Hungria (Figura 7) e a imagem de um homem que tenta colocar para dentro de um trem superlotado uma menininha, também na Hungria (Figura 8).

²⁰ Endereço do site: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/> Acesso: 05/02/2018

²¹ Em linguística, a dêixis (do grego, *deixis*, mostrar, exibir) é um elemento que, sem conceituar, designa um enunciado no tempo e espaço, inscrevendo o sujeito na produção discursiva (ex. eu, aqui, agora). Em análise do discurso é considerada a “expressão da subjetividade”, pois constrói toda a referência a partir do ponto de vista do sujeito-locutor do enunciado.

Figura 6 – *Print* da imagem de Alan Kurdi, sem vida, sendo retirado da praia pelo guarda²²



Legenda (texto em coesão com a cena): “O símbolo da crise é a criança afogada na praia turca. Fazia parte de um grupo de 12 pessoas que morreu na quarta-feira (2), na travessia da Turquia pra Grécia” (Narração de Pedro Vedova, no episódio 1). Cena repetida no próprio episódio 1 (a partir do *time* 02:38), no episódio 2 (a partir do *time* 00:57) e no episódio 4 (a partir do *time* 01:15).

Figura 7 – *Print* da imagem da família síria que em desespero se deita nos trilhos do trem, na Hungria.



²² Nas figuras 6 até 29 utilizamos o termo “*print*” no título como sinônimo da ação de criar uma cópia, através da tecla “*print screen*” do computador, de um dado momento do vídeo da reportagem.

Legenda (texto em coesão com a cena): “A raiva vira revolta; a revolta, desespero; o desespero, um transe. Famílias em profundo desacordo com a vida. Imigrantes entraram em pânico quando a Hungria desviou o caminho de um trem. Em vez da prometida fronteira com a Áustria, policiais húngaros obrigaram todos a descer num campo de refugiados. A mulher com o bebê no colo diz que a família morreu na Síria. Não tinha mais nada” (narração do repórter Pedro Vedova, no episódio 1). Cena repetida no episódio 3 (a partir do *time* 03:32) e no episódio 4 (a partir do *time* 00:28).

Figura 8 – Print da imagem do rapaz que faz de tudo para levar a criança para dentro de um trem superlotado na Hungria



Legenda (texto em coesão com a cena): “Horas antes, esses imigrantes lutavam pra embarcar naquele mesmo trem. Eles queriam sair da Hungria e ganhar países como a Alemanha” (Narração do repórter Pedro Vedova, no episódio 1). Cena repetida no episódio 4 (a partir do *time* 02:46).

O episódio 1 abre a discussão sobre a crise migratória. Mostra que na tentativa de migrar sem ter de passar pelo moroso processo de pedido de asilo e aceitação da migração por parte dos outros países, os refugiados se arriscam em rotas perigosas cujo destino é incerto. De um lado, a família nos trilhos do trem mostra desespero e decepção por serem obrigados a abrir mão de seu objetivo final: chegar à Áustria. Em seguida, as imagens da tragédia que envolve Alan Kurdi e sua família confirmam mais uma vez que o destino sonhado (no caso deles, ir ao encontro de outros familiares no Canadá) muitas vezes é frustrado ou interrompido precocemente por uma tragédia. A reportagem mostra também que o motivo do drama vivido pelos refugiados, embora se inicie com a guerra em seu país de origem, também pode se dar pela postura de resistência dos países de destino em recebê-los, um motivo nomeado pelos próprios editores do episódio 1 como ‘a indecisão ou desencontro europeu’. Por isso, a tia de

Alan culpa o mundo pela tragédia com seu sobrinho. Ao mesmo tempo, na internet a foto de Alan é divulgada junto à hashtag #onaufragiodahumanidade.

O episódio 2 começa com o relato de mais um naufrágio de embarcação no Mediterrâneo que ceifou a vida de 30 pessoas. Em seguida, mostra imagens de crianças refugiadas chorando, que desembarcam com seus pais na Europa, em oposição à notícia do episódio anterior, onde a criança não sobreviveu. Assim, o episódio retoma a história de Alan Kurdi e mostra imagens de seu enterro e do desespero do sobrevivente da família, o pai Abdullah Kurdi. Novamente, conta a história de outra grande tragédia meses antes (em abril de 2015) na qual centenas de imigrantes perderam a vida no mar Mediterrâneo, em uma embarcação clandestina superlotada que naufragou. A seguir, o episódio apresenta falas e posicionamentos de autoridades europeias, com proposições para solucionar o problema, quais sejam (1) identificar e prender os coixotes que atraem os imigrantes para suas embarcações e colocam suas vidas em risco, e (2) receber cotas de imigrantes em seus países. Por fim, ao relatar a história recente de uma imigrante grávida que deu à luz em alto mar, a matéria ressalta um evento que poderia se apresentar como uma tragédia, pode também ter um final feliz, já que tanto a mãe quanto a criança recém-nascida foram resgatadas com vida.

Figura 9 – Print da imagem da menina que chora ao desembarca em terra, depois de dias de uma viagem arriscada em uma embarcação no mar Mediterrâneo



Legenda (texto em coesão com a cena): “Nos ombros do pai, a menininha chora. Ainda não entende que acabou de vencer a etapa mais arriscada de uma viagem épica” (Narração da repórter Cecília Malan, no episódio 2, a partir do *time* 00:15).

Figura 10 – Print da imagem de embarcação lotada de imigrantes no mar Mediterrâneo



Legenda (texto em coesão com a cena): “O número de refugiados e imigrantes que atravessaram o Mar Mediterrâneo já passou dos 300 mil em 2015. Muito mais do que no ano passado inteiro” (Narração da repórter Cecília Malan, no episódio 2, a partir do *time* 00:34).

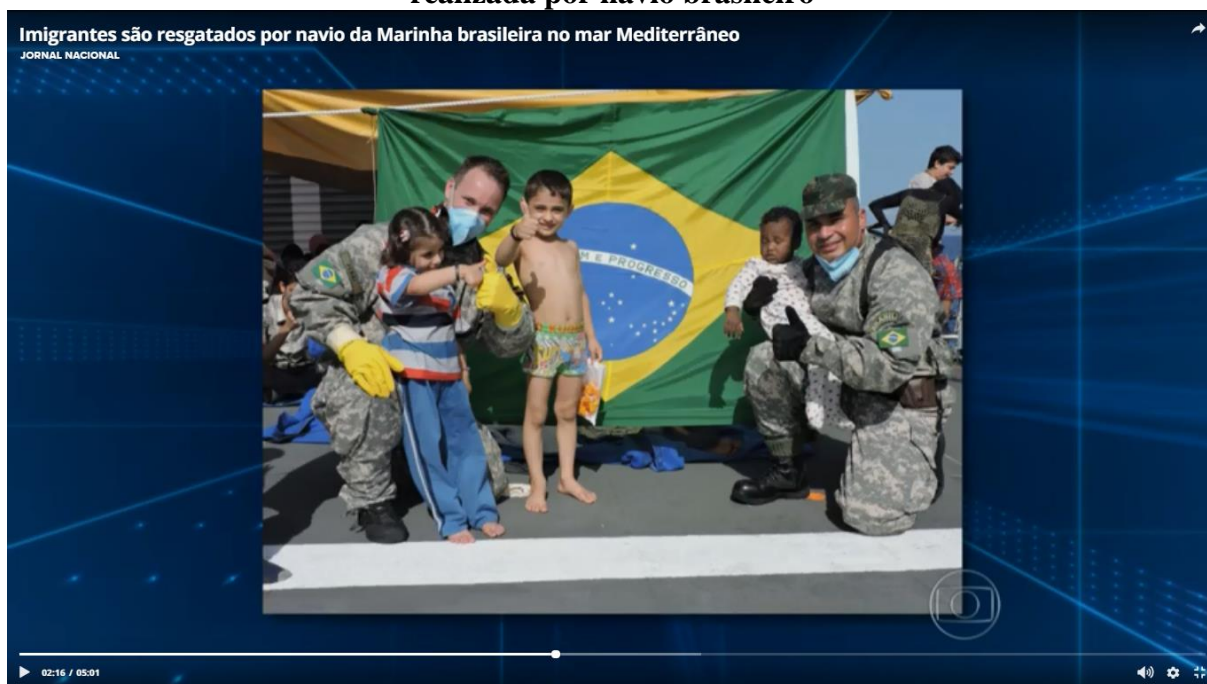
Figura 11 – Print da imagem do enterro de Alan Kurdi, seu irmão e sua mãe



Legenda (texto em coesão com a cena): “Alan, de 3 anos, o irmão, de 5, e a mãe foram enterrados nessa sexta-feira na cidade síria de Kobani” (Narração da repórter Cecília Malan, no episódio 2, a partir do *time* 01:00).

O episódio 3, o mais longo da sequência, se conecta à última mensagem do episódio anterior: uma quase tragédia com um final feliz. Desta vez, um barco superlotado de imigrantes é resgatado com a ajuda da corveta Barroso, um navio da Marinha brasileira que navegava no Mediterrâneo no mesmo período. Entre relatos do comandante e imagens emocionantes do resgate, com crianças refugiadas e a bandeira brasileira, a reportagem enaltece a atuação do Brasil em relação à crise dos refugiados, que também tem sua repercussão no país. O episódio mostra que o Brasil teria recebido mais de 2 mil refugiados sírios e que as instituições públicas afins (CONARE, entre outras) vinham tomando as providências cabíveis para facilitar a entrada de sírios em território brasileiro por questões humanitárias. Por outro lado, a matéria se conecta às anteriores mostrando movimentos de protesto da sociedade civil na Europa em favor da boa acolhida aos refugiados, inclusive utilizando imagens da criança síria sem vida na praia turca, que aparece nos dois episódios anteriores. Assim, mostram que a sociedade europeia tem tido um posicionamento diferente daquele que seus governos parecem tomar.

Figura 12 – Print da imagem do resgate de embarcação à deriva no mar Mediterrâneo realizada por navio brasileiro



Legenda (texto em coesão com a cena): “A chegada ao navio brasileiro foi emocionante” (Narração de Ilze Scamparini, no episódio 3, a partir do *time* 02:13).

Por fim, o episódio 4 retoma o cenário de resistência dos países para receberem refugiados, que já vinha sendo abordado nos episódios 1 e 2. Enquanto mostra a fala do presidente Barack Obama dizendo que os EUA tinham a “obrigação de receber refugiados” – ou seja, mesmo que seja contra sua vontade – o relato do repórter explica que o país teme que

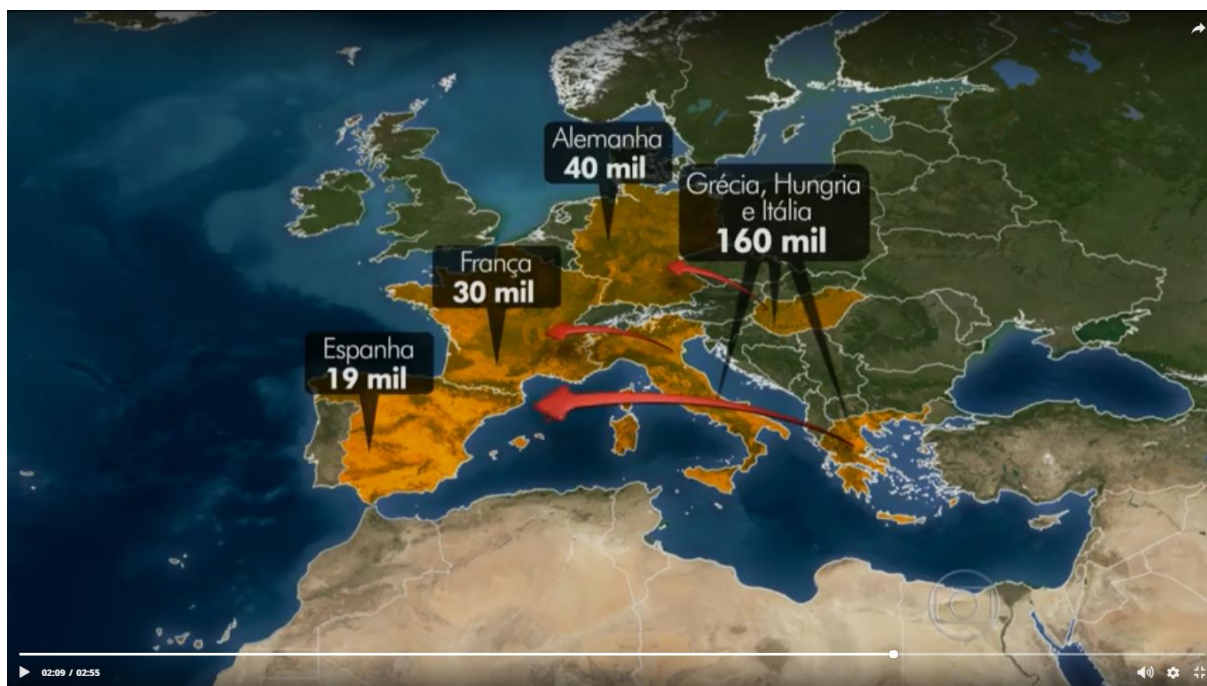
terroristas se infiltrem junto aos refugiados e que, por isso, prefere ajudar com doações em dinheiro (4 bilhões de dólares). Novas imagens chocantes de refugiados sofrendo maus tratos na Hungria são apresentadas e a família deitada nos trilhos do trem é lembrada através do *flashback* de suas imagens. Ao mesmo tempo, mapas de países em todo mundo, principalmente na Europa, são mostrados junto à proposta de cada um, em números, de recepção de refugiados. A ‘indecisão’ e o ‘desencontro’ europeu voltam a ser destaque, pois a matéria enfatiza, em tom crítico, que os países não se definem quanto a um plano concreto para receber os refugiados que se acumulam na Hungria, Grécia e Itália.

Figura 13 – Print da imagem dos guardas lançando pães ao ar para refugiados e imigrantes na Hungria



Legenda (texto em coesão com a cena): “Outra imagem chocante foi divulgada hoje. Usando máscaras, policiais jogam pães pra um grupo de refugiados sírios. Famintos, homens, mulheres e crianças disputam a comida arremessada no ar” (Narração do repórter Alan Severiano, no episódio 4, a partir do *time* 00:34).

Figura 14 – Print do mapa com a previsão de distribuição de imigrantes pela Europa



Legenda (texto em coesão com a cena): “A Europa ainda não chegou a um acordo sobre o plano para distribuir 160 mil alojadas na Grécia, Hungria e na Itália. A ideia é que a maioria vá pra Alemanha, França e Espanha, e que cada país receba uma ajuda de 6 mil euros por pessoa” (Narração do repórter Alan Severiano, no episódio 4, a partir do *time* 02:01).

O último episódio, portanto, acaba mostrando que a crise migratória está longe de ter uma solução duradoura. Entretanto, a situação é atenuada pelo que parece ser a luz no fim do túnel da narrativa: a solidariedade e mobilização da sociedade civil. O episódio é encerrado com a fala de um famoso ator inglês que abraça a causa e participa na ocasião de uma campanha em prol das crianças refugiadas e diz que “ninguém deixa seu lar se ele não for à boca de um tubo”. Em seguida, com uma música em inglês com o tema “a ajuda está chegando”, são veiculadas imagens da crise migratória (inclusive a imagem da família síria nos trilhos do trem na Hungria, figura 8) e de ações de solidariedade em relação à causa.

Nos quatro episódios, o posicionamento editorial é claro: a favor da sensibilização com a causa dos refugiados, inclusive, citando exemplos bem-sucedidos de como a sociedade civil pode se organizar para ajudar. A esta argumentação, soma-se a crítica direta aos governos dos países que poderiam, mas não se mobilizam o suficiente para resolver a questão.

3.1.1.2. Personagens da narrativa: características e função na trama

Conforme apresentamos nas tabelas a seguir, nesta trama praticamente todos os personagens participam como vítimas da guerra na Síria e da crise migratória na Europa – no

total, quatro. Nos episódios 3 e 4, podemos perceber também a presença de heróis: os militares da Marinha brasileira que realizam o resgate dos refugiados e o famoso ator inglês que levanta a bandeira em nome da ajuda aos mesmos. Como vilões identificamos os policiais da Hungria e os coíotes que conduzem refugiados em embarcações clandestinas e acima da capacidade de pessoas a bordo.

Além desse perfil de personagens, categorizamos também os governos, instituições e especialistas consultados, que trazem parecer oficial sobre questões em torno do tema ou até mesmo aparecem como vilões na trama (por exemplo, os EUA e a Hungria). No total, estes formaram um grupo de onze. Ainda, identificamos os apresentadores e repórteres narradores dos episódios, apresentando seus momentos de fala, quando estavam em cena na edição – no total, foram nove. Conforme explicamos no capítulo anterior, para esta análise, os demais profissionais envolvidos no processo de produção da notícia não são abordados.

Tabela 5 – Personagens da narrativa 1

Personagem	País	Descrição	Ação	Fala	Papel	Ep.
Pai, mãe e criança nos trilhos do trem	Síria	Jovem casal e criança de colo. Aparentam estar em desespero.	Em desespero, travam luta com policiais da Hungria e se agarram aos trilhos do trem. O pai bate na cabeça com as próprias mãos, repetidas vezes. A mulher e a criança choram. Isto porque estão sendo forçados a ir para um campo de refugiados ao invés de seguirem de trem para o destino que gostariam: a Áustria. Também são citados nos episódios 3 e 4, para referenciar o tratamento dado aos refugiados na Hungria.	A mulher que carrega a criança no colo diz que a família morreu na Síria e que não tinha mais nada.	Vítimas da guerra e da crise migratória	1, 3 e 4
Policiais húngaros	Hungria	Policiais responsáveis por guardar as fronteiras da Hungria.	Tentam mover à força a família de sírios nos trilhos (episódios 1, 3 e 4). Usam máscaras e arremessam pães ao ar para os imigrantes famintos.	Não há fala.	Vilões	1, 3 e 4

Alan Kurdi	Síria	Criança do sexo masculino, 3 anos de idade.	É encontrado sem vida às margens de uma praia na Turquia, após um naufrágio que ceifou a vida de 14 pessoas, entre elas a sua vida própria, a de seu irmão de 5 anos (Ghalib Kurdi) e a de sua mãe (Rehanna Kurdi). A imagem de seu corpo sem vida na areia da praia foi divulgada em todo o mundo e tornou-se símbolo da crise dos imigrantes na Europa. Sua morte foi um dos assuntos mais comentados e ganhou a #onafragiodahumanidade. No episódio 2, Alan e a família são enterrados na cidade síria de Kobani. Alan e sua família são novamente citados no episódio 3, num relato sobre protestos realizados por mais de 8 mil pessoas em Paris que pediam ao governo da França que abra as fronteiras para receber os refugiados. No episódio 4, novamente é referenciado para exemplificar a trajetória daqueles que saem da Síria.	Não há fala.	Vítima da guerra e da crise migratória	1, 2, 3 e 4
Abdullah Kurdi	Síria	Pai de Alan Kurdi. Único sobrevivente da família no naufrágio. Destroçado, chora.	Fugiu da Síria com a família em um bote clandestino. Pretendiam chegar ao Canadá onde tinham familiares. Quando o bote naufragou, foi o único sobrevivente da família.	Conta que os filhos e a mulher escorregaram de suas mãos e não escutaram a sua voz. Que não se importa mais com a guerra na Síria e só quer enterrar a família em Kobane, cidade de onde	Vítima da guerra na Síria e da crise migratória na Europa	1 e 2

				partiu. No segundo episódio, conta que foi obrigado a assumir o barco quando o capitão fugiu no meio das ondas.		
Fatima Kurdi (não mencionado na narrativa)	Síria/ Canadá	Tia de Alan Kurdi e Ghalib Kurdi. Irmã de Abdullah Kurdi, que residia no Canadá desde 1992 (não mencionado na narrativa).	Aguardava a família no Canadá.	Responsabiliza o mundo pelo que aconteceu.	Vítima da crise migratória na Europa	1
Capitães envolvidos em acidentes	Não revelado.	Traficantes de imigrantes e refugiados, Coiotes.	O capitão do barco em que estava Alan Kurdi abandonou a embarcação e fugiu entre as ondas. Outro capitão, envolvido no acidente na costa da Líbia em abril de 2015, não chegou a fugir, mas foi acusado pelo assassinato de centenas de pessoas. Os traficantes em geral cobram muito caro pela passagem, mas costumam abandonar a embarcação por medo de serem presos ou porque esperam que as marinhas europeias resgatem os barcos abandonados.	Não falam.	Vilões	2
David Cameron	Grã-Bretanha	Primeiro ministro da Grã-Bretanha.	Não há.	Reconheceu que o Reino Unido tem uma responsabilidade moral de ajudar os refugiados da guerra na Síria. Mas essa medida vale só para os que estão morando no Oriente Médio, em campos de refugiados da	Autoridade	2

				ONU. Não para quem já está na Europa.		
Alexandre Amendoeira	Brasil	Comandante da Corveta Barroso, da Marinha do Brasil.	Comandante do navio brasileiro que resgatou 220 imigrantes num barco à deriva no mar da Sicília.	O comandante fala sobre o estado dos passageiros: “Elas chegaram a bordo debilitadas. Com casos de desidratação leve. Foram medicados. Inclusive tinha uma senhora com uma fratura no braço. Tinha outra senhora grávida também (...) Eles se sentiram muito aliviados, alguns se jogaram no convés da corveta Barroso em agradecimento dos momentos que eles estavam”.	Herói	3
André Ramirez	Não revelado.	Representante do ACNUR no Brasil.	Elogia a decisão do governo brasileiro de prorrogar a concessão de vistos aos sírios por razões humanitárias.	Ao ser entrevistado, comenta que “Há momentos em que se tem fechado as portas pra muitos refugiados que estão fugindo da Síria, que estão fugindo de todos os países, sobretudo na Europa. Tem muitas pessoas que tem arriscado suas vidas atravessando o mar Mediterrâneo, em condições de muita precariedade, de muita dificuldade e que, se um país abre as portas pra essas pessoas é uma atitude generosa que a gente claramente dá uma bem-vinda”.	Autoridade	3
Barack Obama	EUA	Presidente dos EUA.	Emite sua opinião sobre o qual postura deve ser adotada pelo seu país.	O repórter narrador cita que o presidente dos EUA disse que “o país tem obrigação de acolher os refugiados”.	Autoridade	4
Benedict Cumberbatch	Grã - Bretanha	Ator	Engajou-se na ONG “Salve as crianças”	Em entrevista, lê um poema da Somália que diz:	Herói	4

			para ajudar os refugiados.	"Ninguém deixa a própria casa a não ser que ela seja a boca de um tubarão."	
Nome	Função	Fala e/ou ação			Ep.
Renata Vasconcellos	Apresentadora	Introduz o episódio 1 com a fala: "Nas últimas 24 horas, a crise dos imigrantes na Europa produziu imagens que se tornaram símbolos da tragédia".			1
Pedro Vedova	Repórter narrador	Narra todo o episódio. Em uma cena em que participa, afirma: "a criança da praia ganhou um nome e uma história. É um rosto claro da indecisão europeia".			1
William Bonner	Apresentador	Introduz o episódio 2 com a fala: "Pelo menos 30 imigrantes da África morreram afogados nesta sexta-feira (4), na costa da Líbia. Eles viajavam em um bote inflável e provavelmente foram vítimas de traficantes que costumam abandonar os refugiados em alto mar". Também introduz o episódio 4, com a seguinte fala: "O presidente americano, Barack Obama, disse nesta sexta-feira (11) que os Estados Unidos têm a obrigação de receber refugiados sírios. Na Europa, a hostilidade contra imigrantes continua".			2 e 4
Cecília Malan	Repórter narradora	Narra todo o episódio 2.			2
União Europeia	Instituição	Deu início a uma operação para monitorar as gangues de traficantes de pessoas perto do mar da Líbia, a fim de decidir se lançam, ou não, uma ação militar contra coites. No episódio 4, o repórter Alan Severiano conta que a UE estava com dificuldades chegar a um acordo sobre o plano para distribuir 160 mil alojadas na Grécia, Hungria e na Itália. O plano é que a maioria deles seja realocado para Alemanha, França e Espanha, e que cada país receba uma ajuda de 6 mil euros por pessoa.			2 e 4
Governo Britânico	Instituição	Anunciou que iria aceitar milhares de imigrantes como refugiados, mas não mencionou oficialmente quantos. No episódio 4, a Grã-Bretanha, que ficou de fora das cotas definidas pela União Europeia, diz que se comprometeria a receber 20 mil sírios nos próximos cinco anos.			2 e 4
Ana Paula Araújo	Apresentadora – Brasil	Introduz o episódio 3, com a fala: "Duzentos imigrantes que tentavam chegar à Europa pelo Mar Mediterrâneo foram resgatados. E foi um navio da Marinha Brasileira que ajudou a salvar o grupo". Ao final do mesmo episódio, falando do posicionamento do CONARE em relação aos refugiados que pedem refúgio ao Brasil.			3
Ize Scamparini	Repórter narradora – Itália	A repórter narra todo o episódio 3. Em uma cena em que aparece em uma lancha no mar da Sicília (Itália), comenta: "A corveta Barroso seguiu pro Líbano onde foi substituir uma fragata brasileira numa missão de paz da ONU e vai ficar até 2016. Os 220 imigrantes salvos pelos militares brasileiros deverão ser encaminhados pra centros de acolhimento próximos à Catania. Só este ano, 240 mil pessoas atravessaram o Mediterrâneo em direção à Europa - cem mil delas chegaram à Itália e a maioria desembarcou na Sicília, em portos das ilhas do sul da Itália. "			3
Serviço Internacional de busca e salvamento italiano	Instituição – Itália	Solicitou à Corveta Barroso, da Marinha do Brasil, que prestasse socorro ao barco com refugiados na costa da Sicília.			3
Gioconda Brasil	Repórter	Aparece no episódio, na cena em que entrevista por telefone o Comandante da Corveta Barroso.			3
Alexandre Garcia	Apresentador – Brasil	Ao final do Episódio 3, o apresentador relata os protestos em Paris em favor da acolhida dos refugiados e rememora a tragédia envolvendo Alan Kurdi e sua família. Também anuncia a fala do representante da ONU para refugiados no Brasil.			3

Marinha do Brasil	Instituição	Acata o pedido de ajuda do Serviço Internacional de busca e salvamento italiano e ajuda a resgatar um barco à deriva no Mediterrâneo, através do envio da Corveta Barroso, que navegava nas proximidades do local.	3
CONARE	Instituição	Em 2013, o CONARE autorizou a concessão de vistos aos sírios por razões humanitárias - o que facilitou a entrada deles no país. Em 2015, quando o prazo da medida estava para vencer, optou por uma prorrogação.	3
Alan Severiano	Repórter Narrador – EUA	Narra todo o episódio 4. Na cena em que aparece, em Nova York, sua fala sobre o assunto é: “Mas onde acomodar tanta gente? Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos, um país que foi formado por imigrantes, tem medo que terroristas se infiltrem entre os refugiados. Por isso, em vez de abrir as portas, preferem dar dinheiro. Até agora, já foram US\$ 4 bilhões em doações. Já o plano do governo de acolher 10 mil sírios foi considerado tímido.”.	4
EUA	Instituição	Afirmam que pretendem acolher 10 mil sírios, enquanto os grupos humanitários cobram que acolham pelo menos 65 mil. Por temer a entrada de terroristas infiltrados junto aos refugiados, temem abrir as portas e preferem enviar dinheiro. Já enviaram 4 bilhões.	4
ONU	Instituição	Criticou o tratamento dados aos refugiados na Hungria e pediu que eles fossem tratados com respeito.	4
Austrália	Instituição	Pretendem acolher 12 mil sírios.	4

Conforme explicamos no capítulo metodológico, no quesito personagens do plano da estória da narrativa, o foco da análise são os sírios, suas histórias e os motivos de sua migração. A história que mais chama atenção nessa narrativa é a do pequeno sírio Alan Kurdi e sua família. A motivação de sua migração é clara: fuga da guerra na Síria em busca de um lugar pacífico, onde a família possa reconstruir a vida.. O destino é o Canadá, onde a tia de Alan e irmã de seu pai, Abdullah Kurdi, os espera.

Mas por que a tragédia? Por que a fuga por uma rota perigosa? A narrativa do *JN* não foca neste detalhe, mas outras matérias de outros veículos do período mostram que um dos maiores problemas era a falta de dinheiro. Em uma reportagem exibida pelo Portal G1 (05/09/2015)²³, Fatima Kurdi (irmã de Abdullah Kurdi, residente no Canadá desde 1992) contou que o irmão não tinha dinheiro para sair do país, então ela mesma teria enviado para ele US\$ 5 mil para pagar a viagem clandestina, e por isso, se sentia muito culpada. Outra questão levantada por Fatima foi a dificuldade de conseguir para sua família refúgio no Canadá (o pedido teria sido negado).

Entretanto, o que levaria um pai de família a colocar sua esposa e dois filhos pequenos (de 3 e 5 anos) em risco, em uma viagem sem garantias de êxito, senão a esperança de uma vida melhor do que aquela que se vive? Neste sentido, a história da família de sírios vítima desta tragédia (que levou também a vida de outros 9 sírios) representa muitas outras histórias de

²³ Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/tia-de-Alan-diz-que-suas-ultimas-palavras-foram-papai-nao-morra.html> Acesso 20/12/2017.

famílias sírias descapitalizadas, que fogem por rotas perigosas e pelas mãos de coiotes em navegações clandestinas, sem nenhuma segurança. Histórias que talvez nunca se tornem sabidas. Ghalib Kurdi tinha 1 ano de idade quando a guerra começou. Alan nasceu em meio à guerra. Portanto, são crianças que nunca conheceram um mundo sem guerra e que representam outras crianças nas mesmas condições de risco.

Outro perfil de personagem sírio que aparece na narrativa é daquele que migra por terra, como o casal com a pequena criança nos trilhos do trem, na Hungria. Eles não são identificados por nome e a única informação revelada sobre eles é que a família havia perdido tudo na guerra e que seu objetivo era chegar à Áustria. Novamente, a questão da falta de recursos financeiros vem à tona e eles representam milhares de famílias que fazem o mesmo percurso e esperam encontrar uma vida melhor em um dos países da Europa rica.

Os sírios que migram por rotas arriscadas no mar Mediterrâneo enfrentam as ondas, o frio, a falta de alimento, o sufoco de embarcações superlotadas, o abandono dos barcos pela tripulação. À deriva no mar, contam com a sorte de serem resgatados por um dos países europeus da costa do Mediterrâneo. Os que migram por terra enfrentam as longas caminhadas, o frio, a fome, os trens superlotados, a resistência de forças policiais em fronteiras de um leste europeu hostil.

Ambos enfrentam a morosidade do mundo, que assiste à tragédia nas páginas e nas telas dos telejornais noturnos como um filme de drama e terror, choca-se ou comove-se, mas depois segue naturalmente com seu jantar.

Quem são essas personagens está claro. São pais, mães, irmãos, um número infinito de crianças, a maioria sem recursos para garantir segurança a suas famílias. O motivo de sua migração pós-guerra também está claro: fugir do medo, do terror, da insegurança, movidos pela esperança de construir uma nova vida em um país seguro e proporcionar melhores condições de vida a sua família. A particularidade dos personagens envolvidos nesta trama é que eles fogem por rotas perigosas e sem nenhuma garantia de chegar aos lugares que desejam, seja por falta de recursos, seja porque são acometidos por alguma tragédia, seja porque as portas lhes são fechadas e eles são enviados de volta para o seu maior pesadelo. É com este grupo de notícias que o *JN* consegue retratar a face mais triste e dura da narrativa da migração síria pós-guerra, que é também aquela que ganha mais espaço no veículo e em noticiários em todo o mundo.

3.1.2. Os planos da expressão e da metanarrativa: empatia e xenofobia como dois lados de uma mesma moeda

O plano da expressão desta narrativa, que entre as trabalhadas neste capítulo é a que utiliza de recursos textuais e imagéticos mais dramáticos, revela efeitos de sentido que buscam despertar no telespectador um sentimento de comoção com a causa dos refugiados. Especialmente as tragédias e cenas envolvendo crianças possuem potencial para chocar profundamente aquele que assiste às matérias. Assim, um pouco do sofrimento humano que envolve a guerra na Síria e a crise migratória é transmitido à audiência do *JN*. Outro possível sentido revelado, como mostraremos no quadro de análise dos efeitos de sentido a seguir, é o da indignação por pensar que as autoridades internacionais não têm se mobilizado o suficiente para cessar as origens do problema ou atenuar as suas consequências, e que as motivações desta imobilização teriam como um de seus panos de fundo discursos preconceituosos e xenofóbicos.

As matérias também aproximam o tema do telespectador brasileiro. Isso porque elas mostram que, mais do que uma atuação eventual e direta em um resgate de refugiados à deriva no Mediterrâneo, o Brasil tem participado de outras formas na acolhida aos refugiados, que encontram proteção em território brasileiro através de políticas públicas destinadas ao grupo.

Tabela 6 - Efeitos de sentido pretendidos na narrativa 1

Ep.	Imagem /cena/ personagens	Texto	Efeitos de sentido pretendidos
1	Narração do repórter Pedro Vedova enquanto aparecem as cenas do casal com a criança de colo nos trilhos do trem resistindo à ação dos guardas da Hungria. A mãe e o neném choram, enquanto o pai os deita nos trilhos em desespero e bate repetidas vezes na própria cabeça.	“A raiva vira revolta; a revolta, desespero; o desespero, um transe. Famílias em profundo desacordo com a vida. Imigrantes entraram em pânico quando a Hungria desviou o caminho de um trem. Em vez da prometida fronteira com a Áustria, policiais húngaros obrigaram todos a descer num campo de refugiados. A mulher com o bebê no colo diz que a família morreu na Síria”.	Efeitos estéticos: As imagens de desespero da família têm forte apelo dramático e podem provocar tristeza, revolta e um sentimento de impotência no telespectador. A linguagem poética utilizada pelo narrador reforça o apelo dramático da narrativa.
1	Narração do repórter Pedro Vedova enquanto são exibidas imagens de multidões de imigrantes disputando espaços para entrar em um trem, se espremendo e se empurrando. Foco frequente da câmera em crianças, em semblantes de desespero, em pessoas se empurrando e se agredindo.	“Horas antes, esses imigrantes lutavam pra embarcar naquele mesmo trem. Eles queriam sair da Hungria e ganhar países como a Alemanha. Depois de quilômetros de perigos, ninguém queria ficar pra trás. A manobra húngara foi a nova decepção pra pessoas que fogem da carnificina na Síria. Empurradas pela guerra, se veem espremidas	Efeitos estéticos: As imagens podem provocar agonia e quase uma claustrofobia, pois mostram multidões desesperadas se agredindo para caber em espaços apertados, especialmente crianças. Podem causar também comoção. Novamente, a linguagem poética do texto, que utiliza os verbos “empurrar” e “espremer”, ações que estão

		num leste europeu hostil. O impasse faz imigrantes tentarem caminhos arriscados”.	sendo retratadas nas cenas, para descrever outra esfera da questão: as pessoas são ‘empurradas’ pela guerra para deixarem suas casas em busca de segurança e são ‘espremidas’ num leste europeu hostil, pois não são bem-vindas no resto da Europa.
1	Narração do repórter Pedro Vedova enquanto as imagens do menino sírio sem vida são exploradas em vários planos. Primeiro, aparece na filmagem em que o guarda turco retira o corpo da praia. Em seguida, já como fotografia de um só momento, a imagem é mostrada na capa de diversos jornais americanos e europeus. Em seguida, a importância da imagem é comparada à de outra retirada no Vietnã, em 1972, da menina que corre nua, que também é exibida na reportagem.	“O símbolo da crise é a criança afogada na praia turca. Fazia parte de um grupo de 12 pessoas que morreu na quarta-feira, na travessia da Turquia pra Grécia. A imagem chocante provocou um debate mundial. Parte da imprensa entendeu que a imagem é forte demais. Os três maiores jornais americanos e alguns dos principais europeus resolveram publicar. Lembram da foto famosa da menina no Vietnã que em 1972 mudou a percepção do público sobre aquela guerra. A cena de quarta-feira (2) chama a atenção pra origem da ferida: o conflito na Síria e o desencontro europeu. Na quinta-feira (3), a criança da praia ganhou um nome e uma história. É um rosto claro da indecisão europeia.	Efeitos de real: A veracidade dos fatos é reforçada pela exposição da data da tragédia que envolve Alan (2 de setembro de 2015) e número de pessoas que morreram, incluindo o menino, sua mãe e seu irmão (12 pessoas), junto às imagens do corpo sem vida sendo retirado da praia. Efeitos estéticos: As imagens possuem fortíssimo apelo dramático, já que apresentam a criança morta e são comparadas a outra imagem de apelo dramático da história do mundo, que vem à tona sempre que se fala das mazelas da Guerra do Vietnã. Podem provocar empatia, sofrimento e comoção. Ao trazer uma interpretação da mensagem simbólica da foto (o conflito na Síria e o desencontro europeu/indecisão europeia), conduz o telespectador a refletir sobre o contexto da tragédia e a se perguntar o que está acontecendo (ou não está acontecendo) que justifique a morte trágica de inocentes, ou seja, quem são os responsáveis.
1	Narração do repórter Pedro Vedova enquanto fotos da criança (Alan Kurdi) viva e sorrindo ao lado de seus familiares são exibidas. Em seguida, cenas do pai da criança escurado em uma parede e chorando desesperadamente são mostradas, além de cenas em que ele está falando em seu idioma enquanto o repórter cita o que ele teria dito (que já não se importa com a guerra na Síria e só que enterrar a família). Em seguida, cenas da tia da criança vestida de preto, chorosa e cabisbaixa dando um relato são combinadas à citação do repórter do que ela estaria dizendo em seu idioma (que esperava que a família se juntasse no Canadá e que responsabilizava o mundo pelo que aconteceu). Em seguida, novamente a imagem da criança sem	“A criança da foto perturbadora tinha três anos: Alan aparece em outra foto ao lado do irmão Ghalib, de cinco. Os dois embarcaram no projeto dos pais de chegarem até a Europa. Mas o sonho da terra segura naufragou. O pai foi o único sobrevivente entre os quatro. Encontrou os filhos e a mulher sem vida na praia turca. Destroçado, conta que todos escorregaram das suas mãos, e que os três não escutaram a voz dele. Ele já não se importa com a guerra na Síria. Só quer enterrar a família em Kobane, na cidade de onde partiu. A tia das crianças esperava que um dia todos se juntassem no Canadá. Agora	Efeitos estéticos: As imagens provocam extrema comoção ao mostrar o menino ainda com vida e sorridente. A narrativa segue o mesmo tom ao mostrar o pai e a tia de Alan Kurdi arrasados pela perda irreparável dos familiares. A fala de ambos, ao final, revela que a família pretendia se encontrar no Canadá, começar uma nova vida, mas agora, para o pai, nada mais importava, enquanto a tia culpava o mundo pelo que aconteceu. A fala da tia do menino conduz o telespectador a pensar de que forma o mundo inteiro (inclusive ele que está assistindo a reportagem) pode ser cúmplice

	<p>vida no colo do guarda turco é mostrada e, finalizando a reportagem, novas fotos de Alan Kurdi ao lado de seus familiares, com vida e sorrindo.</p>	<p>responsabiliza o mundo pelo que aconteceu A morte da criança esteve entre os assuntos mais comentados. E ganhou a hashtag #onaufragiodahumanidade. O menino é o retrato da crise, representa mais de 2.600 pessoas que morreram só em 2015”.</p>	<p>daquela tragédia. O sentido é completado pela apresentação da <i>hashtag</i> #onaufragiodahumanidade, uma crítica direta à falta de atitude do mundo em resolver a guerra na Síria e a crise migratória. Efeitos de real: A veracidade e tamanho da crise migratória é reforçada com dados reais: mais de 2.600 perdas de vidas humanas, só em 2015.</p>
2	<p>O apresentador William Bonner narra, na bancada do <i>JN</i>, o acontecimento de uma nova tragédia com vítimas mortais: o naufrágio de um bote no mar Mediterrâneo que levou a vida de 30 pessoas.</p>	<p>“Pelo menos 30 imigrantes da África morreram afogados nesta sexta-feira (4), na costa da Líbia. Eles viajavam em um bote inflável e provavelmente foram vítimas de traficantes que costumam abandonar os refugiados em alto mar”.</p>	<p>Efeitos de real: Com dados verídicos de mais uma tragédia com refugiados que tentavam chegar à Europa em um barco clandestino, o telespectador tende a conectar os pontos e lembrar-se da tragédia ocorrida em dias anteriores, que levou a vida de Alan Kurdi e sua família.</p>
2	<p>Narração da repórter Cecília Malan, enquanto cenas de um grande grupo de imigrantes desembarcando de um navio são apresentadas. São mostradas ainda: imagens de crianças chorando, de idosos e de feridos debilitados sendo carregados com a ajuda de outras pessoas; imagens de botes virados e de barcos superlotados em alto mar, com lanchas tentando ajudá-los; imagens de corpos sem vida e ensacados sendo retirados da praia e outros em caixões de madeira sendo enfileirados.</p>	<p>“Nos ombros do pai, a menininha chora. Ainda não entende que acabou de vencer a etapa mais arriscada de uma viagem épica. Duas mil e quinhentas pessoas desembarcaram com ela no porto de Pireu, na Grécia. Algumas, sem condição de andar. O número de refugiados e imigrantes que atravessaram o Mar Mediterrâneo já passou dos 300 mil em 2015. Muito mais do que no ano passado inteiro. E mais de 2.500 morreram tentando. É como se todos no navio que trouxe a garotinha assustada afundassem antes de pisar numa terra próspera e pacífica.</p>	<p>Efeitos estéticos: As imagens e o relato aparentam ter a pretensão de causar novamente comoção. Imagens fortes de barcos superlotados, botes virados, corpos sem vida ensacados e em caixões transmitem o drama e a dor das vítimas da crise migratória. Efeitos de real: dados oficiais do número de imigrantes que teriam atravessado o mar Mediterrâneo em 2014 (219 mil) em comparação a 2015 (300 mil, até agosto) enfatizam o tamanho da crise. Dados oficiais do número de mortos destacam o tamanho da tragédia que os envolve.</p>
2	<p>Narração da repórter Cecília Malan. A primeira cena mostrada é a do menino Alan nos braços do guarda turco e a foto do menino ainda vivo, ao lado de seu irmão, Ghalib. Em seguida, cenas do velório e enterro do menino, seu irmão e sua mãe. O pai conduz um dos corpos envolvido por um pano branco nos braços, enquanto chora. Em seguida, cena do pai sendo entrevistado por repórteres, na qual conta mais detalhes sobre a tragédia.</p>	<p>“Foi o que aconteceu com a criança que virou símbolo dessa tragédia humanitária. Alan, de 3 anos, o irmão, de 5, e a mãe foram enterrados nessa sexta-feira na cidade síria de Kobani. Depois de perder a família, o pai, Abdullah Kurdi, voltou ao país de onde fugia. Ele contou que foi obrigado a assumir o controle do barco em que eles viajavam quando o capitão fugiu no meio das ondas, uma situação que se repete em várias dessas embarcações.”</p>	<p>Efeitos estéticos: A primeira imagem confirma a conexão entre os episódios 1 e 2, ao trazer novamente a imagem de Alan Kurdi nos braços do guarda turco (um <i>flashback</i>). Em seguida, alimenta a trama com a cena dramática do velório em que o pai de Alan carrega um dos corpos nos braços, envolvido por um pano branco, enquanto ele e uma multidão choram. O suceder das imagens e cenas causam comoção, inconformidade, compaixão e revolta.</p>

	Narração da repórter Cecília Malan enquanto são exibidas imagens de destroços de barcos naufragados e pessoas tentando resgatar um grupo de imigrantes que tenta sobreviver boiando em cima de destroços de outro barco naufragado.	“Na costa da Líbia, em abril, o capitão não chegou a fugir, mas foi acusado pelo assassinato de centenas de pessoas. O barco estava lotado além da capacidade e naufragou quando todos a bordo avistaram um navio europeu e correram para o mesmo lado, pedindo socorro”.	Efeitos de real: Dados oficiais do naufrágio somados às imagens de destroços de vários barcos na Líbia confirmam a veracidade de mais uma tragédia de mesmo tipo. Efeitos estéticos: as imagens transmitem a angústia de quem espera o resgate e de quem tenta resgatar as vítimas. Os detalhes contados do naufrágio na costa da Líbia fazem imaginar a cena exatamente como foi, podendo despertar estados de espírito de tristeza e comoção.
2	A repórter Cecília Malan é a protagonista da cena, sendo filmada em uma rua de Londres, local de onde fala.	“A União Europeia deu início recentemente a uma operação para monitorar as gangues de traficantes de pessoas perto do mar da Líbia. Dependendo das informações coletadas nos próximos meses, os países europeus vão decidir se lançam, ou não, uma ação militar contra esses coiotos”.	Efeitos de real: A repórter aparece em Londres, transmitindo a mensagem de que as informações apresentadas foram colhidas no local da crise, a Europa, e de que ela mantém proximidade física com o acontecimento. Efeitos estéticos: As informações mostram ao telespectador que as autoridades europeias estão trabalhando por uma solução, que algo está sendo feito a respeito, que o problema poderá ser resolvido.
2	A repórter Cecília Malan narra o texto enquanto são exibidas imagens de uma embarcação resgatada pela guarda costeira italiana. Da embarcação são retiradas uma mulher que acabou de dar à luz no próprio barco e a criança recém-nascida, envolta em um tecido azul.	“Mas o Mediterrâneo não é um lugar apenas de tragédias. Entre os resgatados esta semana, havia uma mulher grávida. A guarda costeira italiana foi a primeira a testemunhar, no meio do Mar da Morte, uma nova vida.”	Efeitos estéticos: A linguagem poética utilizada pela repórter (“no meio do mar da morte, uma nova vida”) provoca a sensação de que nem sempre as coisas dão errado, que há esperança, que no meio do caos e do sofrimento podem aparecer boas notícias, o que é simbolizado pelo nascimento da criança no mar Mediterrâneo, mar que agora estava associado a tantas perdas de vidas humanas.
2	O apresentador William Bonner, da bancada do <i>Jornal Nacional</i> , transmite as falas do governo britânico e de seu primeiro-ministro, David Cameron.	“O governo britânico anunciou nesta sexta-feira que vai aceitar milhares de imigrantes como refugiados, mas não mencionou oficialmente quantos. O primeiro-ministro, David Cameron, reconheceu que o Reino Unido tem uma responsabilidade moral de ajudar os refugiados da guerra na Síria. Mas essa medida vale só para os que estão morando no Oriente Médio, em campos	Efeitos de real: A fala das autoridades britânicas denota seriedade à matéria. Efeitos estéticos: A entonação e a mensagem da fala de Bonner conduzem o telespectador a criticar a atitude do governo britânico, que pelo texto afirma que só receberá imigrantes que estejam em campos de refugiados e que os que já estão na Europa não estão incluídos na medida.

		de refugiados da ONU. Não para quem já está na Europa”.	
3	A apresentadora Ana Paula Araújo, da bancada do noticiário, fala do episódio de uma nova embarcação à deriva no mar Mediterrâneo, salva pela Marinha brasileira.	“O <i>Jornal Nacional</i> começa com o resgate dramático de mais de 200 imigrantes que tentavam chegar à Europa pelo mar Mediterrâneo. E foi um navio da Marinha Brasileira que ajudou a salvar o grupo. Quem conta essa história, com imagens exclusivas, é a correspondente Ilze Scamparini”	Efeitos de real: O fato de haver uma correspondente e de o jornal argumentar que utilizará imagens exclusivas reforça o contrato cognitivo do noticiário com o telespectador, de sempre que possível conseguir ele mesmo fazer as imagens e ter um repórter na cena em que o fato ocorreu. Efeitos estéticos: Provoca atenção à importância do fato, já que é a notícia de abertura da edição. A própria apresentadora utiliza o adjetivo ‘dramático’ para caracterizar o acontecimento, preparando o telespectador para imagens de drama.
3	Narração da repórter Ilze Scamparini. As cenas exibidas são do resgate dos tripulantes da embarcação superlotada pelos militares brasileiros, que conduzem os imigrantes ao convés da corveta Barroso. Em seguida, desenhos de mapas mostram que o navio da Marinha brasileira saiu do Rio de Janeiro em direção ao Líbano. Depois, mostrando o mapa do Mediterrâneo, a reportagem aponta o local onde a embarcação dos imigrantes estava à deriva. Também são exibidas ilustrações que simulam como teria ocorrido o resgate, com a ajuda de dois navios patrulha italianos de pequeno porte. Em seguida, a imagem que aparece é a dos refugiados desembarcando no porto italiano de Catânia.	“Cinco horas de tensão, à noite e em alto-mar. Foi o tempo que os militares brasileiros levaram pra salvar os refugiados que há uma semana enfrentavam as ondas do Mediterrâneo. O resgate aconteceu por acaso. No dia oito de agosto, a corveta Barroso saiu do Rio de Janeiro e foi para o Líbano, escalada pra uma missão de paz. Na sexta-feira, às 13h30 pelo horário de Brasília, começo da noite na Itália, veio o chamado de socorro. O serviço internacional de busca e salvamento italiano pediu que a corveta seguisse em direção à região do Peloponeso, na Grécia. O navio brasileiro estava a 270 quilômetros da costa da Sicília, na Itália e era o mais próximo do barco onde estavam os refugiados. Dois navios-patrulha italianos de pequeno porte se juntaram à operação. A corveta levou os refugiados pro porto italiano de Catânia”.	Efeitos de real: Imagens reais do fato são exibidas, mostrando sua veracidade. Expressões que localizam o fato no tempo e no espaço, combinadas às imagens (por exemplo, os mapas, que são repetidamente utilizados mostrando localizações geográficas relacionadas ao acontecimento, a distância percorrida pelo navio brasileiro, entre outros) reforçam que o fato fala por si e enriquecem de detalhes a história. Ainda, a fala de autoridades, como o serviço internacional de busca e salvamento italiano, também reforça o sentido de veracidade de informações vindas de fontes oficiais.
3	Narração de Ilze Scamparini. As imagens que passam em destaque são a dos médicos examinando os imigrantes no convés da corveta, a dos militares distribuindo alimentos e do próprio resgate.	“Dois médicos a bordo prestaram os primeiros socorros. Os imigrantes não comiam havia dois dias. As primeiras informações indicavam que a maioria dos passageiros fugia da guerra na Síria e que partiu de Benghazi,	Efeitos de real: As imagens comprovam a atuação dos militares da Marinha brasileira no resgate. Efeitos estéticos: As imagens tendem a despertar certa comoção, ao mostrarem tantos imigrantes deitados no convés

		na Líbia. O barco, encontrado já adernado pelos militares brasileiros, tinha pouco combustível. Dificilmente chegaria a Itália”.	do navio, enrolados em cobertas. Possuem potencial para sensibilizar o telespectador a respeito do que aquelas pessoas enfrentaram até serem resgatadas.
3	Áudio por telefone do comandante da corveta Barroso, Alexandre Amendoeira. As imagens são de uma foto do rosto do próprio comandante, revezando novamente com imagens dos imigrantes sentados no chão do convés do barco. A bandeira brasileira aparece ao fundo, no próprio navio. Também aparecem fotografias de militares brasileiros ao lado das crianças resgatadas fazendo sinais com a mão, com a bandeira brasileira estendida.	“Elas chegaram a bordo debilitadas. Com casos de desidratação leve. Foram medicados. Inclusive tinha uma senhora com uma fratura no braço. Tinha outra senhora grávida também. Eles se sentiram muito aliviados, alguns se jogaram no convés da corveta Barroso em agradecimento dos momentos que eles estavam”.	Efeitos de real: O áudio do comandante, testemunha ocular do fato, fortalece o sentido de veracidade dos fatos. Efeitos estéticos: Novamente, a imagem dos imigrantes no chão do convés e as fotografias de crianças resgatas junto aos militares brasileiros aparentam ter a pretensão de causar comoção e despertar certo orgulho de que brasileiros tenham participado como protagonistas de uma ação heroica.
3	Narração de Ilze Scamparini, enquanto são transmitidas imagens de famílias de imigrantes caminhando, organizados em filas aguardando o acolhimento ou chegando em locais de destino. Em uma delas, na Alemanha, refugiados são recebidos com aplausos pelos nativos. Em outra, refugiados aparecem em abrigos ou desembarcando de ônibus fretados, na Áustria. Ao final, imagens reportadas no episódio 1 (a da família nos trilhos do trem, entre outras) são apresentadas enquanto a repórter relembra o tratamento dado aos imigrantes na Hungria dias antes, comparando com as atitudes.	“A Europa rica também é o destino dos que conseguiram sobreviver. Quatrocentos e cinquenta foram recebidos com aplausos em Munique, na Alemanha. Fazem parte do primeiro grupo de dez mil refugiados que vão recomeçar a vida no país. Autoridades austríacas informaram que receberam mais de seis mil imigrantes entre sexta e sábado. Muitos chegaram em ônibus fretados pelo governo da Hungria. A recepção acolhedora nem de longe lembra o caos registrado nas últimas semanas em países do leste europeu que tentaram impedir a entrada e a passagem de imigrantes.”	Efeitos estéticos: As imagens, combinadas ao texto, dão a impressão de que os rumos da crise migratória estão mudando, de que as pessoas estão sendo acolhidas de fato e sendo bem tratadas. Ao final, o <i>flashback</i> das imagens da família em desespero nos trilhos do trem, na Hungria, rememora o telespectador de que há poucos dias o tratamento dado aos imigrantes era ruim. Podem incentivar a reflexão sobre o que teria mudado para que as pessoas agora fossem bem acolhidas.
3	O apresentador Alexandre Garcia, da bancada do noticiário, narra o texto. Intercalando com sua imagem, cenas dos protestos realizados em Paris, com cartazes com dizeres em protesto e a fotografia de Alan Kurdi sem vida na beira da praia são exibidas.	“Em Paris, mais de oito mil pessoas pediram que o governo francês abra as fronteiras pra receber refugiados sírios. Eles também pediram o fim da guerra na Síria e mostraram cartazes com a foto de Alan, o menino encontrado morto numa praia da Turquia. Ele se afogou quando a família tentava chegar à Grécia”.	Efeitos estéticos: O telespectador é estimulado a relembrar a tragédia ocorrida há poucos dias com Alan Kurdi e sua família, a partir do <i>flashback</i> de imagens do menino morto na praia que aparecem em cartazes dos manifestantes em Paris. As imagens da manifestação em si mostram que a sociedade civil tem se organizado em prol da situação e pode funcionar como um gatilho para que o mesmo seja feito no Brasil.
3	A apresentadora Ana Paula Araújo, em cena na bancada do noticiário,	“Diante da crise dos imigrantes, o governo	Efeitos de real: A apresentadora traz um relato

	narra as providências tomadas pelo governo brasileiro para ajudar na solução da crise migratória oriunda da guerra na Síria.	brasileiro quer prorrogar a regra que facilita a concessão de refúgio aos sírios. Em 2013, o Comitê Nacional para os Refugiados, o Conare, autorizou a concessão de vistos aos sírios por razões humanitárias - o que facilitou a entrada deles no país. O prazo dessa medida vence no fim do mês e deve ser prorrogado na próxima reunião do Conare. O Brasil tem hoje mais de dois mil refugiados da Síria”.	de fontes oficiais sobre as providências que têm sido tomadas, pelas instituições brasileiras afins, para ajudar na resolução do problema. Mostra, através de dados numéricos, que o Brasil também é afetado pela crise migratória, já que teria recebido mais de 2 mil sírios. Efeitos estéticos: As cenas podem despertar a sensação de maior proximidade geográfica com a questão, por trazer à tona que a informação de que o Brasil é afetado pela crise migratória e de que há refugiados no território. A informação pode funcionar como um gatilho para mobilização da sociedade civil no Brasil. Também estimula o sentimento de que o Brasil está cumprindo seu papel na solução do problema.
3	Fala direta do representante da Agência da ONU para refugiados no Brasil (ACNUR), Andrés Ramires.	“Há momentos em que se tem fechado as portas pra muitos refugiados que estão fugindo da Síria, que estão fugindo de todos os países, sobretudo na Europa. Tem muitas pessoas que tem arriscado suas vidas atravessando o mar Mediterrâneo, em condições de muita precariedade, de muita dificuldade e que, se um país abre as portas pra essas pessoas é uma atitude generosa que a gente claramente dá uma bem-vinda”.	Efeitos de real: Ao apresentar a fala de um especialista e autoridade no assunto da ajuda humanitária a refugiados, o JN traz mais legitimidade à narrativa, especialmente porque a autoridade confirma o papel positivo do Brasil na questão. Efeitos estéticos: O sentimento de que o Brasil está cumprindo seu papel na solução do problema é estimulado.
4	O apresentador William Bonner, em cena na bancada do jornal, inicia a narrativa com a citação indireta da fala do presidente Barack Obama.	“O presidente americano, Barack Obama, disse hoje que os Estados Unidos têm a obrigação de receber refugiados sírios. Na Europa, a hostilidade contra imigrantes continua”.	Efeitos estéticos: Bonner dá uma entonação destacada para a palavra “obrigação”. Parece falar em tom crítico à colocação de Obama, no sentido de que acolher refugiados devia ser uma ação de boa fé e solidariedade e não algo que as pessoas fazem contra a sua própria vontade. O sentido se confirma com a segunda frase, sobre o comportamento hostil em relação aos imigrantes nos países da Europa.
4	Enquanto o repórter Alan Severiano narra, são divulgadas imagens de uma multidão de imigrantes. Crianças e mulheres chorando, com	“A menina grita pela mãe, enquanto as crianças passam de colo em colo numa estação de trem da Áustria. Elas não	Efeitos estéticos: A narrativa da crise migratória retorna a seu teor mais dramático, com imagens de profundo

	<p>semblante de desespero. Crianças passando de colo em colo ou sendo carregadas sobre as costas de familiares. Muita gente gritando. Novamente, a cena da família de refugiados nos trilhos do trem na Hungria (exibida em episódios anteriores) é mostrada e comparada a uma nova imagem chocante que revela maus tratos praticados por policiais húngaros com os refugiados: com máscaras, eles arremessam ao ar pães para a multidão faminta do outro lado da grade.</p>	<p>sabem o que são fronteiras, mas já descobriram como é difícil cruzar essas linhas imaginárias. Na Hungria, o mesmo país onde refugiados se deitaram nos trilhos na semana passada, outra imagem chocante foi divulgada nesta sexta-feira. Usando máscaras, policiais jogam pães pra um grupo de refugiados sírios. Famintos, homens, mulheres e crianças disputam a comida arremessada no ar”.</p>	<p>sofrimento humano (mulheres e crianças chorando, pessoas desesperadas). Outras imagens podem despertar sentimentos de revolta no telespectador, pelo desrespeito e indiferença apresentados à dor do outro. Numa delas, refugiados disputam pães arremessados ao ar por policiais húngaros. O maior apelo de dramaticidade é conduzido pelo uso das imagens dos semblantes das crianças que sofrem, sem compreender o porquê de tudo aquilo.</p>
4	<p>Narração do repórter Alan Severiano. São mostradas imagens de uma reunião na ONU em que o porta-voz do ACNUR critica o tratamento dado aos refugiados. Em seguida, imagens de famílias de imigrantes (foco da câmera frequentemente em crianças) caminhando em estradas da Hungria são apresentadas.</p>	<p>“A ONU reagiu. O porta-voz da agência para refugiados pediu que eles sejam tratados com respeito. Mas o governo húngaro não deu ouvidos. Disse que, a partir da semana que vem, quem entrar no país ilegalmente será preso”.</p>	<p>Efeitos de real: A fala de uma fonte oficial criticando a atitude dos países da Europa na recepção dos refugiados reforça a argumentação crítica que o próprio <i>JN</i> está construindo em relação ao tratamento dado aos refugiados. Efeitos estéticos: Novamente, o apelo dramático para sensibilizar o público é realizado através do foco da câmera em muitas crianças.</p>
4	<p>Narração do repórter Alan Severiano, enquanto novas imagens de famílias de refugiados (muitas crianças) caminham sobre trilhos de trens. Junto às imagens, aparecem dados numéricos. Por fim, novamente a imagem do corpo sem vida de Alan Kurdi sendo retirado da praia pelo guarda turco é mostrada.</p>	<p>“Só este ano, 381 mil refugiados chegaram à Europa. E pelos cálculos das Nações Unidas, até o 2016, serão mais 500 mil. Metade sai da Síria. Como o menino Alan, de 3 anos, que morreu afogado e virou um dos símbolos da crise humanitária.”</p>	<p>Efeito de real: Números oficiais sobre a crise são expostos, trazendo tom de veracidade aos fatos. Efeitos estéticos: Imagens de muitas crianças, algumas delas de colo, são apresentadas, podendo despertar a empatia do público. Novamente, a imagem de Alan Kurdi como <i>flashback</i> de episódios anteriores é exibida, acentuando o drama da narrativa e despertando e incentivando o telespectador a pensar nas crianças que foram perdidas na crise e nas que ainda podem se perder, já que há tantas crianças entre as multidões de refugiados e sua fragilidade diante da questão é maior.</p>
4	<p>O repórter narrador Alan Severiano aparece em cena em um dos pontos turísticos de Nova York falando. Em seguida, entra em cena imagens do presidente Barack Obama prestando uma coletiva à imprensa enquanto o</p>	<p>“Mas onde acomodar tanta gente? Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos, um país que foi formado por imigrantes, tem medo que terroristas se infiltrem entre os</p>	<p>Efeitos de real: Antes de apresentar a gravação do pronunciamento do presidente Barack Obama sobre a questão, a reportagem mostra que o repórter narrador está</p>

	<p>próprio repórter, com voz ao fundo, explica o que o presidente está dizendo. Por último, novas cenas de famílias de imigrantes atravessando trilhos de trem.</p>	<p>refugiados. Por isso, em vez de abrir as portas, preferem dar dinheiro. Até agora, já foram US\$ 4 bilhões em doações. Já o plano do governo de acolher 10 mil sírios foi considerado tímido. O presidente Barack Obama disse que o país tem obrigação de acolher os refugiados. Mas grupos humanitários querem mais: pelo menos 65 mil sírios”.</p>	<p>nos EUA. Reforça o sentido de que ele é testemunha direta e, portanto, está apto a falar sobre como os estadunidenses tem tratado a questão. Efeitos estéticos: A fala do repórter é provocadora. Quando diz, “mas onde acomodar tanta gente” e traz em seguida a postura estadunidense sobre o tema, pode induzir o telespectador à crítica, transmitindo a mensagem de que é contraditório que um país que foi formado por imigrantes tenha preconceito contra imigrantes. Critica a omissão dos EUA no assunto, que prefere enviar doações em dinheiro a receber as pessoas. O motivo aparente que explicaria a atitude do país segundo repórter, seria o temor de que terroristas se infiltrassem entre os refugiados, o que mostra que a atitude está pautada em preconceito.</p>
4	<p>Narração do repórter Alan Severiano, enquanto a edição apresenta mapas dos países e quantos refugiados eles se dispuseram a receber. Novas imagens de refugiados acampados em ruas e estradas são exibidas. Sempre com imagens de crianças junto aos seus pais. Uma delas, uma criança de colo, é carregada nas costas (provavelmente do pai) e dorme com a cabeça apoiada na cabeça do homem.</p>	<p>“A oferta americana é menor até do que a da Austrália, que planeja receber 12 mil refugiados. A Europa ainda não chegou a um acordo sobre o plano para distribuir 160 mil alojadas na Grécia, Hungria e na Itália. A ideia é que a maioria vá pra Alemanha, França e Espanha, e que cada país receba uma ajuda de 6 mil euros por pessoa. A Grã-Bretanha ficou de fora das cotas. Mas se comprometeu a receber 20 mil sírios nos próximos cinco anos”.</p>	<p>Efeito de real: Mapas e dados numéricos reforçam o tom de dados oficiais sobre o que os países têm feito para colaborar com o fim da crise migratória. Efeitos estéticos: A fala ocorre em entonação de crítica, especialmente aos EUA e aos países da Europa. Aos EUA porque sua oferta é menor do que a da Austrália. Aos países da Europa, porque ainda não chegaram a um acordo sobre como distribuir os mais de 160 mil imigrantes alojados na Grécia, Hungria e Itália. À Grã-Bretanha, porque se compromete em receber 20 mil refugiados nos próximos anos, mas deixa claro que não está disposta a dividir em pé de igualdade as responsabilidades de recepção assumidas por outros países da União Europeia. Aqui, termos utilizados no primeiro episódio desta narrativa ganham mais clareza: ‘a indecisão europeia’, ‘o</p>

			desencontro europeu', #onafragiodahumanidade'.
4	Narração do repórter Alan Severiano, enquanto o ator inglês Benedict Cumberbatch e sua acompanhante são filmados em um evento da ONG Salve as Crianças em prol dos refugiados. Ele declama em inglês um poema, que é traduzido para o português pelo Alan Severiano. Em seguida, com o áudio da música <i>'Helping is coming'</i> e a narração do repórter ao fundo, são apresentadas diversas filmagens de ajuda humanitária ocorrendo, imagens de crianças passando de mão em mão para serem colocadas em trens lotados (inclusive imagens já utilizadas em episódios anteriores), imagens de multidões de imigrantes caminhando e de felizes reencontros familiares.	"Para ajudar os refugiados, celebridades como o ator inglês Benedict Cumberbatch se engajaram numa campanha da ONG "Salve as Crianças". Ele leu um trecho de um poema da Somália: "Ninguém deixa a própria casa a não ser que ela seja a boca de um tubarão." A música "a ajuda está chegando" é uma forma de lembrar que o mundo é um só. As guerras e as fronteiras são invenções do homem".	Efeitos de real: Ao mostrar um ator famoso mundialmente engajado na causa em favor dos refugiados, a reportagem fortalece e legitima seu posicionamento a favor da causa. Efeitos estéticos: A imagem do ator famoso e sua fala, ao declamar um poema em defesa dos que deixam suas casas, tendem a gerar empatia no público, que se identifica com ele e se sensibiliza com quem deixa seu lar por medo e insegurança. Ao final da reportagem, a música comovente e a reflexão poética do repórter, que diz que a música ajuda a lembrar de que guerras e fronteiras são invenções do homem e que na verdade o mundo é um só novamente trazem um apelo de empatia e sensibilização em relação à causa dos refugiados.

A partir da identificação dos recursos textuais e imagéticos, nossa análise empírica nos leva a crer que os principais propósitos das estratégias argumentativas utilizadas nesta narrativa desvelados são, em síntese:

- a) conduzir o telespectador a estados de espírito de drama e comoção em relação às famílias que fogem da Síria por meios arriscados e muitas vezes não chegam ao seu destino;
- b) despertar sentimentos de empatia e solidariedade pela identificação com o sofrimento humano, especialmente o que aflige às crianças (símbolo da inocência), mostrando que a sociedade civil, e mesmo pessoas que estão em países mais distantes daquela realidade, também podem cooperar;
- c) construir percepções sobre a raiz do problema, que acaba envolvendo a negligência de nações ricas e poderosas, que se apegam a discursos nacionalistas e, muitas vezes, xenofóbicos e preconceituosos (proteção de seus interesses econômicos, políticos, sociais e culturais) em detrimento do discurso de que, na verdade, o mundo é um só.

Em nossa leitura, ao refletirmos sobre o plano da metanarrativa dessas notícias, percebemos que o pano de fundo que mais se destaca é a contraposição entre o ser nacional e o ser estrangeiro. A construção de sentidos mostra que a ideia de que o mundo se torna um só através

de valores e ações de solidariedade encontra suas maiores fragilidades na divisão do mundo em Estados-nação. Nesse sentido, o discurso da nação e da ação pragmática de sobrevivência dos Estados – que não querem receber estrangeiros porque temem pelos prejuízos que os mesmos podem causar à sua integridade – alimenta posturas vazias de solidariedade, cujas expressões mais graves são atitudes de xenofobia. Essas atitudes, por sua vez, tomam forma na postura de países como os EUA, que resistem receber refugiados de certas nacionalidades por temer que os mesmos possam estar associados ao terrorismo.

3.2. Narrativa 2: o recomeço de refugiados no Brasil

A narrativa sobre a migração síria pós-guerra mostra seu desdobramento no Brasil desde quando o país se tornou um dos destinos preferidos daqueles que fogem da guerra. Como apresentamos anteriormente, os sírios chegaram a ser, em 2015, o maior grupo de refugiados do país.

Neste grupo de matérias, o núcleo da narrativa é justamente o recomeço dos refugiados no Brasil, dentro do qual pretendemos focar a história dos que são oriundos da Síria. As quatro reportagens que analisamos neste tópico foram ao ar nos meses de setembro e outubro de 2015, justamente num contexto de comoção mundial com a crise dos refugiados, em função da tragédia que ceifou a vida de Alan Kurdi e seus familiares, conforme apresentamos na narrativa 1 deste capítulo.

Os 4 episódios da narrativa sobre o recomeço de refugiados no Brasil somam um total de 13 minutos e 28 segundos. Na tabela 7, apresentamos informações gerais desta narrativa e o texto da mesma disponibilizado pelo portal *on-line* do *JN*. Em seguida, analisamos a mesma dentro dos três planos de análise elencados por nossa metodologia de análise.

Tabela 7: Informações gerais da narrativa 2

Título	Filhos de refugiados têm recomeço difícil ao chegar ao Brasil	Refugiados sírios na Jordânia tem o sonho de morar no Brasil	Refugiados que chegam ao Brasil enfrentam muitas dificuldades	Filhos de refugiados cantam música brasileira em festa em São Paulo
Subtítulo	Alguns se sentem pressionados e discriminados pelos colegas das escolas. Muitas vezes eles se tornam os interpretes linguísticos dos pais.	Todos os dias, cerca de mil refugiados sírios procuram a embaixada da Síria em Amã. Eles tentam um passaporte, que custa caro.	Pedidos de ajuda têm se multiplicado principalmente de 2013 até hoje. Muitos estrangeiros não falam português e não têm família no país.	Festa reuniu neste sábado (17) dezenas de crianças de famílias que fugiram de guerras na África e no Oriente Médio.
Data da matéria	11/09/2015	29/09/2015	12/10/2015	17/10/2015

Duração (mm:ss)	03:47	03:35	03:30	02:36
Link:	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/filhos-de-refugiados-tem-recomeco-dificil-ao-chegar-ao-brasil.html	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/09/refugiados-sirios-na-jordania-tem-o-sonho-de-morar-no-brasil.html	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/refugiados-que-chegam-ao-brasil-enfrentam-muitas-dificuldades.html	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/10/filhos-de-refugiados-cantam-musica-brasileira-em-festa-em-sao-paulo.html
Episódio 1	Título: Filhos de refugiados têm recomeço difícil ao chegar ao Brasil			
Narrador(a)	Texto			
Jornalista Renata Vasconcellos: Editora Executiva do JN e apresentadora	Trinta mil refugiados que escaparam da guerra vivem hoje no Brasil. Para as crianças e para os adolescentes, esse recomeço tem sido difícil.			
Jornalista Graziela Azevedo, JN São Paulo	<p>A voz doce e os sorrisos por um instante fazem a gente esquecer a imensa tristeza do lugar de onde as meninas vieram.</p> <p>“Eu moro ‘do’ Zaatari, é muito ruim. ‘Tem’ um mês muito calor, um mês muito frio”, conta Hannah.</p> <p>Foi em um gigantesco campo de refugiados, na Jordânia, que Hannah e sua família viveram dois anos. Fugiram da Síria, onde perderam tudo.</p> <p>Hannah: Caiu da bomba, não tem mais casa.</p> <p>Jornal Nacional: Não tem?</p> <p>Hannah: Não.</p> <p>Benny, que tem medo de mostrar o rosto, sofreu perda ainda maior.</p> <p>Jornal Nacional: Você perdeu seu pai e sua mãe na guerra?</p> <p>Benny: Foi assassinado.</p> <p>A tragédia foi decisiva para que ele e dois irmãos mais velhos deixassem o Congo, que enfrenta um longo e sangrento conflito armado. Outros cinco irmãos ficaram perdidos no país africano.</p> <p>“A saudade é muito grande. Quando chega o dia do aniversário, eu não como. Eu passo o dia inteiro chorando”, diz Benny.</p> <p>Nem só da Síria, nem só do Congo. No Brasil hoje vivem refugiados de 81 nacionalidades diferentes. Enquanto os imigrantes querem e até planejam a viagem, quem foge das guerras e perseguições em geral não tem escolha. As crianças e adolescentes menos ainda. E isso faz muita diferença.</p> <p>Deixar amigos e parentes para trás, tentar aprender sem conhecer a língua não é nada fácil. Hannah acaba de abandonar os estudos. Se sentia pressionada e discriminada pelos colegas.</p> <p>“Fala pra professora: ‘Hannah muito chata, Hannah muito burra’. Ele fala isso”, conta a menina.</p> <p>As irmãs Inaan e Malak chegaram há um ano. O começo para elas também foi difícil. Mas os colegas foram se aproximando. E hoje...</p> <p>“Ele me ajuda muito. Todos trabalhos que eu fiz foi com ele, dupla com ele”, diz Inaan.</p> <p>“Via que ela tinha dificuldade em algumas coisas na escola. Aí resolvi ajudar ela. A gente se tornou amigos e hoje a gente está assim”, afirma João Victor da Silva.</p> <p>Um convívio que é uma riqueza compartilhada.</p> <p>“É uma cultura nova. Querendo ou não você leva um aprendizado diferente e é do nada, é só nossa sala que tem esse privilégio, entendeu? É muito interessante”, comenta Lídia de Moraes.</p> <p>Jornal Nacional: É difícil ainda de se comunicar?</p> <p>Malak: A língua. Muito difícil. Mas a Lídia e Patrícia me ‘ajuda’ muito.</p> <p>Ter filhos falando português facilita a vida dos pais. Mas...</p> <p>“Para uma criança pequena se responsabilizar por ser o interprete linguístico cultural dos pais é bastante coisa. Criança tem que poder ser criança. E preservar esse lugar do</p>			

	<p>lúdico, da brincadeira e não ser um adulto precoce. Tem também que preservar esse lugar”, afirma a psicanalista Ane Gebrn.</p> <p>Alguns ainda enfrentam outras barreiras. “Eu vivi um racismo no abrigo”, diz Benny. “Acho muito, muito importante estar pedindo pra sociedade, pras crianças nas escolas, pra todo mundo que está recebendo essas pessoas pra dar um acolhimento de verdadeira compaixão. Porque eles estão passando por uma guerra, por situações nunca vividas, inclusive por eles”, comenta a psicóloga Ana Cristina Berntz.</p> <p>Guerra que exige o esforço de todos, para mostrar a crianças e jovens refugiados como esses que a vida é mais que violência e da destruição.</p> <p>“Eu quero um futuro bem melhor, porque quero meus filhos ‘ser’ bem felizes, como eu tava com meu pai”, diz Benny.</p>
Episódio 2	Título: Refugiados sírios na Jordânia tem o sonho de morar no Brasil
Narrador(a)	Texto
Jornalista Heraldo Pereira, apresentador	Os repórteres Bette Lucchese, Mahomed Saigg e André Maciel estiveram na Jordânia. Eles registraram o dia a dia dos refugiados e descobriram que muitos têm um sonho: morar no Brasil.
Jornalista Bette Lucchese, correspondente na Jordânia	<p>Hussaim ouviu o barulho dos aviões que se aproximavam para mais um ataque aéreo. Hussaim Bramzi: Avião joga bomba pra minha casa, eu saí, eu sair pra rua. Eu olho na minha casa. Bomba. ‘Cabou’.</p> <p>A família escapou para a Jordânia. Primeiro foram para o campo de refugiados de Zaatari, o maior do Oriente Médio. E depois moraram na capital, Amã. No início do ano, Hussaim sozinho buscou refúgio no Brasil. Mulher e filhas ficaram para trás.</p> <p>Nos últimos dois anos, nosso país recebeu mais de 8.500 pessoas que escaparam de guerras pelo mundo. A maioria, sírios. São pessoas que estão no limite. Todos os dias, cerca de mil refugiados sírios procuram a embaixada da Síria em Amã. Eles tentam um passaporte. E, para isso, precisam juntar as economias. Tirar o documento lá é bem caro: cerca de R\$ 1.600.</p> <p>A crise financeira mundial afeta os programas de proteção aos refugiados, que se sustentam com doativos da comunidade internacional.</p> <p>Mahmoud tinha uma vida estável até que um ataque aéreo acabou com tudo. Em Amã, a família passa fome. E nem assim Abdulgader, 4 anos, deixa de sorrir.</p> <p>Os refugiados que chegam agora à Jordânia precisam vencer barreiras, são marginalizados, sentem o peso da redução da ajuda humanitária. Estão numa espera desesperada por estratégias de sobrevivência.</p> <p>Um dos reflexos dessa pobreza extrema que eles enfrentam pode ser visto em Azraq. Somente este ano, 10 mil pessoas voltaram a viver no campo, onde não pagam aluguel e recebem um pouco mais de dinheiro para comprar comida.</p> <p>O campo de refugiados de Azraq foi aberto há pouco mais de um ano, no meio do nada. O campo de Zaatari estava superlotado. Falta energia elétrica, falta água. No verão, a temperatura beira os 50°C e no inverno, as nevascas congelam tudo. As crianças são mais da metade da população.</p> <p>Hussaim conseguiu deixar tudo isso para trás, mas sofreu outro duro golpe no Brasil. A alta do dólar impedia a vinda da mulher e das duas filhas.</p> <p>Uma brasileira fez uma campanha nas redes sociais e conseguiu as passagens.</p> <p>“Quando eu disse pra você que eu ia tentar, mas que eu não sabia, você achou que ia dar certo?” ele disse ‘olha, já estava morrendo. Eu já nem achava mais nada, eu estava morto, já’”, contou Viviane Cardoso dos Reis, diretora da ONG Eu Conheço Meus Direitos.</p> <p>E depois de sete meses, o reencontro da família em São Paulo foi o fim da angústia de quem tinha medo de nunca mais rever a mulher e as filhas. “Ele fala ‘obrigado por devolver a minha alma’”, contou Viviane.</p>
Episódio 3	Título: Refugiados que chegam ao Brasil enfrentam muitas dificuldades
Narrador(a)	Texto
Jornalista Heraldo Pereira, apresentador	Refugiados da Síria e de outras regiões do planeta procuram em outros países oportunidades para recomeçar a vida. E o Brasil é um desses destinos, mas quem chega enfrenta muitas dificuldades.

<p>Jornalista Graziela Azevedo, JN São Paulo</p>	<p>Nebras sente muita saudade de tudo o que deixou na Síria, mas já vai sendo conquistado pelos sabores da nova terra. Jornal Nacional: O que você gosta de comer que tem no Brasil? Nebras: Arroz e feijão. Na escola, joga queimada e arrisca a escolha de um time de futebol. “Palmeiras é brasileiro? Eu gosto de Palmeiras”, diz o menino. Já o pai vai tentando driblar as dificuldades. Conseguiu abrir um pequeno restaurante, mas transferência de faculdade para o filho mais velho é quase impossível, Tão difícil quanto aprender português é alugar um imóvel. “Fala com dona, por favor. Aí paga três meses. Disse ‘não, precisa fiador’. Sou refugiado, Não tem”, conta. Os pedidos de ajuda têm se multiplicado principalmente de 2013 pra cá, mas as dificuldades ainda são grandes, e desde a chegada. Muitos refugiados não falam português, não entendem os avisos e placas, não têm amigos no Brasil. Nas rodoviárias, portos e aeroportos, nem sempre tem alguém pra receber e orientar. Quando chegou da República Democrática do Congo, Jordi ficou perdido com o pai no centro de São Paulo. Foram socorridos por quem fala a mesma língua e conhece sofrimento parecido. “Haitiano começou a pedir, porque haitiano às vezes fala francês. Foi difícil, porque quando cheguei aqui nem sabia a língua, não sabia nada”, relembra. A pequena sala escondida no aeroporto internacional era, como diz a placa, para ajudar brasileiros de outros estados, mas o serviço da prefeitura de Guarulhos acabou ampliado por força da necessidade. “Nós trabalhamos com a dor das pessoas, então a gente tem que parar e ajudar, não tem outra opção”, diz a coordenadora do posto, Ivone Antunes. Enquanto esperam credenciais da Polícia Federal para que possam atuar dentro do desembarque, eles vão atendendo quem é encaminhado ou descobre o serviço. Só quem tem sorte ou conhecidos encontra logo abrigo. São poucas as casas do estado ou do município que acolhem refugiados. Há promessas de outras e também de união dos esforços. “A gente pretende abrir uma segunda casa provavelmente já no ano que vem, para acolher mais dessas pessoas em situação de refúgio”, aponta o secretário-adjunto de estado de Desenvolvimento Social de São Paulo, Felipe Sigollo. “A gente precisa estar articulado para que todo processo migratório seja realizado com segurança e dignidade”, afirma o coordenador de política para migrantes na Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Paulo Illes. Estudar para o vestibular de direito ou engenharia é mais que reconquista de dignidade. Jorge fugiu de Angola com a irmã e só depois de três meses no Brasil localizou o pai, que ainda não escapou das perseguições na África. “Só o coração sabe a alegria que eu tive”, conta. Uma força e tanto para driblar as dificuldades. Emprego, carta de motorista, inscrição no vestibular, tudo é difícil com documento provisório. Mas quem escapou da morte acaba com um jeito firme de encarar a vida, por mais dura que ela seja. “Decidi não chorar mais, cabeça erguida, olhar simplesmente em frente e seguir, que venha o que vier”, afirma Jorge.</p>
<p>Episódio 4</p>	<p>Título: Filhos de refugiados cantam música brasileira em festa em São Paulo</p>
<p>Narrador(a)</p>	<p>Texto</p>
<p>Jornalista Carla Vilhena, apresentadora</p>	<p>Uma festa reuniu neste sábado (17), em São Paulo, dezenas de crianças de famílias que fugiram de guerras na África e no Oriente Médio.</p>
<p>Jornalista José Roberto Burnier, JN São Paulo</p>	<p>A felicidade estampada na cara bem que poderia ser chamada de alívio. Afinal, de onde essas crianças vêm, alegria é algo raro. Elas nasceram na Síria, na Jordânia, no Congo, no Sudão do Sul, no Iêmen, na Palestina, em Angola, países assolados por guerras e perseguições. Pra quem escolheu o Brasil como lar é hora de se misturar, fazer amigos, viver a infância proibida nos países de origem. “Ver o brilho das crianças enquanto a gente está se divertindo é tão gratificante pra alma, a gente guarda no coração”, diz o cantor Jairzinho. “Não é fácil, mas você sair da sua pátria deve ser uma dor incrível, mas ser recebida por outra é uma alegria única”, diz a atriz Tânia Khalill. São 64 crianças de países do Oriente Médio, da África, todas de famílias refugiadas que</p>

	<p>sobem no palco pra mostrar o que eles ensaiaram durante três meses: uma música brasileira.</p> <p>Viviane não tem filhos. Mas arrumou 65 filhos adotivos. “Aqui a gente consegue ter ações onde elas conseguem construir novas memórias, trabalhar uma regeneração, se reconectar, saber que tem segurança, podem brincar, viver livres”, diz Viviane Reis, fundadora da ONG I Know My Rights.</p> <p>A pequena Leine, de Angola, foi até o palco sabe pra quê? Só pra ganhar um abraço.</p> <p>Jornal Nacional: Lá em Angola você abraçava muita gente?</p> <p>Leine: Não, só os meus pais.</p> <p>Jornal Nacional: Aqui você abraça todo mundo?</p> <p>Leine: Sim.</p> <p>Jornal Nacional: Então, dá um abraço aqui.</p> <p>“A gente conhece as mazelas das crianças aqui no Brasil, mas trabalhar com refugiadas, acho que elas vêm com uma carga a mais, nós não vivemos uma guerra, né?”, diz Patrícia Cardim, diretora do Instituto Belas Artes.</p> <p>Guerra? Nada disso. O que Blessing quer é viver no mundo da Lua.</p> <p>Jornal Nacional: Você vai querer ser o quê quando crescer?</p> <p>Blessing: Eu queria ser um astronauta ou um piloto de avião.</p> <p>Jornal Nacional: Muito bem, nos veremos num avião algum dia</p> <p>Blessing: Obrigado.</p>
--	---

Fonte: Site do JN²⁴

3.2.1 O plano da estória: a migração do recomeço

3.2.1.1. A função de cada episódio na narrativa

O fio condutor dos 4 episódios dessa narrativa é o compartilhamento do drama em torno das experiências de recomeço dos refugiados que chegam ao Brasil, que incluem as maiores dificuldades que cada um enfrenta e o que os atrai mais na nova pátria. Enquanto o conflito primário é justamente este recomeço em comum no Brasil, os conflitos secundários dos episódios se manifestam nas particularidades da história de vida de cada refugiado, apresentadas a cada nova reportagem.

O episódio 1 foca no conflito secundário da adaptação de crianças e adolescentes à língua e à escola no Brasil. A primeira personagem a protagonizar a narrativa é Hannah, refugiada síria que aparenta ter cerca de 10 anos (Figura 15).

²⁴ Endereço do site: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/> Acesso: 05/02/2018

Figura 15 – Print da imagem da menina síria Hannah, que brinca com a irmã caçula



Legenda (texto em coesão com a cena): “A voz doce e os sorrisos por um instante fazem a gente esquecer a imensa tristeza do lugar de onde as meninas vieram” (narração da repórter Graziela Azevedo, no episódio 1, a partir do *time* 00:09).

Ela brinca com a irmãzinha de colo, enquanto conta que sua família saiu da Síria quando sua casa caiu, após um bombardeio. De lá, eles foram para o maior campo de refugiados da Jordânia, *Zaatari*, onde ficaram por dois anos até emigrarem para o Brasil. Hannah fala com dificuldades o português, mas acaba sendo a responsável por ajudar a família a se comunicar no novo idioma. Seu maior desafio no recomeço no Brasil é a adaptação à escola, onde diz sofrer *bullying* por parte de colegas de turma, que a chamam de ‘chata’ e ‘burra’. Por isso, a reportagem conta que ela desiste de frequentar a escola.

No mesmo episódio, são apresentadas as histórias de outras duas meninas sírias: as adolescentes e irmãs Inaan e Malak. O episódio não conta detalhes sobre as motivações que conduziram as meninas à nova pátria. Foca em suas experiências no recomeço no Brasil, que são positivas. Elas compartilham que a maior dificuldade é o idioma, que se coloca como grande desafio na hora de acompanhar as disciplinas na escola, mas os colegas de sala de aula, que são brasileiros e também falam na reportagem, chegam junto para ajudar. Estes testemunham que apreciam os aprendizados que ganham com as diferenças culturais, em função da presença das meninas em sua classe. O episódio também conta a história de Benny, refugiado da guerra no Congo que conta ter perdido seus pais e 5 irmãos na guerra, mas que conseguiu ser acolhido com dois outros irmãos no Brasil.

O episódio 2 mostra outra história: a do pai de família sírio Hussaim Bramzi, que também perdeu sua casa em um bombardeio na guerra da Síria e teve de se refugiar inicialmente no campo de refugiados do Zaatari (história que se aproxima muito da compartilhada por Hannah, no episódio 1). Entretanto, o conflito em torno da história de Hussaim é que ele veio para o Brasil primeiro, para arranjar um local para sua família (esposa e duas filhas), mas na hora de trazê-las, seu dinheiro não foi suficiente. Ao final do mesmo episódio e com a ajuda da brasileira e diretora da ONG *I Know my rights* (Eu conheço meus direitos) Viviane Reis, ele reencontra sua família num aeroporto em São Paulo, numa cena comovente (Figuras 16, 17 e 18).

O episódio também mostra a história de outro pai de família sírio, o contador Mahmoud. Casado e com dois filhos (um deles, Abdulgar, de 4 anos, que sorri para os repórteres) tinha uma vida estável até perder tudo em um ataque aéreo na guerra da Síria. Morando em Amã na Jordânia, a família vive de donativos da comunidade nacional e em época de baixa dessas doações, passa fome.

Figura 16 – Print da imagem da apresentação de Hussaim Bramzi, refugiado sírio acolhido no Brasil, que tenta trazer a família do campo de refugiados do Zaatari



Legenda (texto em coesão com a cena): “Meu nome é Hussaim Bramzi, eu sou da Síria” (Narração da repórter Bette Lucchese, no episódio 2, a partir do *time* 00:14).

Figura 17 – Print da imagem de Viviane Reis, a brasileira que ajuda Hussaim a trazer a família para o Brasil



Legenda (texto em coesão com a cena): “Quando eu disse pra você que eu ia tentar, mas que eu não sabia, você achou que ia dar certo?” Ele disse: ‘Olha, eu já estava morrendo. Eu já nem achava mais nada, eu estava morto, já’” (fala de Viviane Reis, no episódio 2, a partir do *time* 03:10).

Figura 18 – Print da imagem do momento de reencontro da família de Hussaim em um aeroporto de São Paulo



Legenda (texto em coesão com a cena): “E depois de sete meses, o reencontro da família em São Paulo foi o fim da angústia de quem tinha medo de nunca mais rever a mulher e as filhas (Narração da repórter Bette Lucchese, no episódio 2, a partir do *time* 03:24).

O episódio 3 é iniciado com a história do recomeço da família de Nebras no Brasil. Com os recursos que tinha, o pai conseguiu abrir um pequeno restaurante de comida árabe no país, mas relata a dificuldade que teve para alugar imóveis. Sendo refugiado, não possuía contatos no Brasil que pudessem ser seus fiadores. Ele conta que mesmo oferecendo 3 meses de aluguel adiantado e explicando sua situação, enfrentou resistência. Outra dificuldade relatada pela família é a dificuldade de transferir a faculdade do filho mais velho para o Brasil. Os trâmites e reconhecimentos de documentos, entre outras burocracias, formam, portanto, o cerne do conflito deste episódio. Por outro lado, do ponto de vista da cultura, Nebras e sua família se saem bem. O menino conta aos repórteres que sua comida brasileira preferida é arroz com feijão e que gosta do Palmeiras, time de futebol brasileiro (Figura 19).

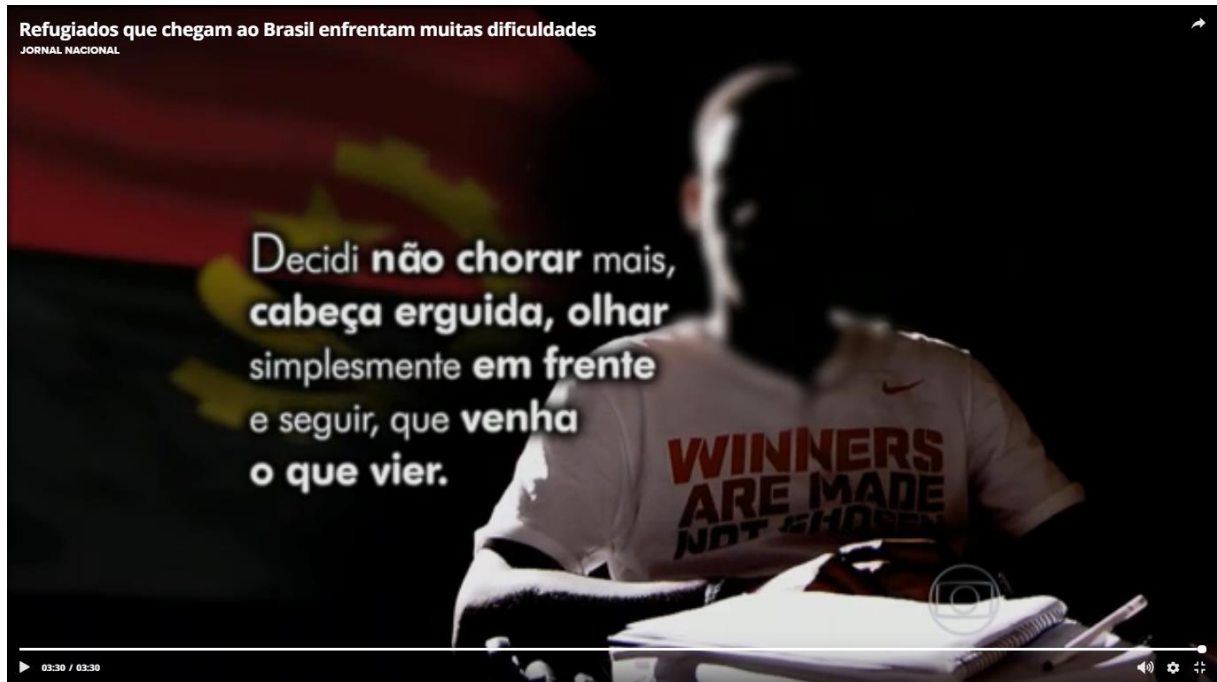
Além disso, o episódio 3 conta a história de outros dois refugiados: Jordi, oriundo do Congo, e Jorge, oriundo da Angola. O primeiro relata suas dificuldades por não saber o idioma na chegada ao Brasil. O segundo, que pretende prestar o vestibular no país, passa pelas dificuldades de retirada da nova documentação exigida na nova pátria. Mas também diz ao que tem se apegado para seguir em frente e não deixar de sonhar (Figura 20).

Figura 19 – *Print* da imagem de Nebras (o menino sírio refugiado) e sua família realizando uma refeição no restaurante que o pai abriu no Brasil



Legenda (texto em coesão com a cena): “Nebras sente muita saudade de tudo o que deixou na Síria, mas já vai sendo conquistado pelos sabores da nova terra” (Narração da repórter Graziela Azevedo, no episódio 3, a partir do *time* 00:14).

Figura 20 – Print da imagem de Jorge, angolano refugiado no Brasil



Legenda (texto em coesão com a cena): “Estudar para o vestibular de direito ou engenharia é mais que reconquista de dignidade. Jorge fugiu de Angola com a irmã e só depois de três meses no Brasil localizou o pai, que ainda não escapou das perseguições na África. “Só o coração sabe a alegria que eu tive”, conta. Uma força e tanto para driblar as dificuldades. Emprego, carta de motorista, inscrição no vestibular, tudo é difícil com documento provisório. Mas quem escapou da morte acaba com um jeito firme de encarar a vida, por mais dura que ela seja. “Decidi não chorar mais, cabeça erguida, olhar simplesmente em frente e seguir, que venha o que vier” (Narração da repórter Graziela Azevedo e fala do refugiado angolano Jorge, no episódio 3, a partir do *time* 02:46).

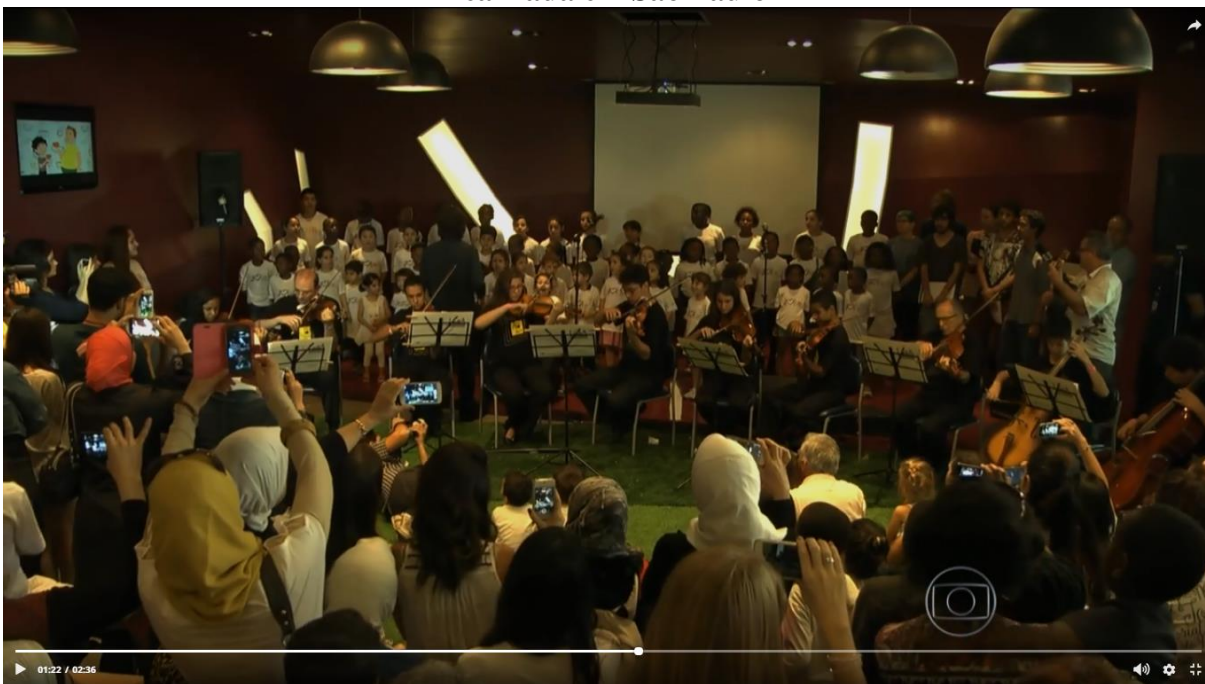
O quarto e último episódio desta narrativa sela o assunto mostrando um momento de confraternização e descontração promovido para crianças refugiadas em São Paulo (Figura 22). Diante de seus familiares e de outros convidados, elas cantam uma canção em português que retrata um pano de fundo em linguagem poética de sua migração: “Para onde tenha sol, é para lá que eu vou (...)”. Desta vez, o foco da narrativa não é a história triste que eles deixam para trás, mas as coisas boas que eles encontram na nova pátria. Hannah, menina síria que protagoniza o episódio 1, aparece entretida com a programação do evento infantil, entre amiguinhas (Figura 21). Leine, que em Angola só abraçava os pais, na nova pátria sente-se segura para abraçar a todos, inclusive o repórter do jornal que acaba de conhecer (Figura 24). Blessing, que antes era forçado a viver em um mundo com guerras, agora sonha em viver “no mundo da lua”, expressão utilizada para traduzir seu sonho de ser astronauta ou piloto de avião. É assim que o episódio constrói o significado de que no país em que são acolhidas, as crianças refugiadas voltam a sonhar e a desfrutar da infância perdida. Os adultos, por outro lado e apesar de todas as dificuldades, também reconstróem suas vidas.

Figura 21 – Print da imagem de Hannah na festa para crianças refugiadas em São Paulo



Legenda (texto em coesão com a cena): “Pra quem escolheu o Brasil como lar é hora de se misturar, fazer amigos, viver a infância proibida nos países de origem” (narração do repórter José Roberto Burnier no episódio 4, a partir do *time* 00:30).

Figura 22 – Print da imagem do coral de crianças refugiadas que canta em festa realizada em São Paulo



Legenda (texto em coesão com a cena): “São 64 crianças de países do Oriente Médio, da África, todas de famílias refugiadas que sobem no palco pra mostrar o que eles ensaiaram durante três meses: uma música brasileira” (narração do repórter José Roberto Burnier no episódio 4, a partir do *time* 01:00).

Figura 23 – Print da imagem de Viviane Reis na festa promovida para crianças refugiadas



Legenda (texto em coesão com a cena): “Aqui a gente consegue fazer ações onde elas podem construir novas memórias, onde elas podem trabalhar uma cura emocional, uma regeneração, se reconectar, saber que elas têm segurança, que elas podem brincar, que elas podem viver livres” (fala de Viviane Reis no episódio 4, a partir do *time* 01:33).

Figura 24 – Print da imagem do repórter José Roberto Burnier recebendo um abraço da menina refugiada angolana Leine



Legenda (texto em coesão com a cena): “Então me dá um abraço!” (Cena em que o repórter José Roberto Burnier pede um abraço à pequena angolana Leine, no episódio 4, a partir do *time* 01:53).

3.2.1.2. Personagens da narrativa: características e função na trama

Nesta narrativa, a maior parte dos personagens é vítima da guerra: um total de treze refugiados, sendo oito da Síria e cinco de outras nacionalidades (Angola e Congo)²⁵. A narrativa também apresenta personagens que ocupam o papel de heróis e heroínas:

- a) os colegas de classe das irmãs sírias Inaan e Malak (João e Lídia) que ajudam as meninas com os afazeres da escola;
- b) os artistas que promovem o entretenimento para as crianças na festa em São Paulo (Jairzinho e Thânia Kamill);
- c) a coordenadora do Posto Avançado para Atendimento Humanizado a Migrantes do aeroporto de Guarulhos (Ivone), que presta um atendimento solidário a quem foge da guerra e chega ao aeroporto sem saber qual o primeiro passo; e
- d) a diretora da ONG *I know my rights*, Viviane Reis, que participa do segundo e do quarto episódio desta narrativa, ajudando famílias de refugiados, especialmente crianças, em seu processo de adaptação no Brasil, através de sua instituição.

Não foram identificados vilões. As instituições e especialistas que trazem maior legitimidade aos fatos contados formaram um total de cinco. Já os apresentadores e repórteres envolvidos na narrativa foram seis, sendo que a repórter Graziela Azevedo é responsável por conduzir duas das quatro matérias. Essas informações em detalhe são as que apresentamos na Tabela 8.

Tabela 8 – Personagens da narrativa 2

Personagem	País	Características	Ação	Fala	Papel	Ep.
Hannah	Síria	Criança do sexo feminino. Antes de chegar ao Brasil fugindo da guerra na Síria, morou com sua família por 2 anos no Zaatari, campo de refugiados da Jordânia.	Brinca com a irmãzinha que tem menos de um ano, canta músicas em seu idioma para os entrevistadores, conta porque se mudou para o Zaatari e depois para o Brasil e compartilha suas dificuldades na nova escola. No episódio 4, Hannah reaparece na festa para crianças e famílias de refugiados em São Paulo.	No primeiro episódio, fala com dificuldade o português: “Eu moro ‘do’ Zaatari, é muito ruim. ‘Tem’ um mês muito calor, um mês muito frio”. Diz ainda: “caiu da bomba, não tem mais casa” em relação ao local onde residia com sua família na Síria. Ao ser questionada, ainda no primeiro episódio sobre porque deixou a	Vítima da guerra	1 e 4

²⁵ Pelo motivo do foco de nossa pesquisa ser a narrativa da migração síria, embora façamos o registro do aparecimento e das falas de migrantes de outras nacionalidades, não os abordamos em nossa análise.

				escola, Hannah responde que sofreu discriminação: “Fala pra professora: ‘Hannah muito chata, Hannah muito burra’. Ele fala isso”.		
Benny	Congo	Adolescente do sexo masculino. Fugiu da guerra do Congo para o Brasil com outros 2 irmãos. Perdeu os pais e 5 dos 7 irmãos na guerra.	É entrevistado pela repórter e opta por não mostrar o rosto nas filmagens.	No primeiro episódio, suas falas em relação à perda de sua família na guerra são: “foi assassinado”; “a saudade é muito grande. Quando chega o dia do aniversário, eu não como. Eu passo o dia inteiro chorando.” Também relata preconceito vivido na chegada ao Brasil: “Eu vivi um racismo no abrigo.” Benny fala ainda sobre o que espera do futuro: “Eu quero um futuro bem melhor, porque quero meus filhos ‘ser’ bem felizes, como eu tava com meu pai”.	Vítima da guerra	1
Inaan	Síria	Adolescente do sexo feminino, irmã de Malak. Fugiu de Damasco (Síria), por conta da guerra.	É entrevistada pela repórter.	No episódio 1, Inaan relata sua experiência no colégio, onde é ajudada pelos colegas: “Ele me ajuda muito. Todos trabalhos que eu fiz foi com ele, dupla com ele”.	Vítima da guerra	1
Malak	Síria	Adolescente do sexo feminino, irmã de Inaan. Fugiu de Damasco (Síria), por conta da guerra.	É entrevistada pela repórter.	No episódio 1, desabafa sobre sua dificuldade com a nova língua e sobre o quanto as amigas da escola ajudam: “A língua. Muito difícil. Mas a Lídia e Patrícia me ‘ajuda’ muito”.	Vítima da guerra	1
João Victor da Silva	Brasil	Adolescente do sexo masculino, 14 anos.	Ajuda Inaan com os trabalhos da escola. Responde pergunta da repórter sobre como começou a ajudar Inaan.	No episódio 1, explica porque começou a ajudar a colega síria: “Via que ela tinha dificuldade em	Herói	1

				algumas coisas na escola. Aí resolvi ajudar ela. A gente se tornou amigos e hoje a gente está assim”.		
Lídia de Moraes	Brasil	Adolescente do sexo feminino, 14 anos.	Ajuda Malak na escola. Responde pergunta da resposta sobre a experiência de conviver com uma cultura diferente.	No episódio 1, fala sobre as vantagens de ter contato com uma cultura diferente: “É uma cultura nova. Querendo ou não você leva um aprendizado diferente e é do nada, é só nossa sala que tem esse privilégio, entendeu? É muito interessante”.	Heróina	1
Ana Gebrn	Brasil	Psicanalista	Apresenta parecer profissional sobre o papel das crianças e adolescentes refugiados que acabam se tornando intérpretes linguísticos dos adultos.	No episódio 1, fala que é muita responsabilidade para crianças e adolescentes terem de assumir o papel de intérpretes linguísticos dos adultos: “Para uma criança pequena se responsabilizar por ser o intérprete linguístico cultural dos pais é bastante coisa. Criança tem que poder ser criança. E preservar esse lugar do lúdico, da brincadeira e não ser um adulto precoce. Tem também que preservar esse lugar”.	Especialista	1
Ana Cristina Berntz	Brasil	Psicóloga	Faz um apelo pela boa recepção dos refugiados no Brasil.	No primeiro episódio, pede aos brasileiros que se sensibilizem e recebam bem aqueles que fogem de guerras: “Acho muito, muito importante estar pedindo pra sociedade, para as crianças nas escolas, pra todo mundo que está recebendo essas pessoas pra dar um	Especialista	1

				acolhimento de verdadeira compaixão. Porque eles estão passando por uma guerra, por situações nunca vividas, inclusive por eles”.		
Hussaim Bramzi	Síria	32 anos, casado, duas filhas, trabalhava numa fábrica em Yarmouk, Síria, quando teve de fugir da guerra junto com a família.	Ao ter a casa bombardeada, Hussaim e a família fugiram para o Zaatari, campo de refugiados da Jordânia que é o maior do Oriente Médio. No início de 2015, Hussaim foi para São Paulo buscar refúgio, mas o dinheiro não foi o suficiente para trazer a esposa e as filhas, por causa da alta do dólar.	No episódio 2, conta como perdeu tudo: “Avião joga bomba pra minha casa, eu saí, eu saí pra rua. Eu olhei na minha casa. Bomba. ‘Cabou’”. Ao final do mesmo episódio, reencontra no aeroporto sua esposa e filhas, graças à ajuda de Viviane dos Reis.	Vítima da Guerra	2
Mahmoud	Síria	Casado, 2 filhas. Era contador na Síria e tinha uma vida estável, até um que ataque aéreo acabou com tudo. Reside em Amã com a família, onde passa fome.	Não há ação.	Não há fala.	Vítima da Guerra	2
Abdulgader	Síria	Criança de 4 anos, sexo masculino, filho de Mahmoud	Brinca e sorri para as câmeras.	Não há fala.	Vítima da Guerra	2
Viviane dos Reis	Brasil	Diretora da ONG ‘Eu conheço meus direitos (I know my rights)’. Segundo o episódio 4, não tem filhos, mas teria ganhado 65 filhos adotivos (crianças refugiadas).	No episódio 2, fez uma vaquinha online para ajudar Hussaim a trazer sua esposa e filhos para o Brasil e conseguiu. No episódio 2, aparece nas imagens da festa para crianças de famílias refugiadas.	Sua fala no episódio 2 gira em torno de como conseguiu a ajuda para Hussaim e sua família: “Quando eu disse pra você que eu ia tentar, mas que eu não sabia, você achou que ia dar certo?” ele disse ‘olha, já estava morrendo. Eu já nem achava mais nada, eu estava morto, já’”. Sua segunda fala no episódio 2 segue a mesma direção: “Ele fala ‘obrigada por	Heroína	2 e 4

				devolver a minha alma". No episódio 4, ao ser entrevistada pelo repórter sobre o trabalho para crianças que realiza com sua ONG, afirma: "Aqui a gente consegue fazer ações onde elas podem construir novas memórias, onde elas podem trabalhar uma cura emocional, uma regeneração, se reconectar, saber que elas têm segurança, que elas podem brincar, que elas podem viver livres".		
Nebras	Síria	Criança do sexo masculino, que fugiu de Damasco, Síria, para o Brasil, com sua família.	Come comida brasileira, joga queimada e gosta do futebol brasileiro.	No episódio 3, é interrogado sobre o que gosta no Brasil: "Arroz e feijão". Sobre o futebol brasileiro, responde: "Palmeiras é brasileiro? Eu gosto de Palmeiras".	Vítima da guerra	3
Pai de Nebras	Síria	É o pai de Nebras e seu nome não é identificado na reportagem. No Brasil. Fugindo da Síria, conseguiu abrir um pequeno restaurante.	Abre restaurante no Brasil. Tenta conseguir transferência de faculdade para o filho mais velho. Conta as dificuldades enfrentadas no Brasil, especialmente para alugar um imóvel.	No episódio 3, relata as dificuldades de alugar um imóvel no Brasil: "Fala com dona, por favor. Aí paga três meses. Disse 'não, precisa fiador'. Sou refugiado, Não tem".	Vítima da guerra	3
Jordi	Congo	Jovem que fugiu da Guerra do Congo para o Brasil.	Quando fugiram do Congo para São Paulo, ele e o pai ficaram perdidos no centro da cidade e foram socorridos haitianos que falavam francês.	No episódio 3, ele relata as dificuldades que encontrou ao chegar ao Brasil: "Haitiano começou a pedir, porque haitiano às vezes fala francês. Foi difícil, porque quando cheguei aqui nem sabia a língua, não sabia nada"	Vítima da guerra	3
Ivone Antunes	Brasil	Coordenadora do Posto Avançado de Atendimento Humanizado aos Migrantes	Recebe e acolhe imigrantes e refugiados que chegam ao Aeroporto Internacional de	Em sua fala no episódio 3, Ivone afirma: "Nós trabalhamos com a dor das pessoas, então a gente tem	Heróina	3

			Guarulhos sem saber quais os próximos passos no Brasil.	que parar e ajudar, não tem outra opção”.		
Felipe Sigollo	Brasil	Secretário Adjunto do Desenvolvimento Social de São Paulo	Traz fala oficial, em nome da instituição que representa, sobre as medidas que estão sendo tomadas para melhor acolhida de refugiados.	Em sua fala no terceiro episódio, comenta medidas tomadas pelo governo para acolher os que chegam: “A gente pretende abrir uma segunda casa provavelmente já no ano que vem, para acolher mais dessas pessoas em situação de refúgio”.	Autoridade	3
Paulo Illes	Brasil	Coordenador da Secretaria Municipal de Direitos Humanos	Emite opinião, em nome da instituição que representa, sobre a melhor forma de receber os refugiados.	No episódio 3, afirma que “A gente precisa estar articulado para que todo processo migratório seja realizado com segurança e dignidade”.	Autoridade	3
Jorge	Angola	Adolescente do sexo masculino.	Fugiu da Angola com a irmã. O pai continua no continente africano, fugindo de perseguições. No Brasil, estuda para o vestibular e está em dúvida entre os cursos de engenharia e direito.	No episódio 3, ao contar que descobriu que o pai ainda estava vivo, afirma: “Só o coração sabe a alegria que eu tive”. Também diz como faz para seguir em frente, apesar das muitas dificuldades do recomeço: “Decidi não chorar mais, cabeça erguida, olhar simplesmente em frente e seguir, que venha o que vier”.	Vítima da guerra	3
Jairzinho	Brasil	Cantor	Se apresenta para as crianças na festa e fornece entrevista ao repórter sobre como se sente fazendo parte da festa.	A fala do cantor no episódio 4 é: “Ver o brilho das crianças enquanto a gente está se divertindo é tão gratificante pra alma, a gente guarda no coração”.	Herói	4
Tânia Khalill	Brasil	Atriz	Se apresenta para as crianças na festa e fornece entrevista ao repórter sobre como se sente fazendo parte da festa.	A fala da atriz no episódio 4 é: “Não é fácil. Sair da sua pátria deve ser uma dor incrível, mas ser recebida por outra é uma alegria única”.	Heroína	4

Leine	Angola	Criança do sexo feminino	Leine vai ao palco do evento receber um abraço da atriz Tânia Khalil. É abordada pelo repórter narrador, que pergunta se ela podia abraçar as pessoas na Angola e como era agora no Brasil. O repórter pede à menina um abraço e ela o corresponde.	No episódio 4, a menina confirma, ao ser entrevista pelo repórter, que na Angola só podia abraçar os pais, mas que no Brasil pode abraçar todo mundo.	Vítima da guerra	4
Patrícia Cardim	Brasil	Diretora do Instituto de Belas Artes	É entrevistada pelo repórter sobre a acolhida a crianças refugiadas.	Ao ser entrevistada no episódio 4, ela afirma: “A gente conhece as mazelas das crianças aqui no Brasil, mas trabalhar com refugiadas, acho que elas vêm com uma carga a mais, nós não vivemos uma guerra, né?”.	Especialista	4
Blessing	Não revelado.	Criança do sexo masculino refugiada.	É entrevistado pelo repórter narrador a respeito do que quer ser quando crescer.	No episódio 4, a criança faz planos para o futuro ao ser entrevistada: “Eu queria ser um astronauta ou um piloto de avião”.	Vítima da guerra	4
Nome	Função	Fala e/ou ação			Ep.	
Renata Vasconcellos	Apresentadora	No episódio 1, introduz o assunto: “Trinta mil refugiados que escaparam da guerra vivem hoje no Brasil. Para as crianças e para os adolescentes, esse recomeço tem sido difícil”.			1	
Graziela Azevedo	Repórter narradora	Narra todo o texto das reportagens, nos episódios em que aparece. Participa de algumas cenas, nas quais suas falas são: “Nem só da Síria, nem só do Congo. No Brasil hoje vivem refugiados de 81 nacionalidades diferentes. Enquanto os imigrantes querem e até planejam a viagem, quem foge das guerras e perseguições em geral não tem escolha. As crianças e adolescentes menos ainda. E isso faz muita diferença”. No episódio 3, aparece em cena no aeroporto de Guarulhos, SP, onde fala sobre como é a chegada de refugiados nos aeroportos brasileiros: “Os pedidos de ajuda têm se multiplicado principalmente de 2013 pra cá, mas as dificuldades ainda são grandes, e desde a chegada. Muitos refugiados não falam português, não entendem os avisos e placas, não têm amigos no Brasil. Nas rodovias, portos e aeroportos, nem sempre tem alguém pra receber e orientar”.			1 e 3	
Heraldo Pereira	Apresentador	No episódio 2, introduz o assunto: “Os repórteres Bette Lucchese, Mahomed Saigg e André Maciel estiveram na Jordânia. Eles registraram o dia a dia dos refugiados e descobriram que muitos têm um sonho: morar no Brasil”. No episódio 3, o apresentador também introduz a reportagem: “Refugiados da Síria e de outras regiões do planeta procuram em outros países oportunidades para recomeçar a vida. E o Brasil é um desses destinos, mas quem chega enfrenta muitas dificuldades”.			2	

Bette Lucchese	Repórter narradora	Além de narrar todo o episódio 2, aparece em cena na Jordânia, com a seguinte fala: “Os refugiados que chegam agora à Jordânia precisam vencer barreiras, são marginalizados, sentem o peso da redução da ajuda humanitária. Estão numa espera desesperada por estratégias de sobrevivência. Um dos reflexos dessa pobreza extrema que eles enfrentam pode ser visto em Azraq.”.	2
Carla Vilhena	Apresentadora	No episódio 4, introduz a reportagem com a seguinte fala: “Uma festa reuniu neste sábado, em São Paulo, dezenas de crianças de famílias que fugiram de guerras na África e no Oriente Médio”.	4
José Roberto Burnier	Repórter narrador	O repórter narra todo o episódio 4. Aparece em muitas cenas, interagindo com os entrevistados e especialmente com as crianças. Em uma de suas falas do episódio 4, diz: “Olha, eu tô aqui na fila junto com elas, com as crianças, mas eu não vou cantar não. Quem vai cantar são elas. São 65 crianças de países do Oriente Médio e da África, todas de famílias refugiadas, que agora tão subindo aqui no palco para mostrar o que eles ensaiaram durante três meses”. Interage com Leine em uma das cenas, questionando a menina sobre os países onde se pode ou não abraçar a todos e pede um abraço da mesma. Ao interagir com Blessing, pergunta o que o menino quer ser quando crescer e ao descobrir que o mesmo gostaria de se tornar um astronauta ou piloto de avião, afirma: “Muito bem, nos veremos em algum avião qualquer dia”.	4

Considerando que o foco de nossa análise são os personagens sírios, a narrativa traz à tona perfis diversos, com histórias, faixas etárias, dificuldades e interesses variados, que às vezes se entrecruzam e às vezes tomam rumos diferentes. Desta forma, acaba representando uma boa amostra das histórias de vida e motivações que formam a narrativa da migração síria pós-guerra.

O perfil que mais aparece é o das crianças e adolescentes refugiados, justamente por seu poder de sensibilizar a audiência. Em geral, são crianças cujas famílias perderam tudo na guerra, que foram submetidas a passarem um tempo em campos de refugiados e depois conseguiram ser acolhidas no Brasil. Na nova pátria, elas fazem novas amizades, brincam com tranquilidade e voltam a sonhar com um futuro profissional. Entretanto, enfrentam os desafios de se adaptar à nova língua, ao novo sistema de ensino e às novas burocracias.

As histórias dos adultos variam mais. Enquanto o pai de Nebras teve recursos para abrir um negócio no Brasil e prover os meios para sua família sobreviver no novo país, Hussaim só pôde trazer sua esposa e suas duas filhas com a ajuda de uma ONG. Um terceiro pai de família, Mahmoud, que tinha uma vida estável como contador na Síria antes da guerra, não conseguiu nada além de levar sua família para Amã, na Jordânia, onde ele, a esposa e os dois filhos tentam sobreviver de donativos e às vezes passam fome.

Essas três histórias de como pais de família conduzem a situação diante do mesmo problema de origem (o conflito na Síria) fazem lembrar também a história de Abdullah Kurdi, pai do menino sírio Alan Kurdi, que na busca por conduzir sua família para um lugar de paz e

segurança, arriscou-se por caminhos inseguros e perdeu tudo. Da mesma forma, as crianças sírias que agora brincam e sonham em segurança no Brasil fazem lembrar Alan Kurdi e Ghalib Kurdi, que não tiveram a mesma sorte.

3.2.2. Os planos da expressão e da metanarrativa: a solução do problema está na solidariedade entre os povos

O estudo do plano da expressão desta narrativa apresenta, assim como a anterior, a utilização de estratégias comunicativas que tem por objetivo despertar estados de espírito de comoção, empatia e solidariedade com a causa daqueles que fogem de guerras. Novamente são abordadas histórias de famílias de refugiados. Entretanto, a carga dramática das imagens segue outra direção, pois não são imagens de tragédias, de dor, de pessoas que sofrem. Desta vez, as personagens da narrativa compartilham sua história de dor, mas como algo que ficou no passado, que foi superado através da chance que receberam de reconstruir sua vida no novo país: o Brasil.

A intenção de sensibilizar o público é nítida. A maioria das personagens são crianças que contam suas dificuldades, mas mostram sua capacidade de resiliência. Elas se esforçam para falar o português e contam histórias do seu dia-a-dia no Brasil. Falam do que gostam no novo país (culinária, futebol, etc.) e de como se sentem nos ambientes que frequentam e nos quais convivem com os brasileiros. Os adultos também compartilham suas dificuldades com o idioma, as burocracias ou até mesmo os impasses para trazer os familiares da Síria. Entretanto, a narrativa sempre é encaminhada para desfechos felizes.

Outro efeito de sentido que nos parece ser pretendido pela narrativa é o de engajar o telespectador na causa. Isso ocorre através do compartilhamento de histórias de ações bem-sucedidas da sociedade civil em prol de famílias refugiadas. Os episódios também mostram a face das políticas públicas empreendidas pelo Brasil para acolher aqueles que solicitam refúgio.

É dessa forma que, na nossa interpretação, este grupo de notícias pretende argumentar que a solução para as crises migratória, dos refugiados e humanitárias está na solidariedade entre os povos, conforme apresentamos na tabela abaixo.

Tabela 9 - Efeitos de sentido pretendidos na narrativa 2

Ep.	Imagem /cena/ personagens	Texto	Efeitos de sentido pretendidos
1	A apresentadora Renata Vasconcellos, da bancada do JN,	“Trinta mil refugiados que escaparam da guerra vivem hoje no Brasil. Para as	Efeitos de real: A utilização de dados numéricos reforça a veracidade do fato.

	realiza a abertura da notícia com dados sobre refugiados no Brasil.	crianças e para os adolescentes, esse recomeço tem sido difícil”.	Efeitos estéticos: Ao chamar a atenção para crianças e adolescentes refugiados no Brasil, mostra a proximidade do tema com o telespectador e traz um apelo sentimental por insinuar que eles passam por dificuldades aqui.
1	Narração da repórter Graziela Azevedo, enquanto imagens de Hannah, uma menina de aproximadamente 10 anos, brincando com sua irmã caçula (um bebê de colo) e cantando são apresentadas. Também são mostradas imagens do campo de refugiados onde Hannah e sua família estiveram por 2 anos antes de chegar, assim como mapa de outras localidades citadas. A menina também responde perguntas da repórter sobre seu passado triste, mas fala com naturalidade sobre o assunto.	“A voz doce e os sorrisos por um instante fazem a gente esquecer a imensa tristeza do lugar de onde as meninas vieram.” (...) “Foi em um gigantesco campo de refugiados, na Jordânia, que Hannah e sua família viveram dois anos. Fugiram da Síria, onde perderam tudo”. “Eu moro ‘do’ Zaatari, é muito ruim. ‘Tem’ um mês muito calor, um mês muito frio (...) - ‘Caiu da bomba, não tem mais casa.’ (comenta Hannah) - ‘Não tem?’ (pergunta a repórter) - ‘Não.’ (responde Hannah)”	Efeitos estéticos: As imagens da alegria sincera e da ingenuidade das duas meninas, combinada ao texto dramático da reportagem podem provocar comoção no telespectador. Hannah não domina o português, mas com as palavras que sabe tenta explicar à repórter como era o local que estava antes de ser acolhida no Brasil e o que aconteceu com sua casa. As palavras da menina, que fala com franqueza sobre o seu passado, instigam o público a pensar como é para uma criança viver aquele tipo de realidade.
1	Narração da repórter Graziela Azevedo. Imagens da entrevista com Benny, refugiado do Congo que preferiu não mostrar o rosto, são apresentadas. Também são divulgadas imagens do conflito no Congo, com cenas de tiroteios e crianças armadas com fuzis.	“Benny, que tem medo de mostrar o rosto, sofreu perda ainda maior. - ‘Você perdeu seu pai e sua mãe na guerra?’ (pergunta a repórter) ‘Foi assassinado.’ (responde Benner) A tragédia foi decisiva para que ele e dois irmãos mais velhos deixassem o Congo, que enfrenta um longo e sangrento conflito armado. Outros cinco irmãos ficaram perdidos no país africano. - ‘A saudade é muito grande. Quando chega o dia do aniversário, eu não como. Eu passo o dia inteiro chorando’.”	Efeitos de real: Imagens duras do conflito no Congo são apresentadas como recurso que tende a proporcionar ao telespectador ter uma visão mais palpável da gravidade do que acontece naquele país. Efeitos estéticos: A história triste contada por Benny e o sofrimento depositado em suas palavras podem produzir comoção e empatia com a situação do adolescente.
1	A repórter Graziela Azevedo, que também é a narradora do episódio, aparece em cena. O cenário parece ser uma sala de aula e a câmera foca em um globo com mapa do mundo.	“Nem só da Síria, nem só do Congo. No Brasil hoje vivem refugiados de 81 nacionalidades diferentes. Enquanto os imigrantes querem e até planejam a viagem, quem foge das guerras e perseguições em geral não tem escolha. As crianças e adolescentes menos ainda. E isso faz muita diferença.”	Efeitos de real: Dados sobre como a questão dos refugiados afeta o Brasil são revelados, apresentando ao brasileiro que esta não é uma realidade distante. Efeitos estéticos: Há uma diferenciação entre o imigrante (aquele que quer e planeja sua viagem) e o refugiado (aquele que foge de guerras e perseguições e em geral não tem escolha). A

			diferenciação entre quem tem escolha e quem não tem vai na direção de sensibilizar o público em relação aos que não tem escolha e precisam ser acolhidos, especialmente crianças e adolescentes.
1	Com narração da repórter Graziela Azevedo, inicialmente imagens de Hannah sendo entrevistada são apresentadas. Em seguida, imagens do colégio onde estudam as irmãs Inaan e Malak são apresentadas, assim como imagens das mesmas em sala de aula e numa quadra esportiva da escola junto a outros colegas brasileiros que também são entrevistados na reportagem.	<p>“Deixar amigos e parentes para trás, tentar aprender sem conhecer a língua não é nada fácil. Hannah acaba de abandonar os estudos. Se sentia pressionada e discriminada pelos colegas.</p> <p>- ‘Fala pra professora: ‘Hannah muito chata, Hannah muito burra’. Ele fala isso” (conta Hannah).</p> <p>As irmãs Inaan e Malak chegaram há um ano. O começo para elas também foi difícil. Mas os colegas foram se aproximando. E hoje...</p> <p>- ‘Ele me ajuda muito. Todos trabalhos que eu fiz foi com ele, dupla com ele’ (diz Inaan).</p> <p>- ‘Via que ela tinha dificuldade em algumas coisas na escola. Aí resolvi ajudar ela. A gente se tornou amigos e hoje a gente está assim’ (diz João Victor da Silva).</p> <p>Um convívio que é uma riqueza compartilhada.</p> <p>- ‘É uma cultura nova.</p> <p>Querendo ou não você leva um aprendizado diferente e é do nada, é só nossa sala que tem esse privilégio, entendeu? É muito interessante’ (diz Lídia de Moraes).</p> <p>- ‘É difícil ainda de se comunicar?’ (pergunta a repórter do JN à Malak)</p> <p>- ‘A língua. Muito difícil. Mas a Lídia e Patrícia me ‘ajuda’ muito.’(responde Malak)”</p>	Efeitos de sentido: O relato das meninas refugiadas pode despertar sensibilização quanto às dificuldades que são enfrentadas por quem vem de uma cultura e idioma tão diferentes. Por outro lado, o clima de solidariedade e de apreciação do diferente são estimulados pelas falas e ações dos colegas de turma de Inaan e Malak, que as ajudam com prazer e se sentem privilegiados pelo aprendizado que levam por poder estar em contato com uma cultura diferente da brasileira.
1	Com narração da repórter Graziela Azevedo, mais imagens de Hannah, sua irmã caçula e sua mãe são apresentadas. A psicanalista Ane Gerbn também aparece em um momento de fala sobre o papel de crianças como interpretes linguísticos de adultos.	<p>“Ter filhos falando português facilita a vida dos pais. Mas...</p> <p>- ‘Para uma criança pequena se responsabilizar por ser o interprete linguístico cultural dos pais é bastante coisa. Criança tem que poder ser criança. E preservar esse lugar do lúdico, da brincadeira e não ser um adulto precoce. Tem também que preservar</p>	Efeitos estéticos: Novamente há um apelo à sensibilização quanto às dificuldades que as famílias de refugiados encontram quando se deparam com as diferenças culturais do país que os acolheu, especialmente a língua. As crianças acabam assimilando primeiro essas diferenças, e por isso, muitas vezes tem de

		esse lugar’ (comenta a psicanalista Ane Gerbn).”	ajudar os pais cumprindo uma função que é de grande responsabilidade para sua realidade: a de intérpretes linguísticos e culturais. Efeitos de real: Ao trazer a fala de uma especialista, o noticiário fortalece a legitimidade do discurso a respeito das dificuldades enfrentadas pelos refugiados em seu recomeço no Brasil, especialmente as crianças.
1	A psicóloga Ana Cristina Berntz faz um apelo à sociedade para que acolham bem os refugiados. Imagens de multidões de refugiados à espera de ajuda também são exibidas.	“- Acho muito, muito importante estar pedindo pra sociedade, pras crianças nas escolas, pra todo mundo que está recebendo essas pessoas pra dar um acolhimento de verdadeira compaixão. Porque eles estão passando por uma guerra, por situações nunca vividas, inclusive por eles (fala da psicóloga Ana Cristina Bernts).”	Efeitos de real: Novamente a fala de um especialista legitima o discurso em favor da acolhida dos refugiados para atenuar as dificuldades que enfrentam no contato com a nova cultura. Efeitos estéticos: a fala da psicóloga incita a sensibilização, compreensão e mobilização de todos aqueles que convivem com refugiados, para que sejam tratados com “verdadeira compaixão”.
1	Enquanto a repórter Graziela Azevedo narra, imagens de Hannah brincando com a irmã caçula, de Inaan caminhando na escola ao lado do amigo João Victor da Silva e imagens de Benny (sem mostrar o rosto) são exibidas.	“Guerra que exige o esforço de todos, para mostrar a crianças e jovens refugiados como esses que a vida é mais que violência e da destruição. ‘- Eu quero um futuro bem melhor, porque quero meus filhos ‘ser’ bem felizes, como eu tava com meu pai” (fala de Benny).	Efeitos estéticos: As imagens destacam a inocência das crianças e a beleza da solidariedade entre amigos. A construção poética do texto novamente incita à compaixão e à solidariedade para com os refugiados acolhidos pelo Brasil. Por fim, a fala de Benny soa triste, mas também esperançosa, pois o mesmo compartilha que planeja dar aos filhos que porventura tenha um dia a mesma felicidade que teve ao lado de seu pai, vítima da guerra no Congo.
2	O apresentador Heraldo Pereira, da bancada do JN, conduz a abertura da reportagem.	“Os repórteres Bette Lucchese, Mahomed Saigg e André Maciel estiveram na Jordânia. Eles registraram o dia a dia dos refugiados e descobriram que muitos têm um sonho: morar aqui no Brasil”.	Efeitos de Real: O apresentador cita que três repórteres da emissora estiveram presentes na Jordânia, país que acolhe um dos maiores grupos de refugiados da Síria. Como testemunhas oculares dos fatos, reforçam a legitimidade do JN para falar do fato, mesmo que ele aconteça em terras tão distantes. Efeitos estéticos: A fala desperta curiosidade, ao dizer que os jornalistas descobriram

			que os refugiados têm o sonho de morar no Brasil. Induz à reflexão sobre por que motivos o Brasil teria se tornado um destino sonhado.
2	Narração da repórter Bette Luschese, enquanto imagens da entrevista com Hussaim, realizada em um quarto com duas camas de solteiro, são exibidas. Ele conta o que aconteceu com sua casa na Síria.	“Hussaim ouviu o barulho dos aviões que se aproximavam para mais um ataque aéreo. - ‘Avião joga bomba pra minha casa, eu saí, eu saí pra rua. Eu olho na minha casa. Bomba. Cabou’” (conta Hussaim).	Efeitos estéticos: Hussaim relata, com dificuldades no português, o drama real vivido por ele de ver com os próprios olhos sua casa ser destruída por bombas. As cenas podem provocar empatia, por estimularem que o telespectador imagine o que seria passar pela mesma coisa e perder tudo.
2	Enquanto Bette Lucchese narra, imagens do mapa do Oriente Médio com marcação dos países e cidades por onde Hussaim e sua família teriam passado antes de chegar ao Brasil são exibidas.	“A família escapou para a Jordânia. Primeiro foram para o campo de refugiados de Zaatari, o maior do Oriente Médio. E depois moraram na capital, Amã. No início do ano, Hussaim sozinho buscou refúgio no Brasil. Mulher e filhas ficaram para trás.”	Efeitos de real: Mapas, datas e nomes de locais fortalecem o sentido de veracidade da narrativa.
2	Enquanto a repórter Bette Lucchese narra, são exibidas imagens dos imigrantes em campos de refugiados da Jordânia (muitas crianças). Simultaneamente, são apresentados dados numéricos sobre o número de pedidos de refúgio e o número de refugiados no Brasil. Também são mostradas imagens de uma multidão de refugiados às portas da embaixada da Síria em Amã, que tentam retirar passaporte.	“Nos últimos dois anos, nosso país recebeu mais de 8.500 pessoas que escaparam de guerras pelo mundo. A maioria, sírios. São pessoas que estão no limite. Todos os dias, cerca de mil refugiados sírios procuram a embaixada (da) em Amã. Eles tentam um passaporte. E, para isso, precisam juntar as economias. Tirar o documento lá é bem caro: cerca de R\$ 1.600. A crise financeira mundial afeta os programas de proteção aos refugiados, que se sustentam com doativos da comunidade internacional.”	Efeitos de real: Imagens da situação dos que se protegem da guerra em campos de refugiados dão tom realista à narrativa. Os dados numéricos fortalecem o status de veracidade dos fatos. Efeitos estéticos: As imagens de multidões às portas da embaixada na Síria e que tentam tirar o passaporte para sair do país são chocantes. Revelam o descontentamento daquelas pessoas em estar na Síria e o sonho de construir uma vida melhor em uma nova pátria. Entretanto, chama atenção também o valor cobrado para tirar o passaporte. Para famílias que perderam tudo, o valor se revela inviável e acaba completando outros sentidos e explicando as opções por caminhos arriscados e clandestinos que muitos acabam optando por fazer, justamente por não terem meio de fazê-lo nos termos legais.
2	Enquanto Bette Lucchese narra, imagens de Mahmoud, sua esposa e filhos são exibidas. O foco da câmera é em Abdulgader, o menino	“Mahmoud tinha uma vida estável até que um ataque aéreo acabou com tudo. Em Amã, a família passa fome. E	Efeitos estéticos: Tanto a história quanto as imagens de Mahmoud e sua família estimulam comoção e empatia. Os pais estão com o

	sírio de 4 anos que sorri para os repórteres.	nem assim Abdulgader, 4 anos, deixa de sorrir.”	semblante abatido. Já a criança, que aparenta não compreender a gravidade da situação, continua a sorrir.
2	A repórter Bette Lucchese aparece em cena, numa das paisagens secas da Jordânia. Enquanto fala, num dos enquadramentos da câmera aparece ao fundo o acampamento de refugiados de Azraq. Em seguida, novas imagens focam diretamente o acampamento, que ocupa um espaço grande e possui inúmeras casas. Algumas mães e muitas crianças refugiadas que moram no acampamento também são filmadas. Algumas delas cantam e batem palmas alegres.	“Os refugiados que chegam agora à Jordânia precisam vencer barreiras, são marginalizados, sentem o peso da redução da ajuda humanitária. Estão numa espera desesperada por estratégias de sobrevivência. Um dos reflexos dessa pobreza extrema que eles enfrentam pode ser visto em Azraq. Somente este ano, 10 mil pessoas voltaram a viver no campo, onde não pagam aluguel e recebem um pouco mais de dinheiro para comprar comida. O campo de refugiados de Azraq foi aberto há pouco mais de um ano, no meio do nada. O campo de Zaatari estava superlotado. Falta energia elétrica, falta água. No verão, a temperatura beira os 50°C e no inverno, as nevascas congelam tudo. As crianças são mais da metade da população.”	Efeitos de real: A repórter narradora aparece na paisagem sobre a qual fala: o acampamento de refugiados de Azraq. Como testemunha direta dos fatos, reforça a legitimidade do jornal em falar sobre algo que pode testemunhar presencialmente. Efeitos estéticos: os detalhes das condições de vida no acampamento de refugiados, somados às imagens conseguem aproximar o telespectador daquela realidade e provocar empatia e compaixão.
2	Enquanto Bette Lucchese narra, imagens de Hussaim em um aeroporto são veiculadas. Em seguida, imagens de Viviane Reis sendo entrevista por uma repórter em um cenário que parece ser um parque também são exibidas. Por fim, novamente são exibidas imagens de Hussaim em um aeroporto em São Paulo, no momento em que reencontra sua esposa e suas duas filhas.	“Hussaim conseguiu deixar tudo isso para trás, mas sofreu outro duro golpe no Brasil. A alta do dólar impedia a vinda da mulher e das duas filhas. Uma brasileira fez uma campanha nas redes sociais e conseguiu as passagens. ‘- Quando eu disse pra você que eu ia tentar, mas que eu não sabia, você achou que ia dar certo?’ (relembra Viviane da pergunta que fez a Hussaim) ‘- Olha, já estava morrendo. Eu já nem achava mais nada, eu estava morto, já.’ (relembra Viviane da resposta de Hussaim) E depois de sete meses, o reencontro da família em São Paulo foi o fim da angústia de quem tinha medo de nunca mais rever a mulher e as filhas. ‘- Ele fala obrigada por devolver a minha alma!’ (relembra Viviane da fala de Hussaim)”	Efeitos estéticos: Tanto o texto quanto as cenas aparentam ter a pretensão de deixar o telespectador apreensivo sobre se Hussaim e sua família teriam um final feliz, que é justamente o que ocorre. A cena do reencontro de Hussaim com sua família podem provocar um estado de espírito de comoção em ver a alegria do outro, de alívio por ver o fim do sofrimento do outro. Novamente a empatia e a compaixão são estimuladas, principalmente porque a solução do problema de Hussaim só foi possível em função da solidariedade de outras pessoas. A fala de Hussaim (“eu já estava morto” e “obrigada por devolver a minha alma”) revelam a profundidade do sofrimento a que estava sujeito e a magnitude da alegria que o alcançou depois. Uma alegria e comoção que

			tendem a contagiar quem está do outro lado da tela.
3	O apresentador Heraldo Pereira narra, da bancada do JN.	“Refugiados da Síria e de outras regiões do planeta procuram em outros países oportunidades para recomeçar a vida. E o Brasil é um desses destinos, mas quem chega enfrenta muitas dificuldades.”	Efeitos estéticos: A introdução realizada pelo apresentador mostra a proximidade do Brasil com o tema e provoca a curiosidade do telespectador sobre porque refugiados escolhem vir para o Brasil e quais as dificuldades que enfrentam aqui.
3	Narração da repórter Graziela Azevedo, enquanto imagens de uma família de sírios (o menino Nebras, seu pai e sua mãe) fazendo uma refeição árabe (quibes, pão sírio, etc.) são mostradas. Em seguida, foco da câmera em Nebras, que responde sorridente as perguntas da repórter sobre o que ele mais gosta no Brasil.	Nebras sente muita saudade de tudo o que deixou na Síria, mas já vai sendo conquistado pelos sabores da nova terra. ‘- O que você gosta de comer que tem no Brasil?’ (pergunta a repórter do JN) ‘ - Arroz e feijão.’ (responde Nebras) Na escola, joga queimada e arrisca a escolha de um time de futebol. ‘ - Palmeiras é brasileiro? Eu gosto de Palmeiras.’ (responde Nebras)”	Efeitos estéticos: Ao mostrar os aspectos positivos da troca cultural entre Brasil e Síria, seja na apreciação da culinária ou do esporte brasileiro, o texto pode despertar afinidades. O menino sírio, com semblante simpático, se mostra bem adaptado ao país, se expressando muito bem em português. Ao mesmo tempo, a reportagem deixa claro que a sua própria cultura não é abandonada. A mãe do menino veste-se com trajes de sua cultura e a refeição da família é típica do mundo árabe. O próprio empreendimento aberto pela família no Brasil é um restaurante de culinária árabe, o que mostra o aspecto do intercâmbio cultural provocado por esses movimentos migratórios.
3	Narração da repórter Graziela Azevedo enquanto imagens do pai de Nebras no caixa do seu empreendimento no Brasil, fazendo cálculos em uma calculadora, são exibidas. Foco da câmera também nos funcionários do restaurante e nos produtos que o estabelecimento oferece. Também são exibidas fotografias do filho mais velho da família no celular. Por último, foco da câmera no empresário, enquanto fala sobre suas dificuldades para alugar um imóvel no Brasil.	Já o pai vai tentando driblar as dificuldades. Conseguiu abrir um pequeno restaurante, mas transferência de faculdade para o filho mais velho é quase impossível. Tão difícil quanto aprender português e alugar um imóvel. ‘ - Fala com dona, por favor. Aí paga três meses. (relembra o pai de Nebras de seus argumentos para alugar imóvel no Brasil)’ ‘Não, precisa fiador’(resposta do responsável por locar o imóvel para o empresário). ‘ - Sou refugiado, não tem’ (resposta do pai de Nebras)”.	Efeitos estéticos: Mostra um perfil socioeconômico de refugiados com maior poder aquisitivo, desbancando certos estereótipos de que quem busca refúgio em outro país necessariamente perdeu tudo e se tornará um custo para o mesmo, com muita dificuldade de se inserir em alguma atividade econômica. No caso exibido, a família é refugiada, mas tem recursos próprios para investir em um empreendimento no Brasil. Mostra ainda que as maiores dificuldades para este perfil de refugiados, além da língua, são de ordem burocrática: aluguel de imóveis e fazer valer no Brasil os estudos realizados em seu país de origem.

3	<p>Narração da repórter Graziela Azevedo, enquanto imagens do embarque no aeroporto de Guarulhos (SP) são exibidas. A própria repórter aparece na cena. Em seguida, imagens de um globo do mapa Mundi são exibidas com foco na República Democrática do Congo, local de origem de Jordi, personagem que em seguida fala sobre como foi sua chegada ao Brasil. Ele aparece na filmagem, mas sem mostrar o rosto.</p>	<p>“Os pedidos de ajuda têm se multiplicado principalmente de 2013 pra cá, mas as dificuldades ainda são grandes, e desde a chegada. Muitos refugiados não falam português, não entendem os avisos e placas, não têm amigos no Brasil. Nas rodovias, portos e aeroportos, nem sempre tem alguém pra receber e orientar. Quando chegou da República Democrática do Congo, Jordi ficou perdido com o pai no centro de São Paulo. Foram socorridos por quem fala a mesma língua e conhece sofrimento parecido. ‘- Haitiano começou a pedir, porque haitiano às vezes fala francês. Foi difícil, porque quando cheguei aqui nem sabia a língua, não sabia nada’ (fala de Jordi).”</p>	<p>Efeitos de real: As imagens da repórter no aeroporto internacional, as imagens do mapa e em seguida a aparição do entrevistado de uma forma que encobre sua aparência e proporciona um anonimato reforçam práticas utilizadas pelo jornalismo para dar tom de veracidade, proximidade e neutralidade à sua narrativa. Nesta parte do vídeo, isto ocorre através da presença no local (testemunha ocular dos fatos) e da proteção da fonte, que não quis ser identificada por imagem. Efeitos estéticos: Tende a despertar empatia e comoção com a situação de quem chega ao país sem saber por onde começar, sem dominar a língua. Mostra que as vezes a solidariedade acaba vindo de quem também é estrangeiro e busca reconstruir sua vida no Brasil, neste caso, haitianos.</p>
3	<p>Narração da repórter Graziela Azevedo, enquanto novas imagens do aeroporto internacional de Guarulhos, como foco no Posto Avançado de Atendimento Humanizado aos Migrantes, são exibidas. Imagens dos funcionários do Posto atuando e sendo entrevistados são mostradas. Em seguida, imagens do Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes de SP, bem como de funcionários e autoridades relacionados à instituição atuando e sendo entrevistados são apresentadas.</p>	<p>“A pequena sala escondida no aeroporto internacional era, como diz a placa, para ajudar brasileiros de outros estados, mas o serviço da prefeitura de Guarulhos acabou ampliado por força da necessidade. ‘- Nós trabalhamos com a dor das pessoas, então a gente tem que parar e ajudar, não tem outra opção.’ (fala da coordenadora do posto) Enquanto esperam credenciais da Polícia Federal para que possam atuar dentro do desembarque, eles vão atendendo quem é encaminhado ou descobre o serviço. Só quem tem sorte ou conhecidos encontra logo abrigo. São poucas as casas do estado ou do município que acolhem refugiados. Há promessas de outras e também de união dos esforços. ‘- A gente pretende abrir uma segunda casa provavelmente já no ano que vem, para acolher mais dessas pessoas em situação de refúgio.’ (fala do secretário-adjunto de estado de Desenvolvimento</p>	<p>Efeitos de real: Presente nos locais sobre os quais fala, o JN, mostra imagens dos mesmos e entrevistas especialistas e autoridades no assunto, que trazem pareceres oficiais sobre o tratamento dado aos refugiados em termos de políticas públicas. Ao utilizar fontes oficiais, reforça a premissa de compromisso do jornalismo com a objetividade, a veracidade dos fatos, o espaço para fala das partes envolvidos, entre outras práticas. Efeitos estéticos: A fala das fontes é de sensibilização. A funcionária do Posto de Atendimento a Migrantes se posiciona como alguém “que trabalha com a dor das pessoas”, que se sente na obrigação de ajudar. A fala dos outros dois especialistas segue o mesmo tom, já que o primeiro diz que em breve uma nova casa seria criada para aumentar a capacidade de acolhida de refugiados, enquanto o segundo fala em boa articulação entre as</p>

		Social de São Paulo, Felipe Sigollo) ‘ - A gente precisa estar articulado para que todo processo migratório seja realizado com segurança e dignidade.’ (fala do coordenador de política para migrantes na Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Paulo Illes)”	instituições para que a segurança e a dignidade sejam asseguradas nos processos migratórios.
3	Narração da repórter Graziela Azevedo enquanto imagens de um jovem refugiado da Angola e sua pequena irmã (com rosto em anonimato), são exibidas junto a livros, fazendo cálculos de matemática e sendo entrevistado.	Estudar para o vestibular de direito ou engenharia é mais que reconquista de dignidade. Jorge fugiu de Angola com a irmã e só depois de três meses no Brasil localizou o pai, que ainda não escapou das perseguições na África. ‘ - Só o coração sabe a alegria que eu tive.’ (fala de Jorge) Uma força e tanto para driblar as dificuldades. Emprego, carta de motorista, inscrição no vestibular, tudo é difícil com documento provisório. Mas quem escapou da morte acaba com um jeito firme de encarar a vida, por mais dura que ela seja. ‘ - Decidi não chorar mais, cabeça erguida, olhar simplesmente em frente e seguir, que venha o que vier,’ (fala de Jorge)”	Efeitos estéticos: A história de Jorge e sua irmã é mais uma história que tente a gerar comoção. A narração emotiva da repórter, somada às imagens do esforço do rapaz para estudar e construir uma vida melhor por seus próprios méritos constroem o significado de que tudo que alguém que foge de uma guerra precisa é de uma nova oportunidade para sonhar e realizar, e que o sofrimento os torna mais fortes e determinados a vencerem. Este significado é confirmado na própria fala do jovem, que diz ter decidido não chorar mais, andar de cabeça erguida e para frente, não importa o que tenha de enfrentar.
4	A apresentadora Carla Vilhena, da bancada do JN, introduz a notícia.	“Uma festa reuniu hoje, em São Paulo, dezenas de crianças de famílias que fugiram de guerras na África e no Oriente Médio.”	Efeitos estéticos: A expressão numérica “dezenas de crianças” que fugiram de guerras e estão reunidas em uma festa em São Paulo desperta curiosidade.
4	Narração do repórter José Roberto Burnier, enquanto imagens de crianças de diversas idades e etnias, todas vestidas com camiseta igual e brincando são exibidas. Em seguida, um auditório lotado de crianças e alguns de seus familiares é o foco da câmera. Uma das crianças focadas pela câmera é Hannah, a menina síria que é protagonista no primeiro episódio.	A felicidade estampada na cara bem que poderia ser chamada de alívio. Afinal, de onde essas crianças vêm, alegria é algo raro. Elas nasceram na Síria, na Jordânia, no Congo, no Sudão do Sul, no Iêmen, na Palestina, em Angola, países assolados por guerras e perseguições. Pra quem escolheu o Brasil como lar é hora de se misturar, fazer amigos, viver a infância proibida nos países de origem.	Efeitos estéticos: A linguagem poética do texto, somada às imagens das crianças brincando em um ambiente de paz, provocam comoção e empatia. Expressões como “a felicidade estampada na cara” e “é hora de (...) viver a infância proibida nos países de origem” explicam com clareza que a acolhida no Brasil é o que possibilitou a essas crianças a retomada da felicidade, o resgate de sua infância que em seus países de origem estaria perdida. O foco da câmera em Hannah, menina síria que conta um pouco da sua história na

			primeira notícia desta narrativa, funciona como <i>flashback</i> . Conecta os episódios e acaba dando um tom de final feliz para sua história.
4	O repórter José Roberto Burnier entrevista o casal de artistas brasileiros Jairzinho e Tânia Khalill, que estão na festa caracterizados com roupas coloridas para fazer a animação infantil.	<p>“- Ver o brilho dessas crianças enquanto a gente está aqui se divertindo é tão gratificante que é pra alma assim, a gente guarda no coração” (fala do cantor Jairzinho).</p> <p>‘ - Não é fácil né, você sair da sua pátria deve ser uma dor incrível, mas ser recebida por outra é uma alegria única’ (fala da atriz Tânia Khalill.)”</p>	Efeitos de real: A presença física do repórter na festa, que é o fato tornado acontecimento pela notícia, bem como a apresentação de falas de atores protagonistas do evento (os artistas entrevistados), que testemunham sobre a importância de receber refugiados, geram a interpretação de que quem está promovendo um movimento de acolhida aos imigrantes é a sociedade civil brasileira, e que o JN está ali apenas para retratar o fato como é, por mais que a construção do texto seja claramente simpática à causa. Efeitos estéticos: a fala emocionada dos dois artistas, que estão vestidos para uma animação infantil, conduz o telespectador a adentrar neste mundo mais infantil, lúdico, ingênuo, da brincadeira, que é tão distante e avesso à realidade da guerra, da qual as crianças apresentadas na reportagem vieram. O Brasil e os artistas brasileiros acabam aparecendo como salvadores, como aqueles que devolveram a infância para as crianças.
4	O repórter José Roberto Burnier aparece na cena, em meio às crianças, enquanto anuncia que elas vão cantar. As crianças são conduzidas para a frente da plateia pelo maestro. Em formato coral e acompanhada por instrumento, cantam a música o trecho “Pra onde tenha sol...é pra lá que eu vou!” da música “O Sol” da banda de pop rock brasileira Jota Quest ²⁶ .	“Olha, eu tô aqui na fila junto com elas, com as crianças, mas eu não vou cantar não. Quem vai cantar são elas. São 65 crianças de países do Oriente Médio e da África, todas de famílias refugiadas, que agora tão subindo aqui no palco pra mostrar o que eles ensaiaram durante três meses: uma música brasileira.”	Efeitos estéticos: O repórter narrador se mistura no meio das crianças. Conduz o telespectador para aquela realidade. Em seguida, o coral de 65 crianças refugiadas que cantam que vão “para onde tenha sol”, uma música brasileira, completam o sentido de que elas puderam encontrar o seu “sol” no

²⁶ A letra da música é curta e simboliza bem a trajetória de quem foge de guerras e tenta reconstruir sua vida em outra pátria: “Ei, dor, eu não te escuto mais. Você não me leva a nada. Ei, medo, eu não te escuto mais. Você não me leva a nada. E se quiser saber pra onde eu vou. Pra onde tenha Sol. É pra lá que eu vou.”

			Brasil e cantam gratas por isso, em português.
4	Narração do repórter José Roberto Burnier enquanto Viviane Reis (que é uma das protagonistas do episódio 2) é filmada caminhando em meio às crianças. Em seguida, com crianças no colo e ao seu entorno, ela é entrevistado pelo repórter e fala sobre o papel de sua ONG na acolhida a crianças refugiadas.	“Viviane não tem filhos. Mas arrumou 65 filhos adotivos. ‘ - Aqui a gente consegue fazer ações onde elas podem construir novas memórias, onde elas podem trabalhar uma cura emocional, uma regeneração, se reconectar, saber que elas têm segurança, que elas podem brincar, que elas podem viver livres’ (fala de Viviane Reis).	Efeito de real: O JN entrevista com a fundadora da ONG, para que ela mesma, em fala direta, opine sobre o papel que sua ONG realiza junto aos refugiados, especialmente as crianças. É um efeito de real porque traz a fala de uma especialista, alguém que lida com a causa cotidianamente. No episódio 2, a mesma personagem ajuda o sírio Hussaim a reencontrar sua esposa e duas filhas pequenas, que aguardavam em um campo de refugiados no Oriente Médio recursos que bancassem sua vinda ao Brasil. Dessa forma, além das novas imagens de Viviane funcionarem como um <i>flashback</i> , ela aparece novamente como heroína, reforçando o papel que a sociedade civil pode desempenhar na causa dos refugiados (sírios e de outras nacionalidades).
4	Narração do repórter José Roberto Burnier enquanto são veiculadas imagens da pequena menina angolana Leine indo ao palco para ganhar um abraço da atriz Tânia Khalill. Em seguida, o próprio repórter trava um diálogo com Leine sobre abraços e finaliza sua fala pedindo um abraço à menina, que o corresponde.	“A pequena Leine, de Angola, foi até o palco sabe pra quê? Só pra ganhar um abraço. ‘ - Lá em Angola você abraçava muita gente? (pergunta o repórter) ‘ - Não, só os meus pais. (responde Leine) ‘ - Aqui você abraça todo mundo? (pergunta o repórter) ‘ - Sim. (responde Leine) ‘Então, dá um abraço aqui (diz o repórter José Roberto Burnier, finalizando o diálogo).”	Efeitos estéticos: A cena é construída de forma bastante comvente e pode despertar sentimentos de solidariedade e comunhão. A pequena menina angolana ganha e distribui abraços na nova pátria que a acolheu, em contraposição à sua antiga realidade, na qual não podia confiar nas pessoas e só podia abraçar seus pais. Até o repórter do JN ganha um abraço, simbolizando a gratidão pelo país que a recebeu de braços abertos e no qual ela pode voltar a confiar nas pessoas.
4	Repórter José Roberto Burnier participa da cena, entrevistando a Diretora d Instituto de Belas Artes Patrícia Cadim, que dá sua opinião sobre o trabalho de acolhida a crianças refugiadas.	“ - A gente conhece as mazelas das crianças aqui no Brasil, mas trabalhar com refugiadas, acho que elas vêm com uma carga a mais, nós não vivemos uma guerra, né?’ (fala de Patrícia Cardim).”	Efeitos de real: A autoridade é chamada a falar sobre a importância do trabalho realizado com crianças refugiadas. Ela justifica que o Brasil também tem crianças que sofrem e precisam de ajuda, mas as crianças refugiadas vêm com uma carga a mais, porque viveram uma realidade que as crianças brasileiras não vivem: a guerra. Esta parece uma forma

			de justificar para aqueles que questionam “por que não ajudam as crianças brasileiras ao invés das estrangeiras”, um pensamento mesquinho, mas repetido recorrentemente por aqueles que criticam a acolhida a estrangeiros. A comparação da diferença entre ajudar crianças brasileiras e crianças estrangeiras acaba trazendo à tona significados mais profundos que disputam o imaginário social: o acirramento de nacionalismos fanáticos versus a ideia de que o mundo é um só e de que as guerras e fronteiras são criações dos homens, mensagem trabalhada no episódio 4 da narrativa sobre a crise migratória na Europa.
4	O repórter José Roberto Burnier entrevista Blessing, um menino na faixa etária dos 10 anos, que está ao lado de sua mãe. Enquanto o menino fala com convicção sobre seus planos profissionais para o futuro, a mãe sorri e vibra com suas respostas.	<p>“Guerra? Nada disso. O que Blessing quer é viver no mundo da Lua.</p> <p>‘ - Você vai querer ser o quê quando crescer?’ (pergunta o repórter)</p> <p>‘ - Eu queria ser um astronauta ou um piloto de avião.</p> <p>‘(reponde Blessing)</p> <p>‘ - Muito bem, nos veremos num avião algum dia!</p> <p>‘(responde o repórter)</p> <p>‘ - Obrigado.’ (responde o menino).”</p>	Efeitos estéticos: O texto mostra que em um ambiente de paz, as crianças voltam a sonhar com convicção. A linguagem poética, de que agora “Blessing quer viver no mundo da Lua” converge com a expressão de surpresa da mãe do menino e traz à tona o significado de que em um ambiente de segurança, nenhum sonho é impossível. O repórter incentiva o menino, com a frase “nos veremos em algum avião por aí”.

Observadas as estratégias discursivas deste enunciado narrativo, nossa leitura é a de que o pano de fundo mais evidente do mesmo é a máxima da solidariedade entre os povos, que é colocada todo o tempo para o telespectador como o caminho para solucionar o problema da crise dos refugiados que envolve os emigrantes sírios. Ao contar diversas histórias comoventes, nas quais a solidariedade de brasileiros e a ação do Estado por meio de políticas públicas aparecem como fator atenuante dos problemas enfrentados pelos sírios que chegam ao Brasil, o grupo de matérias que conformam a narrativa 2 se conecta ao grupo de matérias da narrativa 1. A narrativa 2 aparece como o bom exemplo do que o mundo deve fazer (tanto os Estados como a sociedade civil organizada), funcionando como uma crítica à postura de outros países descrita nos episódios da narrativa 1.

As reportagens exploram também a construção de outros significados culturais, como a máxima de que o sofrimento torna as pessoas mais fortes, de que a infância deve ser preservada, e de que toda história deva ter um final feliz, entre outros.

3.3. Narrativa 3: a busca da nacionalidade brasileira por meio de fraude

A narrativa sobre a fraude que transformou emigrantes sírios em cidadãos brasileiros é contada pelo *JN* em três episódios exibidos ao longo do mês de dezembro de 2015, que somam um total de 11 minutos e 36 segundos. O primeiro episódio chama atenção pela sua duração (7 minutos e 40 segundos), maior que a de todas as demais notícias do *corpus* da pesquisa. Tal matéria é exibida já no início da edição. O tempo dedicado a ela e seu posicionamento na data da exibição mostram a importância dada ao acontecimento pelo *JN*.

As informações mais gerais dessa narrativa, bem como o texto da mesma disponibilizado pelo portal *on-line* do noticiário, são esquematizadas na tabela a seguir. Já nos tópicos seguintes, apresentamos a análise dos três planos da narrativa

Tabela 10 - Informações gerais da narrativa 3

Título	Quadrilha que transformava sírios em cidadãos brasileiros é descoberta	JN mostra como vivem os sírios que viraram brasileiros por meio de fraude	Justiça decreta prisão de quadrilha que fraudava documentos sírios
Subtítulo	Dezenas de imigrantes obtiveram certidão de nascimento, identidade, título de eleitor e passaporte. Crime pode colocar segurança nacional em risco.	Policiais entregaram ao Ministério das Relações Exteriores todas as informações sobre os 72 sírios que também foram investigados na internet.	Integrantes fraudavam documentos para transformar cidadãos sírios em brasileiros. Setenta e três sírios vão responder por falsidade ideológica.
Data da matéria	14/12/2015	15/12/2015	30/12/2015
Duração (mm:ss)	07:40	03:27	00:29
Link:	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/quadrilha-que-transformava-sirios-em-cidadaos-brasileiros-e-descoberta.html	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/jn-mostra-como-vivem-os-sirios-que-viraram-brasileiros-por-meio-de-fraude.html	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/justica-decreta-prisao-de-quadrilha-que-fraudava-documentos-para-sirios.html
Episódio 1	Título: Quadrilha que transformava sírios em cidadãos brasileiros é descoberta		
Narrador (a)	Texto		
Jornalista Renata Vasconcellos: Editora Executiva do JN e apresentadora	O Jornal Nacional mostra uma prova assustadora da vulnerabilidade do Brasil ao crime internacional e ao terrorismo. Uma quadrilha transformou dezenas de imigrantes sírios em cidadãos brasileiros, com certidão de nascimento, identidade, título de eleitor. E passaporte. A reportagem exclusiva do Paulo Renato Soares e do Tyndaro Menezes mostra como foi que isso aconteceu no Rio de Janeiro - a sede dos jogos olímpicos de 2016.		

<p>Jornalista Paulo Renato Soares, JN do Rio de Janeiro</p>	<p>Oito meses de investigação e os policiais chegaram a um endereço na Zona Norte do Rio. Nele, vive Ali Kamel Ismael. Ele é sírio e tem visto permanente para morar no Brasil. Aos 71 anos, não chamava atenção, mas os investigadores descobriram que ele é personagem importante num golpe audacioso: fazer outros sírios se tornarem brasileiros de papel passado, e com documentos acima de qualquer suspeita. Ou quase. A polícia já identificou 72 sírios envolvidos na fraude, inclusive a mulher dele, Basema Alasmar.</p> <p>Jornal Nacional: Em que cidade a senhora nasceu? Basema Alasmar: ‘Não lembra’, não. Jornal Nacional: Ah, a senhora não sabe onde nasceu? Basema Alasmar: Não ‘lembra’.</p> <p>A polícia diz que Ali Kamel Ismael era o anfitrião de grupos que vinham da Síria e de outras partes do mundo, e antes da mudança de nacionalidade, ele oferecia uma espécie de pacote de turismo, com direito a passeios pela cidade e tradução. Cartões postais, praias – tudo registrado.</p> <p>Depois vinham os negócios, que começavam num cartório de registro na Zona Oeste da Cidade. Com a ajuda de um funcionário e um ex-funcionário, os sírios conseguiram um milagre. Nasceram de novo, como brasileiros.</p> <p>A investigação mostrou que a fraude acontecia nos livros de registros de nascimento, nas certidões de nascimento. Uma perícia revelou que foi um trabalho grosseiro. Os livros têm folhas soltas, rasuradas, adulteradas e até coladas. Mesmo folhas que já tinham sido canceladas no passado foram usadas para criar uma certidão com as informações dos sírios.</p> <p>Os documentos registram que eles nasceram no Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1970. Mas os investigadores afirmam que as fraudes aconteceram entre 2012 e 2014. Eles dizem que Jorge Luiz da Silva, o funcionário do cartório, arrancava as folhas dos livros e levava para David dos Santos Guido. Guido é um ex-funcionário, que segundo a polícia foi demitido do cartório depois de outra investigação de fraude. Ele fazia o registro dos sírios como brasileiros em casa. Depois, Jorge recolocava as folhas no lugar.</p> <p>Jornal Nacional: O senhor adulterou as certidões? Guido: De jeito nenhum...</p> <p>Jornal Nacional: E o que que você declara sobre as acusações que estão sendo feitas? “Eles arrancavam as folhas dos livros cartorários - são mais de 4 mil livros cartorários - arrancavam aquelas folhas originais, e o funcionário enxertava, a nova folha numa certidão de nascimento naquele livro cartorário. Ou seja, deixava de existir um brasileiro nato, ou naturalizado, pra dar origem a um sírio supostamente brasileiro”, explicou o delegado Aloysio Falcão, da Delegacia de Defraudações.</p> <p>A dupla nem se preocupou com a escolha das informações que eram registradas. Todos os sírios se tornaram brasileiros com certidões feitas bem depois do dia do nascimento, são os chamados registros tardios.</p> <p>Pelo que está nos documentos, todos nasceram dentro de casa, nunca em hospitais. E, detalhe, os endereços são sempre os mesmos também. Só num dos apartamentos de um prédio na Tijuca teriam nascido 13 desses brasileiros falsificados. É o mesmo o bairro onde vive Ali Kamel Ismael.</p> <p>Informações falsas, mas o documento podia ser considerado verdadeiro, e com essa certidão de nascimento nas mãos, os sírios tinham todos os direitos de qualquer outro brasileiro. E como brasileiros - mesmo sem falar nada da nossa língua - foram a outras repartições públicas.</p> <p>Sem nenhuma dificuldade, os sírios estiveram no Detran do Rio, onde são feitas as carteiras de identidade: 51 dos 72 sírios saíram de lá com o documento. Nenhum sistema conseguiu detectar a fraude.</p> <p>Ter o CPF também não foi problema: 39 sírios têm o documento. E podiam votar e até ser eleitos, porque 52 deles têm o título de eleitor também.</p> <p>As suspeitas começaram a aparecer quando um funcionário do Detran desconfiou das certidões de nascimento, que tinham informações muito parecidas. Ele avisou à delegacia que investiga fraudes e os policiais descobriram que os sírios não queriam se passar por brasileiros apenas no Brasil. Pelo menos 20 deles tiraram o passaporte brasileiro. O que ninguém sabe até agora é onde esses sírios estão hoje.</p>
---	--

	<p>Os investigadores descobriram nas redes sociais que muitos viajam pelo mundo todo: Paris, Nova York, Londres. Outros não se intimidam ao compartilhar textos que defendem atos terroristas, ou mostrar simpatia por Hitler e o nazismo.</p> <p>Atendendo a um pedido da polícia, o consulado americano no Rio informou que 17 sírios com documentos brasileiros feitos a partir da fraude pediram visto para entrar nos Estados Unidos. Desses, cinco fizeram o pedido com o passaporte brasileiro. Três são ex-militares das Forças Armadas da Síria.</p> <p>O governo dos Estados Unidos avisou que se eles apresentarem documentos brasileiros em território americano, vão pra cadeia. No Rio, a mulher de Ali Kamel Ismael foi presa em flagrante por falsidade ideológica</p> <p>Basema Alasmar apresentou um passaporte brasileiro quando os policiais chegaram. Mas logo depois admitiu ter outro - sírio - que estava escondido numa vizinha. O problema é que, para cada documento, havia um local de nascimento diferente.</p> <p>Ali Kamel Ismael, David dos Santos Guido, ex-funcionário do cartório, e Jorge Luiz da Silva Mota, que ainda trabalha lá, respondem ao inquérito em liberdade também por falsidade ideológica e associação criminosa.</p> <p>Agora o paradeiro desses sírios que querem se passar por brasileiros vai ser problema também de outras autoridades.</p> <p>Delegado: Nós da Polícia Civil já oficiamos a Polícia Federal pra cancelamento e exclusão dos passaportes e vistos desses sírios que obtiveram de forma fraudulenta, bem como oficiamos também já o Ministério das Relações Exteriores pra tomarem as providências cabíveis.</p> <p>Jornal Nacional: E é importante saber por que?</p> <p>Delegado: É importante saber porque a segurança nacional está em jogo.</p> <p>O Ministério das Relações Exteriores declarou que não fala sobre questões ligadas a estrangeiros no Brasil.</p> <p>O Ministério da Justiça vai pedir informações a autoridades do Rio.</p> <p>O Detran do Rio informou que, por lei, só pode exigir certidão de nascimento ou de casamento pra emitir a carteira de identidade.</p> <p>A Receita Federal declarou que está implantando um processo integrado pra evitar informações fraudulentas na inscrição do CPF.</p> <p>A Corregedoria-Geral da Justiça fez uma intervenção no cartório em 2010 por suspeita de irregularidades e afirma que as fraudes são anteriores a esse período. Mas a polícia diz que foram depois. O serviço de registro de nascimentos no cartório foi extinto.</p> <p>O Tribunal Regional Eleitoral do Rio declarou que, pra obter o título, o eleitor precisa declarar que as informações são verdadeiras, sob pena de crime eleitoral.</p> <p>A Polícia Federal afirmou que tem um inquérito sobre o caso, mas que não pode comentar porque está em segredo de Justiça.</p> <p>O advogado do sírio Ali Kamel Ismael e da mulher dele diz que vai provar a inocência dos clientes.</p> <p>Nós não conseguimos contato com a defesa do funcionário do cartório Jorge Luiz da Silva.</p> <p>Nota divulgada pela assessoria do presidente do TSE e do TRE: "A matéria veiculada no Jornal Nacional, que mostra uma quadrilha no Rio de Janeiro que falsifica certidões de nascimento para tornar Sírios em brasileiros natos, demonstra aquilo que a Justiça Eleitoral tem denunciado, que o sistema de registro civil no Brasil é falho e que é necessário ser aperfeiçoado. Por isso, o TSE já encaminhou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei 1775/2015 que cria o Registro Civil Nacional (RCN), baseado na identificação biométrica do cidadão pela Justiça Eleitoral para ser no futuro a base para um documento único, inequívoco, unívoco e seguro de identificação do cidadão."</p>
Episódio 2	Título: JN mostra como vivem os sírios que viraram brasileiros por meio de fraude
Narrador (a)	Texto
<p>Jornalista Renata Vasconcellos: Editora Executiva do JN e apresentadora</p>	<p>A Polícia Civil indiciou por falsidade ideológica os 72 sírios que conseguiram certidões de nascimento e outros documentos pra se passar por brasileiros. Os investigadores buscaram informações na internet pra saber quem são e o que fazem essas pessoas.</p>

<p>Jornalista Paulo Renato Soares, JN do Rio de Janeiro</p>	<p>Na manhã desta terça-feira (15), policiais entregaram ao Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, todas as informações sobre os 72 sírios. Os investigadores fizeram uma busca nas redes sociais para tentar saber quem são essas pessoas que querem se passar por brasileiros.</p> <p>Zakaria Jaohar tem certidão de nascimento brasileira, RG e CPF. A Polícia descobriu que Zakaria se apresenta como gerente de uma empresa de navios, a Ranim Maritime. E diz que mora da Síria.</p> <p>Em uma publicação, de janeiro, ele mostra o escritório novo. O perfil tem várias fotos de embarcações com o sobrenome dele. E de viagens pelo mundo: Bruxelas, Dubai. Em uma delas, em Roterdã, na Holanda, ele posa ao lado de um carro de luxo.</p> <p>Os investigadores também levantaram informações sobre Abduljalil Mallah e Hourieh Bakir. Descobriram que eles são casados e executivos de uma empresa de navegação da família.</p> <p>Segundo a polícia, a Mallah Ship Management tem sedes em Londres e na Grécia. Três ex-militares da Síria também conseguiram documentos brasileiros. Michel Torbey foi sargento das Forças Armadas na Síria. O consulado americano disse que ele usou o endereço de um amigo para entrar nos Estados Unidos. E que esse ano teve o visto americano recusado em Dubai.</p> <p>Fadi Fayeze Basel é advogado, mas também foi soldado no exército da Síria. E Elias Hanna Elias foi soldado da infantaria na Síria.</p> <p>Na segunda-feira (14) o Jornal Nacional mostrou, com exclusividade, como eles conseguiram se transformar em brasileiros. Com a ajuda de um homem e de dois funcionários de um cartório na Zona Oeste da cidade, tiraram uma certidão de nascimento, como se tivessem nascido no Brasil.</p> <p>Depois, não encontraram nenhuma dificuldade para conseguir todos os outros documentos, como se fossem brasileiros. A delegacia que investiga as fraudes indiciou os 72 sírios por falsidade ideológica.</p> <p>A Polícia Civil pediu a ajuda da Polícia Federal para tentar saber onde estariam esses sírios. Foram dois pedidos: um em abril e um na semana passada. Mas até agora, não houve resposta</p> <p>Em nota, ao Jornal Nacional, a Polícia Federal disse que abriu um inquérito sobre o caso, mas que as investigações estão em segredo de Justiça, e por isso não pode comentar o assunto.</p> <p>Para o diplomata Marcos Azambuja, que já foi secretário-geral do Itamarati, esse tipo de controle é muito falho no Brasil e deixa o país vulnerável principalmente em um momento que o Rio vai receber as Olimpíadas.</p> <p>“O Brasil hoje é feito um queijo de Minas, com furos em todas as direções. Isso é um convite para que em um certo momento nós tenhamos um aborrecimento muito sério, e o que é mais grave, que outros façam por nós a fiscalização que nós não fizemos”, afirmou o diplomata.</p> <p>O Ministério da Justiça afirma que está em contato com as autoridades do Rio para colaborar com as investigações. E o Ministério das Relações Exteriores informou que está acompanhando o caso.</p> <p>O Tribunal Regional Eleitoral do Rio declarou que essa denúncia demonstra que o sistema de registro civil no Brasil precisa ser aperfeiçoado.</p> <p>O Tribunal Superior Eleitoral encaminhou ao Congresso um projeto de lei que cria o registro civil nacional, baseado na identificação biométrica dos brasileiros, que seria, no futuro, a base para um documento único dos cidadãos.</p>
<p>Episódio 3</p>	<p>Título: Justiça decreta prisão de quadrilha que fraudava documentos sírios</p>
<p>Narrador (a)</p>	<p>Texto</p>
<p>Jornalista Heraldo Pereira: Apresentador eventual do Jornal Nacional</p>	<p>A Justiça do Rio decretou a prisão de três integrantes da quadrilha que fraudava documentos para transformar cidadãos sírios em brasileiros.</p> <p>O sírio Ali Kamel Ismael, que articulava a fraude; o funcionário de um cartório Jorge Luiz da Silva Mota; e o ex-funcionário David dos Santos Guido são procurados pela polícia.</p> <p>Setenta e três sírios, que conseguiram a documentação brasileira, vão responder em liberdade por falsidade ideológica.</p>

Fonte: Site do JN²⁷

²⁷ Endereço do site: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/> Acesso: 05/02/2018

3.3.1 O plano da estória: a migração para o crime

3.3.1.1. A função de cada episódio na narrativa

Nesta narrativa, o núcleo em torno do qual tudo se organiza é o crime de falsidade ideológica de transformação de sírios em cidadãos brasileiros. Conflitos secundários acabam sendo revelados ao longo dos episódios, quando as diversas autoridades são envolvidas na trama e questionadas sobre possíveis omissões que possam ter facilitado o crime. O conflito secundário mais evidente ocorre entre a *Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro* e a *Polícia Federal*. A primeira cobra informações sobre o paradeiro dos sírios com documentação falsa da segunda, que não a responde. Ao ser cobrada pelo *JN* para se posicionar sobre o assunto, a *Polícia Federal* emite nota oficial em que se justifica dizendo que não pode dar informações sobre a investigação do caso, porque a mesma estaria correndo em segredo de justiça.

Cada episódio busca responder perguntas fundamentais do telespectador sobre o fato tornado acontecimento. No primeiro episódio, são revelados a data e local dos crimes, como a quadrilha atuava e a identidade dos principais envolvidos. Ainda, é apresentando o caminho percorrido pela *Polícia Civil*, desde a denúncia de suspeita realizada pelo *Detran/RJ* até o flagrante dos três homens que formavam a quadrilha. A reportagem também revela superficialmente a identidades de alguns dos 73 sírios²⁸ beneficiados pelo crime.

O segundo episódio, já no início do relato, utiliza-se de dêiticos e *flashbacks* para rememorar o telespectador que a notícia é uma continuação do episódio exibido exatamente no dia anterior. Por exemplo, no minuto 01:40 da reportagem, o repórter narrador Paulo Renato Soares afirma: “Ontem, o *Jornal Nacional* mostrou, com exclusividade, como eles conseguiram se transformar em brasileiros”. Boa parte das imagens e informações apresentadas neste episódio são repetições do que foi exibido no primeiro episódio (imagens dos participantes da quadrilha, do cartório da Zona Oeste do RJ onde o crime ocorria, etc.). O que a reportagem traz de original é a revelação de novas identidades de sírios beneficiados pelo crime e o aprofundamento em informações de alguns sírios mencionados na reportagem do dia anterior, por exemplo, os três ex-militares das forças armadas da Síria. Ao revelar tais identidades, o segundo episódio tende a reforçar a premissa presente no primeiro episódio, de que os sírios beneficiados com a documentação falsa poderiam representar riscos à segurança nacional e internacional.

²⁸ A primeira reportagem do grupo menciona 72 sírios, mas a última atualiza o número para 73.

O terceiro episódio sela a narrativa do crime de um jeito um tanto brusco. Em menos de 30 segundos e novamente utilizando dêiticos e principalmente *flashbacks*, através da repetição de imagens dos episódios anteriores, a reportagem apresenta a solução do crime pela Justiça do Rio de Janeiro, que decreta a prisão dos três homens que formavam a quadrilha. Além disso, ficou determinado que os 73 sírios beneficiados pelo crime responderiam por ele em liberdade, o que parece incoerente com a trama dramática construída nas reportagens anteriores; essas pessoas poderiam representar perigo e estarem associadas ao terrorismo. Assim, o terceiro episódio cumpre o papel de fim da narrativa, mostrando qual foi o seu desfecho. Abaixo, algumas das imagens que funcionam de *flashback* em mais de um episódio.

Figura 25 – Print da imagem de Ali Kamel Ismael, membro sírio da quadrilha



Legenda (texto em coesão com a cena): “A polícia diz que Ali Kamel Ismael era o anfitrião de grupos que vinham da Síria e de outras partes do mundo, e antes da mudança de nacionalidade, ele oferecia uma espécie de pacote de turismo, com direito a passeios pela cidade e tradução. Cartões postais, praias – tudo registrado” (narração do repórter Paulo Renato Soares, no episódio 1, a partir do *time* 01:10). A imagem se repete no episódio 3 (a partir do *time* 00:10).

Figura 26 – Print da imagem de Jorge Luiz da Silva Mota, funcionário do cartório membro da quadrilha



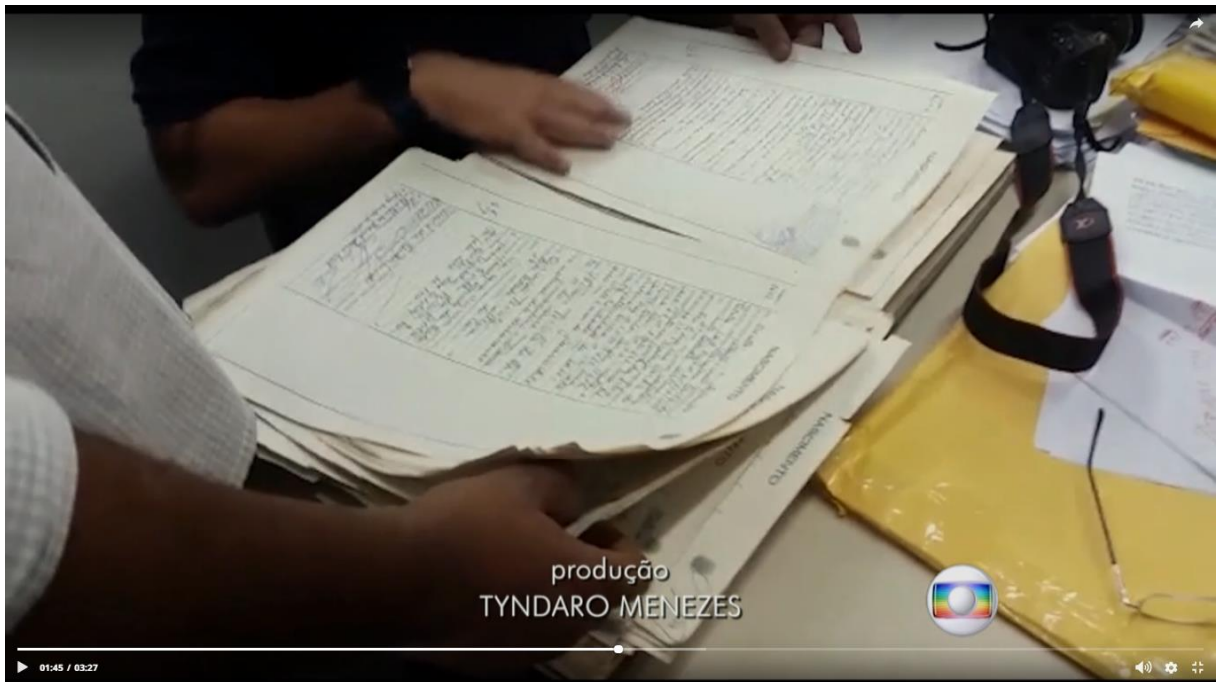
Legenda (texto em coesão com a imagem): “Eles dizem que Jorge Luiz da Silva, o funcionário do cartório, arrancava as folhas dos livros e levava para David dos Santos Guido” (narração do repórter Paulo Renato Soares, no episódio 1, a partir do *time* 01:34. A imagem é repetida no episódio 3, a partir do *time* 00:13).

Figura 27 – Print da imagem de David dos Santos Guido, ex-funcionário do cartório e membro da quadrilha



Legenda (texto em coesão com a cena): “Guido é um ex-funcionário, que segundo a polícia foi demitido do cartório depois de outra investigação de fraude. Ele fazia o registro dos sírios como brasileiros em casa. Depois, Jorge recolocava as folhas no lugar (narração do repórter Paulo Renato Soares, no episódio 1, a partir do *time* 02:29. A imagem é repetida no episódio 3 (a partir do *time* 00:17).

Figura 28 – Print da imagem dos livros cartorários



Legenda (texto em coesão com a cena): “A investigação mostrou que a fraude acontecia nos livros de registros de nascimento, nas certidões de nascimento. Uma perícia revelou que foi um trabalho grosseiro. Os livros têm folhas soltas, rasuradas, adulteradas e até coladas. Mesmo folhas que já tinham sido canceladas no passado foram usadas para criar uma certidão com as informações dos sírios” (narração do repórter Paulo Renato Soares, no episódio 1, a partir do time 01:47). A mesma imagem é repetida no episódio 2 (a partir do *time* 01:42) e no episódio 3 (a partir do *time* 00:25).

Figura 29 – Print da imagem dos três ex-militares da Síria



Legenda (texto em coesão com a cena): “Desses, cinco fizeram o pedido com o passaporte brasileiro. Três são ex-militares das Forças Armadas da Síria” (narração do repórter Paulo Renato Soares, no episódio 1, a partir do *time* 05:22). A imagem se repete no episódio 2 (a partir do *time* 01:15).

Figura 30 – Print da imagem do passaporte brasileiro falsificado de Basema Alasmar, esposa de Ali Kamel Ismael



Legenda (texto em coesão com a imagem): “Basema Alasmar apresentou um passaporte brasileiro quando os policiais chegaram. Mas logo depois admitiu ter outro - sírio - que estava escondido numa vizinha. O problema é que, para cada documento, havia um local de nascimento diferente” (narração do repórter Paulo Renato Soares, no episódio 1, a partir do *time* 05:39). Imagem é repetida no episódio 2 (a partir do *time* 01:56).

Investigamos se haveria outra notícia sobre o caso no próprio *Jornal Nacional* ou em algum outro veículo noticioso, após o período em que tais notícias foram ao ar, mas não encontramos nenhuma. O que nos apareceu como resultados das buscas foram outros treze portais noticiosos *on-line* que à época, replicaram a notícia do JN.²⁹ Esse fato provoca questionamentos a respeito de qual teria sido o motivo do caso ter desaparecido da mídia após

²⁹ 1) <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/policia-do-rio-prende-quadrilha-que-transformava-sirios-em-brasileiros.html> ; 2) https://istoe.com.br/443063_POLICIA+IDENTIFICA+QUADRILHA+QUE+TRANSFORMOU+72+SIRIOS+EM+BRASILEIROS/ ; 3) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/12/com-documentos-falsos-sirios-eram-transformados-em-cidadaos-brasileiros-4930935.html> ; 4) <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/divulgadas-fotos-de-quadrilha-que-falsificava-documentos-brasileiros-para> ; 5) http://www.adepolrj.com.br/adepol/noticia_dinamica.asp?id=18317 ; 6) <http://www.topmidianews.com.br/policia/mpe-investiga-fraude-em-cartorio-para-transformar-refugiados-em/53041/> ; 7) <http://www.bonde.com.br/bondenews/policia/policia-prende-quadrilha-que-fraudava-documentos-para-imigrantes-sirios-395545.html> ; 8) <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/policia-do-rio-deflagra-quadrilha-que-falsificou-documentos-de-72-sirios/> ; 9) <http://www.lidernoticias.com/quadrilha-que-falsificava-documentos-transformando-sirios-em-brasileiros-e-descoberta/> ; 10) <http://ptnnews.com.br/quadrilha-que-falsificava-documentos-transformando-sirios-em-brasileiros-e-descoberta/> ; 11) <https://sabermigrar.wordpress.com/2016/01/22/preso-integrante-de-quadrilha-que-transformava-imigrantes-sirios-em-cidadaos-brasileiros/> ; 12) https://www.rtp.pt/noticias/mundo/policia-brasileira-desmantelou-rede-de-falsificacao-de-documentos-para-sirios_v881454 ; 13) <http://www.rjnoticias.com/2015/12/itamaraty-recebe-lista-de-sirios-que-fraudaram-identidade-brasileira/> .

ter sido tratado como assunto de suma importância pelo noticiário, o que se configura como uma pista para futuras pesquisas.

3.3.1.2. Personagens da narrativa: características e função na trama

Conforme apresentamos nas tabelas a seguir, nesta trama praticamente todos os personagens participam como vilões – ao todo, são onze. O herói da história parece ser o delegado da Polícia Civil que conduz a investigação (Aloysio Falcão). Além deste perfil de personagens antagonistas, categorizamos também as instituições e especialistas consultados como fontes oficiais para dar seu posicionamento sobre o caso e reforçar o tom de neutralidade da narrativa jornalística – no total, foram onze. Ainda, identificamos os apresentadores e repórteres narradores dos episódios, apresentando seus momentos de fala, quando estavam em cena na edição – no total, foram quatro. Optamos por não abordar, para esta análise, os demais profissionais envolvidos no processo de produção da notícia.

Tabela 11 – Personagens da narrativa 3

Personagem	País	Descrição	Ação	Fala	Papel	Ep.
Ali Kamel Ismael	Sírio	71 anos, casado com Basema. Possui visto permanente para residir no Brasil. Residente na Tijuca (RJ).	Anfitrião para turistas no Brasil. Participante de quadrilha que transformou sírios em brasileiros entre 2012 e 2014. Na primeira reportagem, passa a responder ao inquérito em liberdade. Na última, é decretada sua prisão.	Não teve espaço de fala, embora ao fundo da narrativa do repórter passem vídeos em que o personagem está em movimento ou falando.	Vilão	1, 2 e 3
Basema Alasmar	Síria	Nascida em 1972 (imagem do RG). Esposa de Ali Kamel, residente no RJ. Imigrante com documentação falsificada.	Não fala bem o português. Diz-se brasileira, mas não lembra a cidade onde nasceu no Brasil. É presa em flagrante na primeira reportagem, por crime de falsidade ideológica. Escondia os documentos verdadeiros na casa da vizinha.	Ao ser questionada sobre a cidade onde nasceu, pelo delegado Aloysio Falcão, Basema afirma: “Não lembra”, o que revela que não fala bem o português e que mente sobre a informação. Mais adiante, o repórter narrador revela que ela confessou que os documentos verdadeiros estariam escondidos na casa de uma vizinha.	Vilã	1 e 2
Jorge Luiz da Silva	Brasileiro	Funcionário do Cartório de Registros da	Participante de quadrilha que transformou 73 sírios em brasileiros entre	Não há fala.	Vilão	1, 2 e 3

		Zona Oeste do RJ	2012 e 2014. Arrancava as certidões de nascimento de brasileiros do livro de registros e enxertava os documentos falsos no lugar. Acusado pelo repórter narrador de ter executado a fraude de forma malfeita, o que teria facilitado a descoberta do crime. Na primeira reportagem, passa a responder ao inquérito em liberdade. Na última, é decretada a sua prisão.			
David dos Santos Guido		Ex-funcionário do Cartório de Registros da Zona Oeste do RJ	Participante de quadrilha que transformou 73 sírios em brasileiros, entre 2012 e 2014. Já estava demitido do cartório pelo envolvimento em outras fraudes. Criava os registros dos sírios como brasileiros em casa e repassava ao funcionário do cartório Jorge Luiz. Acusado pelo repórter narrador de ter executado a fraude de forma malfeita, o que teria facilitado a descoberta do crime. Na primeira reportagem, passa a responder ao inquérito em liberdade. Na última, é decretada sua prisão.	Repórter pergunta diretamente sobre o crime e ele nega e esconde o rosto: “De jeito nenhum...eu hein...que isso ‘rapá’?!”.	Vilão	1, 2 e 3
Aloysio Falcão	Brasileiro	Delegado da Delegacia de Defraudações da Polícia Civil do Estado do RJ	Já no início da matéria, aparece abordando em flagrante Ali Kamel Ismael e a esposa Basema Alasmar. Aparece conferindo documentos e interrogando os suspeitos do crime. Depois fala diretamente aos repórteres do fantástico sobre o crime. Pesquisa informações sobre os sírios envolvidos na fraude nas redes sociais dos mesmos (com	Relata ao repórter como o crime era feito e quais procedimentos foram tomados pela polícia civil. Ao ser questionado pelo repórter sobre “por que é importante saber”, afirma que “é importante saber porque a segurança nacional está em jogo”.	Herói	1 e 2

			destaque para o <i>facebook</i>).			
Elias Hanna Elias	Sírio	Ex-militar do exército da Síria (ex-soldado de infantaria).	Com passaporte brasileiro falso, fez pedido para entrar nos EUA.	Não há fala.	Vilão	1 e 2
Michel Torbey	Sírio	Ex-militar do exército da síria (ex-sargento).	Com passaporte brasileiro falso, fez pedido para entrar nos EUA. Chegou a entrar nos EUA em anos anteriores, com o endereço de um amigo. Tinha também visto americano, recusado em Dubai em 2015.	Não há fala.	Vilão	1 e 2
Fadi Fayel Basel	Sírio	Ex-militar do exército da Síria (ex-soldado). Advogado.	Com passaporte brasileiro falso, fez pedido para entrar nos EUA.	Não há fala.	Vilão	1 e 2
Zacaria Jaohar	Sírio	Gerente da empresa de navios Ranin Maritime. Mora na Síria. Possui perfil no <i>facebook</i> com fotos de embarcações em seu nome, fotos pessoais em viagens pelo mundo (Bruxelas, Dubai, Roterdã) e fotos em escritório de luxo e ao lado de bens de luxo.	Possuía certidão de nascimento, RG e CPF brasileiros.	Não há fala.	Vilão	2
Abduljalil Mallah	Sírio	Esposo de Hourieh. Executivo na empresa de navegação da família (Mallah Ship Management), que possui sedes em Londres e na Grécia.	Não há ação.	Não há fala.	Vilão	2
Hourieh Baki	Síria	Esposa de Abduljalil. Executiva na empresa de	Não há ação.	Não há fala.	Vilã	2

		navegação da família (Mallah Ship Management), que possui sedes em Londres e na Grécia.				
Marcos Azambuja	Brasileiro	Diplomata. Ex-secretário Geral do Itamaraty	Fornecer entrevista ao repórter narrador e emitir sua opinião sobre o caso.	Segundo o repórter narrador, o diplomata teria dito que “esse tipo de controle é muito falho no Brasil e deixa o país vulnerável, principalmente no momento em que o Rio vai receber as Olimpíadas”. Em fala direta, Marcos Azambuja afirma que “O Brasil hoje é feito um queijo de Minas, com furos em todas as direções. Isso é um convite para que em um certo momento nós tenhamos um aborrecimento muito sério, e o que é mais grave, que outros façam por nós a fiscalização que nós não fizemos”.	Especialista	2
Nome	Função	Fala e/ou ação				Ep.
Renata Vasconcellos	Apresentadora	No episódio 1, a apresentadora abre a edição do JN com a seguinte afirmação: “Essa edição do <i>Jornal Nacional</i> começa com uma prova assustadora da vulnerabilidade do Brasil ao crime internacional e ao terrorismo. Uma quadrilha transformou dezenas de imigrantes sírios em cidadãos brasileiros, com certidão de nascimento, identidade, título de eleitor e passaporte. A reportagem exclusiva do Paulo Renato Soares e do Tyndaro Menezes mostra como foi que isso aconteceu no Rio de Janeiro - a sede dos jogos olímpicos do ano que vem.” Ao final da reportagem, a apresentadora cita as falas das autoridades consultadas sobre o crime, intercalando a narrativa com William Bonner. No início do segundo episódio, a apresentadora introduz a reportagem, com a seguinte fala: “A Polícia Civil indiciou por falsidade ideológica os 72 sírios que conseguiram certidões de nascimento e outros documentos pra se passar por brasileiros. Os investigadores buscaram informações na internet pra saber quem são e o que fazem essas pessoas.” Ao final do mesmo episódio, ela e o apresentador William Bonner novamente revezam as citações das falas das autoridades consultadas sobre o crime.				1 e 2
William Bonner	Apresentador	Ao final do primeiro episódio 1, o apresentador cita as falas das autoridades consultadas sobre o crime, intercalando a narrativa com Renata Vasconcellos. Ao final da reportagem do segundo episódio, Bonner novamente reveza com Renata Vasconcellos as citações das autoridades consultadas sobre o crime.				1 e 2
Heraldo Pereira	Apresentador-narrador	Heraldo narra todo o texto do episódio 3, enquanto imagens já apresentadas nos episódios anteriores são exibidas.				3

Paulo Renato Soares	Repórter-narrador	O repórter narra todo o texto dos episódios 1 e 2 e participa de algumas cenas. As falas dele em cenas do episódio 1 são: “Informações falsas, mas o documento podia ser considerado verdadeiro, e com a certidão de nascimento nas mãos, os sírios tinham todos os direitos de qualquer outro brasileiro. E como brasileiros - mesmo sem falar quase nada da nossa língua - foram a outras repartições públicas. (...) As suspeitas começaram a aparecer quando um funcionário do Detran desconfiou das certidões de nascimento, que tinham informações muito parecidas. Ele avisou à delegacia que investiga fraudes e os policiais descobriram que os sírios não queriam se passar por brasileiros apenas no Brasil. Pelo menos 20 deles tiraram o passaporte brasileiro. O que ninguém sabe até agora é onde esses sírios estão hoje”. Já no episódio 2, sua fala em cena é a que segue: “A Polícia Civil pediu a ajuda da Polícia Federal para tentar saber onde estariam esses sírios. Foram dois pedidos: um em abril e um na semana passada. Mas até agora, não houve resposta”.	1 e 2
Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro	Instituição-fonte	É quem faz toda a investigação, cede imagens ao <i>Jornal Nacional</i> e costuma ser representada pelo delegado Aloysio Falcão. No episódio 2, afirma ter pedido ajuda da Polícia Federal para tentar saber onde estariam os sírios. Os pedidos teriam ocorrido em abril e em dezembro de 2015, mas não houve resposta.	1, 2 e 3
Polícia Federal	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “(...) tem um inquérito sobre o caso, mas que não pode comentar porque está em segredo de Justiça”. Na reportagem do dia 15, ao ser questionada por não responder à Polícia Civil, em nota ao <i>Jornal Nacional</i> , a Polícia Federal afirma que “abriu um inquérito sobre o caso, mas que as investigações estão em segredo de Justiça, e por isso não pode comentar o assunto.”	1 e 2
Ministério das Relações Exteriores	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “(...) declarou que não fala sobre questões ligadas a estrangeiros no Brasil”. Na reportagem do dia 15, “o Ministério das Relações Exteriores informou que está acompanhando o caso.”	1 e 2
Ministério da Justiça	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “(...) vai pedir informações a autoridades do Rio”. Na reportagem do dia 15, “o Ministério da Justiça afirma que está em contato com as autoridades do Rio para colaborar com as investigações”.	1, 2
Detran do RJ	Instituição-fonte	O primeiro episódio da narrativa mostra que ao notar documentos com informações muito parecidas de alguns sujeitos, um funcionário do Detran não identificado teria suspeitado da fraude e denunciado à Polícia. Ao final da reportagem, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição, que diz que “(...)por lei, só pode exigir certidão de nascimento ou de casamento pra emitir a carteira de identidade”.	1 e 2
Receita Federal	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “declarou que está implantando um processo integrado pra evitar informações fraudulentas na inscrição do CPF.”	1
Corregedoria-Geral da Justiça	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “fez uma intervenção no cartório em 2010 por suspeita de irregularidades e afirma que as fraudes são anteriores a esse período.”	1
Tribunal Regional	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “pra obter o título, o eleitor precisa declarar que as informações são verdadeiras, sob pena de	1 e 2

Eleitoral do Rio de Janeiro		crime eleitoral.” Na reportagem do dia 15, o TRERJ “declarou que essa denúncia demonstra que o sistema de registro civil no Brasil precisa ser aperfeiçoado”.	
Advogado de Ali Kamel Ismael e de Basema Alasmar	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: “diz que vai provar a inocência dos clientes.”	1
Assessoria do presidente do TSE e do TRE	Instituição-fonte	Ao final da reportagem do dia 14, os apresentadores trazem a fala resultante da consulta direta à instituição: "A matéria veiculada no <i>Jornal Nacional</i> , que mostra uma quadrilha no Rio de Janeiro que falsifica certidões de nascimento para tornar Sírios em brasileiros natos, demonstra aquilo que a Justiça Eleitoral tem denunciado, que o sistema de registro civil no Brasil é falho e que é necessário ser aperfeiçoado. Por isso, o TSE já encaminhou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei 1775/2015 que cria o Registro Civil Nacional (RCN), baseado na identificação biométrica do cidadão pela Justiça Eleitoral para ser no futuro a base para um documento único, inequívoco, unívoco e seguro de identificação do cidadão." Na reportagem do dia 15, o Tribunal Superior Eleitoral declarou ter encaminhado ao Congresso “um projeto de lei que cria o registro civil nacional, baseado na identificação biométrica dos brasileiros, que seria, no futuro, a base para um documento único dos cidadãos”.	1 e 2
Justiça do Rio de Janeiro	Instituição-fonte	No episódio do 30, a reportagem afirma que a justiça do Rio teria decretado a prisão da quadrilha (Ali Ismael, Jorge Luiz e Guido) e que os outros 73 sírios responderiam em liberdade pelo crime de falsidade ideológica.	3

No plano da estória da narrativa, conforme apresentamos no início deste capítulo, o que buscamos saber foi quem são os sírios envolvidos na narrativa, qual a sua história e por quais motivos migraram. Neste sentido, embora sejam 73 os sírios envolvidos na trama, apenas 11 tiveram seu perfil revelado em mais detalhes. *Ali Kamel Ismael*, um dos protagonistas do crime, possuía visto permanente para residir no Brasil e costumava receber estrangeiros em sua casa e prestar-lhes uma espécie de serviço de guia turístico. A reportagem não conta por qual motivo ele migrou para o país. Entre 2012 e 2014, a ‘nova oportunidade de negócios ilegais’ em parceria com os brasileiros funcionários do *Cartório de Registros da Zona Oeste do Rio de Janeiro* deve ter lhe parecido mais lucrativa do que o trabalho que realizava anteriormente. A quadrilha formada pelos três não aparenta coabitar com intenções e atividades terroristas, mas sim, realizar uma atividade ilícita e lucrativa, embora não seja mencionado na reportagem quanto cobravam para providenciar a documentação falsa.

Outros dois perfis de sírios envolvidos no crime são apresentados. Um deles é o perfil dos empresários e executivos bem-sucedidos, ostentadores e desonestos. É o caso dos sírios Zacaria Jaohar, Abduljalil Mallah e Hourieh Baki. Nas suas redes sociais, a polícia encontra informações de que atuariam profissionalmente em empresas multinacionais e que

frequentemente realizavam viagens internacionais e ostentavam serem proprietários de bens de alto valor monetário e de luxo.

O outro perfil de sírios traçado pela reportagem é o de ex-militares do exército da Síria. Dois deles, teriam servido como soldados e um seria ex-sargento. A reportagem nitidamente faz um esforço de vinculá-los aos EUA, revelando que os três já haviam tentado retirar passaporte para o país, que havia negado a entrada dos mesmos.

Os outros 62 sírios envolvidos no crime não são identificados em detalhes pelo *Jornal Nacional*, a não ser por meio de fotografias de documentos de alguns em baixa resolução. Uma questão que causa curiosidade é que os crimes praticados pela quadrilha teriam ocorrido entre 2012 e 2014, período que coincide com os anos imediatamente após a guerra na Síria, notavelmente marcados pelo aumento do fluxo migratório deste país para outras localidades em todo o mundo.

O fato nos leva a pensar se haveria neste grupo sírios que, num ato de desespero e na dificuldade de conseguir refúgio pelos meios legais, teriam participado da fraude para fugir das mazelas da guerra. É claro que não concordamos que o crime cometido por eles pode ser justificado por sua possível situação de risco e defendemos que cada qual deve responder perante a lei por qualquer ilícito que tenha cometido. Entretanto, dado o contexto próximo ao caso, de reportagens apresentadas pelo próprio *JN* em dias anteriores retratando grandes tragédias que ceifaram a vida de inocentes que fugiam da Síria conduzidos por traficantes de pessoas e que tentavam ingressar em outros países por vias ilegais (narrativas em tom de sensibilização), parece haver uma incoerência de posicionamento e um descuido grave nesta narrativa. Ela acaba por reforçar estereótipos sobre os sírios que ajudam a construir uma visão negativa dos mesmos e podem atrapalhar seu acolhimento nos países onde solicitam refúgio.

Na nossa leitura, um dos motivos que privilegiaram este tipo de narrativa descuidada sobre os sírios no mês de dezembro de 2015 foi o atentado terrorista na França, acontecimento ocorrido no mês anterior a esta narrativa (novembro de 2015) e que acabou provocando uma nova onda de discursos xenofóbicos sobre imigrantes oriundos de países árabes. Tais discursos foram retratado por dias consecutivos nas manchetes dos jornais em todo o mundo, especialmente em função dos relatos de sobreviventes afirmando que os terroristas falavam árabe e eram muçulmanos, e que havia a suspeita de que eles teriam entrado na França pela rota dos refugiados.

Entretanto, apesar de todo o alarde feito pelo telejornal em torno do risco à segurança, o último episódio da narrativa mostra que os 73 sírios responderiam pelo crime em liberdade,

o que nos faz questionar até que ponto o potencial perfil de terroristas e o grande risco à segurança nacional e internacional anunciado pelo JN se confirmava de fato e se tal narrativa não teria tido uma condução irresponsável neste contexto, privilegiando uma espetacularização das suspeitas para gerar audiência em detrimento da defesa de uma causa muito maior: a sensibilização para acolhida de sírios que fogem da guerra.

3.3.2. Os planos da expressão e da metanarrativa: o reforço do estereótipo de terrorista, a incompetência das instituições públicas brasileiras e o risco à segurança nacional e internacional

Assim como no plano da estória, a análise do plano da expressão serviu para desvelar novas estratégias argumentativas utilizadas num esforço de conduzir a interpretação do telespectador para uma sensação de alerta por um crime que poderia representar riscos à segurança nacional e internacional. É o que mostramos na tabela abaixo, através das descrições de cenas em coesão com os textos da reportagem, à qual somamos uma análise empírica de possíveis efeitos de sentido real e estético pretendidos e materializados pela escolha intencional dos elementos textuais e imagéticos da narrativa.

É importante demarcar, porém, como já argumentado em outras partes deste trabalho, que os efeitos e interpretação pretendidos pelas estratégias argumentativas utilizadas na narrativa não necessariamente se concretizam. A interpretação da notícia, como apresenta Motta (2013) é uma *coconstrução* na qual os sentidos são construídos por uma síntese entre o que é apresentado no ato da comunicação pelo locutor narrador/personagem e o que é assimilado pelo interlocutor/telespectador. Este utiliza recursos próprios pautados em suas vivências e subjetividades para interpretar os fatos e construir sua própria narrativa sobre eles.

Tabela 12 – Efeitos de sentido pretendidos na narrativa 3

Ep.	Imagem /cena/ personagens	Texto	Efeitos de sentido pretendidos
1	A apresentadora Renata Vasconcellos fala em tom de alerta, na bancada do jornal.	“O <i>Jornal Nacional</i> mostra uma prova assustadora da vulnerabilidade do Brasil ao crime internacional e ao terrorismo. Uma quadrilha transformou dezenas de imigrantes sírios em cidadãos brasileiros, com certidão de nascimento, identidade, título de eleitor e passaporte. A reportagem exclusiva (...) mostra como foi que isso aconteceu no Rio de Janeiro - a sede dos jogos olímpicos de 2016.”	Efeitos de real: Ao mencionar que mostrará uma “prova”, conduz à interpretação de veracidade dos fatos. Efeitos de sentido: A fala aparenta ter a pretensão de provocar o sentido de alerta e de risco no telespectador. Pode gerar temor e apreensão no mesmo, que passa a crer que o país pode estar sob risco de um ataque terrorista e reforça o mito de que tal acontecimento poderia acontecer no período dos jogos olímpicos. Reforça o

			estereótipo de que imigrantes oriundos de países árabes não são confiáveis e podem se revelar terroristas.
1	Fala de Paulo Renato Soares e imagens da chegada da polícia à casa de Ali Kamel Ismael, um idoso de cabelos brancos.	“Aos 71 anos, não chamava atenção (...)”	Efeitos de sentido estético: mostrar que as aparências enganam e que o perigo pode vir de onde menos se espera.
1	O delegado Aloysio, com os documentos falsos de Basema Alasmir em mãos, a interroga em tom de ironia.	“Em que cidade a senhora nasceu?” (pergunta de Aloysio) “Eu não lembra não...” (resposta de Basema) “Ah, a senhora não sabe onde nasceu?” (pergunta de Aloysio) “Não lembra!” (resposta de Basema)	Efeito de real: o delegado mostra que está com os documentos em mãos e oferece a Basema a oportunidade de se explicar. O efeito pretendido é o de justiça, pelo direito de fala da acusada. Efeitos estéticos: Basema é desmascarada, ao mostrar incoerência e falta de verdade, pois se nasceu no Brasil deveria falar bem o português e saber responder em qual cidade brasileira nasceu.
1	Narração de Paulo Renato Soares e imagens dos três homens que formavam a quadrilha, separadamente, em movimento. Um deles esconde o rosto enquanto é filmado. O último close da câmera são as certidões de nascimento falsificadas.	“Com a ajuda de um funcionário e um ex-funcionário, os sírios conseguiram um milagre. Nasceram de novo, como brasileiros.”	Efeitos de real: Mostra as imagens dos culpados constrangidos e dos documentos falsos, evidências do crime. Efeitos estéticos: As figuras de linguagem metáfora e ironia são empregadas na expressão “nasceram de novo”, termo utilizado geralmente no meio religioso, mas que na frase explica, em tom de ironia, o que a fraude proporcionou aos sírios: nascer de novo no Brasil. Desperta ironia, deboche, indignação.
1	Narração de Paulo Renato Soares enquanto as certidões de nascimento são mostradas e as informações repetidas das mesmas destacadas do seu texto. Em seguida, o condomínio onde boa parte dos sírios teria nascido, na Tijuca, é mostrado.	“A dupla nem se preocupou com a escolha das informações que eram registradas. Todos os sírios se tornaram brasileiros com certidões feitas bem depois do dia do nascimento, são os chamados registros tardios. Pelo que está nos documentos, todos nasceram dentro de casa, nunca em hospitais. E, detalhe, os endereços são sempre os mesmos também. Só num dos apartamentos de um prédio na Tijuca teriam nascido 13 desses brasileiros falsificados.”	Efeitos de real: Apresentação dos documentos e da parte textual deles que diz que os registros são tardios, bem como a filmagem do endereço falso onde boa parte dos sírios teria supostamente nascido confirma a veracidade dos fatos. Efeitos estéticos: A desonestidade é tão comum que o brasileiro é descuidado até mesmo na hora de cometer um crime, pois a dupla nem se preocupou com a escolha das informações registradas. Reforça os estereótipos do “jeitinho brasileiro”, das gambiarras feitas para conseguir o que se quer, sem medo das consequências.
1	Narração de Paulo Renato Soares enquanto aparecem imagens do Detran do RJ e de	“Sem nenhuma dificuldade, os sírios estiveram no Detran do Rio, onde são feitas as carteiras	Efeito de real: Veracidade confirmada pelas provas (os

	<p>cadastros de alguns dos sírios que conseguiram fazer a documentação e de outros documentos de identificação dos mesmos emitidos pela Receita Federal e do Tribunal Eleitoral</p>	<p>de identidade: 51 dos 72 sírios saíram de lá com o documento. Nenhum sistema conseguiu detectar a fraude. Ter o CPF também não foi problema: 39 sírios têm o documento. E podiam votar e até ser eleitos, porque 52 deles têm o título de eleitor também.”</p>	<p>cadastros dos sírios e seus documentos). Efeitos estéticos de sentido: As falas tendem a instigar a sensação de insegurança pela incompetência do serviço público brasileiro, que não conseguiu detectar a fraude e prover a segurança dos verdadeiros brasileiros. Por outro lado, a ironia de que sírios podiam votar e até serem eleitos no Brasil tende a reforçar a máxima de que as instituições públicas do Brasil são ineficientes.</p>
1	<p>Narração de Paulo Renato Soares, que aparece na cena, dentro do Detran. Em seguida, imagens das redes sociais dos sírios acusados em viagens internacionais, ou de suas postagens falando de Hitler e do atentado terrorista de 11 de setembro. Imagem do prédio do consulado americano no Rio de Janeiro e imagem de foto 3X4 dos três ex-militares da Síria que teriam tentado tirar passaporte americano.</p>	<p>“(…) os policiais descobriram que os sírios não queriam se passar por brasileiros apenas no Brasil. Pelo menos 20 deles tiraram o passaporte brasileiro. O que ninguém sabe até agora é onde esses sírios estão hoje. Os investigadores descobriram nas redes sociais que muitos viajam pelo mundo todo: Paris, Nova York, Londres. Outros não se intimidam ao compartilhar textos que defendem atos terroristas, ou mostrar simpatia por Hitler e o nazismo. Atendendo a um pedido da polícia, o consulado americano no Rio informou que 17 sírios com documentos brasileiros feitos a partir da fraude pediram visto para entrar nos Estados Unidos. Desses, cinco fizeram o pedido com o passaporte brasileiro. Três são ex-militares das Forças Armadas da Síria. O governo dos Estados Unidos avisou que se eles apresentarem documentos brasileiros em território americano, vão pra cadeia.”</p>	<p>Efeitos de real: Imagens são a prova real de que as informações apresentadas sobre os sírios são verdadeiras. Ao final, o fato dos três ex-militares do exército da Síria terem tentado conseguir passaporte americano transmite efeito real de que eles representariam perigo iminente para os EUA. Efeitos estéticos: As imagens das postagens sobre Hitler e sobre o atentado terrorista chocam e provocam associações com perfis de terroristas, despertando estados de espírito de desconfiança e temor. A última frase, sobre a providência que seria tomada pelo governo americano se os sírios envolvidos na fraude aparecessem no território reforça a imagem de que o governo estadunidense possui instituições eficientes, em detrimento das instituições brasileiras.</p>
1	<p>Fala do delegado Aloysio Falcão sendo entrevistado por repórter.</p>	<p>“E é importante saber por que?” (repórter do JN) “É importante saber porque a segurança nacional está em jogo.” (delegado)</p>	<p>Efeitos de Real: Autoridade e especialista no assunto é consultado para dizer porque a descoberta do crime é um fato relevante e deve vir à público. Legítima, desta forma, a cobertura da reportagem. Efeitos estéticos: Provoca estado de espírito de temor e de que a informação deve ser levada a sério, já que o alerta vem de um especialista no assunto, que está confirmando que a segurança nacional está em jogo.</p>

1	<p>Renata Vasconcellos e William Bonner citam diretamente o parecer de todas as instituições públicas relacionadas ao crime, intercalando as falas, na bancada do <i>Jornal Nacional</i>.</p>	<p>“O Ministério das Relações Exteriores declarou que não fala sobre questões ligadas a estrangeiros no Brasil (...) A Polícia Federal afirmou que tem um inquérito sobre o caso, mas que não pode comentar porque está em segredo de Justiça. O advogado do sírio Ali Kamel Ismael e da mulher dele diz que vai provar a inocência dos clientes. Nós não conseguimos contato com a defesa do funcionário do cartório Jorge Luiz da Silva. Nota divulgada pela assessoria do presidente do TSE e do TRE: "A matéria veiculada no <i>Jornal Nacional</i>, que mostra uma quadrilha no Rio de Janeiro que falsifica certidões de nascimento para tornar Sírios em brasileiros natos, demonstra aquilo que a Justiça Eleitoral tem denunciado, que o sistema de registro civil no Brasil é falho e que é necessário ser aperfeiçoado (...)"</p>	<p>Efeito de real: Direito de resposta garantido a todas as instituições públicas que podem ter sido negligentes, facilitando a realização do crime. Desta forma, o JN reafirma sua neutralidade e compromisso em mostrar os fatos como são, sem tomar partido.</p>
2	<p>Narração de Paulo Renato Soares e imagens do delegado Aloysio Falcão mexendo no computador em sua sala de trabalho. Em seguida, imagens que mostram o sírio Zakaria Jaohar, seus documentos falsos e todas as informações encontradas em suas redes sociais.</p>	<p>“Os investigadores fizeram uma busca nas redes sociais para tentar saber quem são essas pessoas que querem se passar por brasileiros. Zakaria Jaohar tem certidão de nascimento brasileira, RG e CPF. A Polícia descobriu que Zakaria se apresenta como gerente de uma empresa de navios, a Ranim Maritime. E diz que mora da Síria. Em uma publicação, de janeiro, ele mostra o escritório novo. O perfil tem várias fotos de embarcações com o sobrenome dele. E de viagens pelo mundo: Bruxelas, Dubai. Em uma delas, em Roterdã, na Holanda, ele posa ao lado de um carro de luxo.”</p>	<p>Efeitos de real: A imagem do delegado olhando no computador mostra que quem buscou informações nas redes sociais sobre os sírios acusados do crime de falsidade ideológica foi a própria polícia e não os repórteres do <i>Jornal Nacional</i>. Esta é uma forma de assegurar imparcialidade ao veículo noticioso e protegê-lo de buscar informações tendenciosas e não oficiais para inserir na notícia. Se foi a própria polícia quem ofereceu as informações, elas se tornam oficiais. Efeitos estéticos: a expressão “ele posa ao lado de um carro de luxo” pretende despertar no telespectador a percepção de que aquele que os sírios que cometeram o crime ostentam riquezas e mesmo assim são desonestos. Desperta indignação, já que a pobreza é o argumento que costuma atenuar o julgamento daqueles que cometem crimes.</p>
2	<p>Narração de Paulo Renato Soares e imagens dos documentos falsos, do cartório, dos participantes da quadrilha e</p>	<p>“Ontem o <i>Jornal Nacional</i> mostrou, com exclusividade, como eles conseguiram se transformar em brasileiros. Com</p>	<p>Efeitos de real: expressões adverbiais de tempo e espaço e <i>flashbacks</i> de imagens exibidas no episódio anterior reforçam a</p>

	do momento do flagrante no apartamento de Ali Kamel Ismael. Em seguida, o repórter narrador fala em frente ao prédio da Polícia Federal, onde finaliza a fala.	a ajuda de um homem e de dois funcionários de um cartório na Zona Oeste da cidade, tiraram uma certidão de nascimento, como se tivessem nascido no Brasil. Depois, não encontraram nenhuma dificuldade para conseguir todos os outros documentos, como se fossem brasileiros. A delegacia que investiga as fraudes indiciou os 72 sírios por falsidade ideológica. A Polícia Civil pediu a ajuda da Polícia Federal para tentar saber onde estariam esses sírios. Foram dois pedidos: um em abril e um na semana passada. Mas até agora, não houve resposta”	coerência entre as reportagens, conectando os sentidos reais construídos e mostrando mais uma vez a veracidade da descoberta pelas provas inegáveis. Efeitos estéticos de sentido: reforço da descrença na competência das instituições públicas brasileiras, especialmente a Polícia Federal, que é acusada de não colaborar com a Política Civil do Estado do Rio de Janeiro.
2	Narração de Paulo Renato Soares combinada às filmagens do mesmo entrevistando o diplomata Marcos Azambuja. Ao final, close da câmera no diplomata, enquanto o áudio de sua fala direta é transmitido.	“Para o diplomata Marcos Azambuja, que já foi secretário-geral do Itamaraty, esse tipo de controle é muito falho no Brasil e deixa o país vulnerável principalmente em um momento que o Rio vai receber as Olimpíadas. ‘O Brasil hoje é feito um queijo de Minas, com furos em todas as direções. Isso é um convite para que em um certo momento nós tenhamos um aborrecimento muito sério, e o que é mais grave, que outros façam por nós a fiscalização que nós não fizemos””.	Efeitos de real: especialista em assuntos internacionais e diplomata brasileiro é consultado pelo JN para reforçar a ideia de que o Brasil pode estar em risco, legitimando que este não é um posicionamento do veículo, mas das autoridades de segurança e assuntos internacionais do Brasil. Efeitos de sentido: O diplomata reforça o sentimento de insegurança nas olimpíadas, apresentado no primeiro episódio pela apresentadora Renata Vasconcellos. Também reforça a sensação de descrédito pela incompetência das instituições públicas brasileiras, especialmente aquelas responsáveis por resguardar a segurança nacional, ao usar a metáfora de que o Brasil seria como um “queijo de Minas”, com furos em todas as direções. Insinua ainda que a situação de ineficiência das instituições de segurança no Brasil acaba sendo um convite para aborrecimentos mais sérios que poderiam demandar intervenções externas. Com esta fala, o diplomata reforça o sentimento de decepção do brasileiro com seu Estado, incapaz de prover as condições mínimas de segurança e de sustentar sua soberania perante as demais nações.
2	A nota da Polícia Federal é narrada pelo repórter Paulo Renato Soares, enquanto o	“Em nota, ao Jornal Nacional, a Polícia Federal disse que abriu um inquérito sobre o caso, mas	Efeitos de real: Para reforçar a neutralidade e imparcialidade do jornal, novamente é dado direito

	documento da PF é mostrado com frases destacadas. Já as falas das demais instituições são citadas revezadamente por William Bonner e Renata Vasconcellos, posicionados na bancada do jornal.	que as investigações estão em segredo de Justiça, e por isso não pode comentar o assunto.(...) O Ministério da Justiça afirma que está em contato com as autoridades do Rio para colaborar com as investigações. E o Ministério das Relações Exteriores informou que está acompanhando o caso (...).”	de resposta a todas as instituições envolvidas direta ou indiretamente no crime.
--	--	---	--

A partir dos recursos textuais e imagéticos apresentados anteriormente, os principais propósitos das estratégias argumentativas utilizadas nesta narrativa são desvelados. Em síntese, são eles:

- d) conduzir o telespectador a estados de espírito de alerta e desconfiança em relação ao estrangeiro oriundo da Síria;
- e) reforçar o estereótipo do brasileiro desonesto, que dá um “jeitinho” para conseguir o que quer;
- f) despertar o sentimento de insegurança e descrédito em relação à capacidade das instituições brasileiras de cumprirem seu papel, punindo os culpados e garantindo a segurança nacional e internacional.

Tais propósitos de interpretação da narrativa podem ser mais bem entendidos quando analisados em suas dimensões mais profundas: as dimensões culturais, políticas e ideológicas, que Motta chama de plano da metanarrativa. Assim, percebemos que o nosso esquema de análise do plano da expressão acaba por revelar também essas dimensões mais profundas.

Nesta narrativa, os sírios não falam. São as reportagens que traçam um perfil de quem seriam e de quais as suas motivações para migrarem para o Brasil. Aqui, eles são reportados como pessoas mentirosas, nas quais não se pode confiar. Pessoas que possuem recursos e ostentam suas riquezas por aí. Pessoas desonestas. Pessoas que podem ser violentas, que podem estar vinculadas a ações terroristas. De fato, quem pratica um crime cometeu um ato desonesto. Entretanto, se tratando de um grupo de 73 pessoas, nos perguntamos até que ponto essas características podem ser generalizadas. O período em que o crime acontece (de 2012 a 2014) é exatamente o período que coincide com o acirramento do conflito na Síria. Considerando que muitas vezes as famílias atingidas pelo conflito encontram em meios ilícitos uma forma de fugir da guerra, nos colocamos a pensar se não haveria neste grupo pessoas que cometeram o crime

motivados pela fuga da guerra. Não estamos aqui querendo justificar o crime, mas é fato que se este perfil fosse encontrado, a questão poderia ser lida de outra forma.

Em nossa leitura, este comportamento no âmbito da construção da notícia revela uma atitude preconceituosa em dois âmbitos: a) a securitização da presença do imigrante e b) a securitização da presença do imigrante árabe. Por mais que o Brasil tenha sido tradicionalmente um país formado pelos movimentos migratórios oriundos de todo o mundo, é comum perceber na literatura acadêmica sobre o tema do Direito do Imigrante no país a crítica de que a legislação voltada para o assunto sempre teve um viés de desconfiança em relação ao estrangeiro. O preconceito se mostra duplo no contexto da imigração árabe pelo estranhamento cultural, que o pesquisador Edward Said nomeia de orientalismo (a concepção precipitada que as culturas ocidentais têm das culturas orientais). Especialmente nos últimos anos, temos visto ser reforçada a construção de um estereótipo que associa o imigrante árabe a segmentos extremistas do islamismo e ao terrorismo. Esse estereótipo emerge na narrativa, que associa sem medo os imigrantes sírios a movimentos terroristas, baseados em informações frouxas, como a alegação de que alguns são ex-militares do exército da Síria. As insinuações de que os mesmos poderiam cometer ações terroristas nas Olimpíadas do Brasil ou que os mesmos pretendiam utilizar passaporte brasileiro para entrar nos EUA, trazem à memória do telespectador diversos atentados terroristas da história recente e produzem desconfiança e medo.

Outro sentido amplamente trabalhado na notícia é o da crítica às instituições públicas brasileiras. Além dos próprios apresentadores e repórteres reforçarem esta ideia na entonação com a qual falam sobre a postura das instituições e sua negligência no crime, a reportagem convoca especialistas para corroborarem com a ideia. O exemplo mais chocante é a narrativa do diplomata sobre a fragilidade do Brasil ao crime internacional. Utilizando a metáfora do “queijo de Minas”, a personagem realiza uma crítica severa às instituições responsáveis por prover a segurança pública no Brasil. Mais do que isso, ao mencionar que nossa incompetência poderia levar à necessidade de intervenção externa, o diplomata põe em cheque até que ponto o país é capaz de exercer sua soberania. Aciona neste momento valores culturais que remetem a um ‘entreguismo’, a uma baixa autoestima do brasileiro, que tradicionalmente sempre achou que a ‘grama do vizinho era mais verde’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA PESQUISA

Este trabalho se propôs a investigar como se dá a narrativa sobre a migração síria pós-guerra veiculada pelo *Jornal Nacional*. De mais de 500 edições do jornal veiculadas no período entre 1 de novembro de 2014 e 1 de novembro de 2016, selecionamos um *corpus* de 56 reportagens que mencionassem em seu conteúdo alguma informação sobre a migração síria.

Percebendo temas que pudessem ser agrupados e assuntos que ganharam maior espaço no veículo, escolhemos 11 unidades de análise que conformavam três narrativas nas quais a migração síria pós-guerra esteve em destaque no período: a) a crise migratória na Europa; b) o recomeço de refugiados no Brasil; e c) a busca da nacionalidade brasileira por meio de fraude.

Utilizando o arcabouço teórico metodológico proposto por Luiz Gonzaga Motta (2013) para uma análise crítica da narrativa jornalística, construímos um modelo de análise que nos possibilitou realizar uma análise empírica das notícias por meio do desdobramento das mesmas em três planos: o plano da estória, o plano da expressão e o plano da metanarrativa.

A investigação em cada um dos planos foi norteada por questões-chave relacionadas às nossas perguntas de pesquisa. Nesse sentido, no que diz respeito ao plano da estória – plano de análise que privilegiamos neste trabalho – buscamos responder principalmente quais conflitos envolvendo a trama dos imigrantes sírios estruturaram as narrativas. Também identificamos as personagens representativas dos sírios, seus papéis na narrativa e que características dos mesmos são reveladas ou silenciadas nas notícias.

Na análise dos planos da expressão e da metanarrativa das reportagens, nossa meta foi, primeiro, desvelar o propósito das estratégias argumentativas da narrativa, através da descrição de recursos textuais e imagéticos e de uma interpretação ensaística sobre os efeitos de sentido reais e estéticos pretendidos no uso dos mesmos. Em seguida, ainda olhando para esses recursos, buscamos identificar alguns dos valores culturais, políticos e/ou ideológicos postos como pano de fundo moral dessas narrativas.

A análise do plano da estória possibilitou-nos responder, dentro dos limites de nossa pesquisa, qual a narrativa da migração síria pós-guerra que ganhou destaque no *Jornal Nacional* dentro do recorte temporal proposto. Como vimos no capítulo de análise, a história do presente que o jornal ajuda a construir enfatiza o drama vivido por famílias que fogem da guerra e buscam abrigo em diversos países do mundo, inclusive o Brasil. Entre histórias de vida que envolvem tragédias que comoveram o mundo e exemplos de superação e resiliência, a construção narrativa da maioria das notícias aproxima o público da realidade vivida pelos imigrantes e tende a despertá-lo para a empatia e para ações de solidariedade. Isso é confirmado

na análise dos planos da expressão e da metanarrativa. Entretanto, há uma outra face dessa narrativa que relaciona as motivações da migração síria pós-guerra ao crime internacional e ao terrorismo. Nas narrativas 1 e 2, esta face é mostrada por meio de uma crítica do jornal aos países ricos do mundo, que mesmo diante da crise humanitária que envolve os sírios e das tragédias que ceifam suas vidas diariamente, não estariam facilitando a entrada dos estrangeiros em seus territórios por motivações de cunho político, econômico e, destacadamente, cultural. Já na narrativa 3, o JN revela a história do crime de falsidade ideológica cometida por 73 sírios no Brasil e acaba replicando a mesma narrativa preconceituosa que criticou nas notícias anteriores.

Nesse sentido, a postura do *Jornal Nacional*, na nossa leitura, se mostra incoerente. Isso é revelado com mais precisão na análise dos planos da expressão e da metanarrativa. Assim, se nas narrativas 1 e 2 há claramente uma postura favorável à recepção/acolhimento de imigrantes sírios, pela compreensão dos contextos da guerra civil na Síria, das tragédias que envolvem a crise migratória e da dramática crise humanitária na qual essas pessoas estão envolvidas, a narrativa 3 segue um caminho oposto. Apesar de não podermos alegar que entre o grupo de sírios que cometeu o crime de falsidade ideológica no Brasil poderiam haver famílias que encontraram em caminhos clandestinos sua forma de fugir da guerra, é importante enfatizar que a narrativa ignora esta possibilidade por completo. O que nos chama atenção é que o crime teria ocorrido entre os anos 2012 e 2014, período este de acirramento do conflito e de aumento significativo das migrações oriundas da Síria. Mesmo assim, as reportagens do JN sobre o acontecimento são construídas de forma a enquadrar os sírios como pessoas perigosas, possivelmente relacionadas a ações terroristas e que poderiam fazer parte de uma conspiração para execução de atentados terroristas nas olimpíadas do Brasil em 2016.

Assim, enquanto nas narrativas 1 e 2, o JN se posiciona em favor do acolhimento dos sírios, contra a postura de países da Europa e, especialmente, contra a postura anti-imigração dos EUA, muitas vezes os colocando como cúmplices das tragédias que envolvem esses imigrantes, na narrativa 3 o JN adota uma postura ao avesso. Reforça a mesma narrativa contra imigrantes sírios utilizadas pelos países que criticou nas narrativas anteriores. Além disso, nas narrativas 1 e 2 os países que não recebem os sírios são colocados como vilões e suas instituições são julgadas como ineficientes na resolução do problema. Em contrapartida, o Brasil é apresentado como país herói, cujas instituições são eficientes em acolher os sírios que pedem refúgio no país. Entretanto, na narrativa 3 o sentido construído é exatamente o oposto: as instituições brasileiras são julgadas como ineficientes e incapazes de assegurar a segurança

e a soberania nacional, enquanto a postura severa de países como os EUA, que possuem política migratórias resistentes à imigração, são enaltecidas.

Diante dessas observações, percebemos que ao esmiuçar as notícias através da Análise Crítica da Narrativa, muitos dos seus propósitos vêm à tona. Como discurso, vimos que as notícias devem ser entendidas dentro da prática discursiva do jornalismo, de suas rotinas produtivas, e de todos os discursos que disputam poder em sua confecção. Entretanto, se o jornalismo ainda tem por pretensão se posicionar como disciplina que se coloca a serviço do fortalecimento da democracia e da justiça social, é necessário repensar a qualidade de suas narrativas. Nesse sentido, conforme explanamos em nosso capítulo teórico, os propósitos que justificam a escolha de cada recurso que compõe a narrativa, sejam imagéticos ou textuais, deveriam ser repensados. No jornalismo para paz de Johan Galtung (2006), a sugestão para assegurar a qualidade da narrativa é a de que as notícias sejam construídas a partir de categorias de enquadramento nas quais todas as partes envolvidas sejam ouvidas e que o jornalismo investigativo trate de decifrar os temas que ainda permaneçam obscuros. Nessa perspectiva, repórter e editor fazem uma reflexão sobre como estimular a paz e a proposta da cobertura é promover o engajamento do público e retirá-lo da apatia.

Nas duas primeiras narrativas que analisamos (narrativas 1 e 2), as histórias, as personagens, as imagens e as expressões textuais têm forte carga dramática e despertam estados de espírito de comoção. Aqui talvez resida sua argumentação mais voltada aos propósitos da audiência. Entretanto, também parecem ter como propósito despertar a solidariedade, a organização da sociedade e a ajuda humanitária por meio de ações diversas. Assim, percebemos uma intenção de mobilização, de despertar o público da apatia, de mostrar que é possível fazer alguma coisa a respeito, mesmo quando a origem do problema está em um espaço geográfico tão distante. Nesse sentido, percebemos traços de um jornalismo engajado em promover a paz.

Porém, na narrativa 3, os propósitos da paz parecem ser colocados para escanteio. Focada em despertar estados de espírito de desconfiança, apreensão e temor, não há nenhuma preocupação discursiva em elucidar para o público que os sírios envolvidos no crime não são os mesmos sírios que pedem asilo no Brasil. Também não há intenção de identificar se entre os que cometeram o crime, há pessoas que o fizeram para fugir da guerra. Aqui, os sírios são silenciados. Não falam sobre suas motivações de migração. É o telejornal quem diz por que migram, insinuando que seu propósito é o crime, o terrorismo, a ganância, e somente isto.

Conforme argumentamos diversas vezes no trabalho, não estamos defendendo os sírios que cometeram o crime descrito na narrativa 3. Nossa preocupação, na verdade, é a associação

que o telespectador poderia fazer entre sírios que buscam refúgio (ampla maioria, conforme descrito nas narrativas 2 e 3) e sírios que cometem crimes (casos isolados, como na narrativa 3, mas que ganham a mesma atenção). A prova de que nossa preocupação não é infundada se confirma em comentários sobre o grupo de notícias da narrativa 3 as quais encontramos na página do *facebook* do *Jornal Nacional*³⁰. Em uma busca na mesma, encontramos diversas falas³¹ com conteúdo xenofóbico:

(Autor M. R. C.): Brasil virou casa " das mães juanas", assim é com os sírios, chineses, coreanos, africanos, árabes, bolivianos, haitianos (esses com vistos de refugiados), colonianos, venezuelanos... Ou seja, problemas... Não conseguimos nem resolver nossas crises e ainda facilitamos e criamos, por descasco uma imigração sem qualquer garantia e qualidade social... Já chega né!

(Autora G.O.): O que esperar de um povo que compactua com CORRUPÇÃO e acha normal levar vantagem em tudo? O que esperar de uma nação onde uma minoria tenta impor a todo custo que temos que ser tolerantes com os imigrantes vindos de países onde a guerra é prioridade? É juntar a fome com a vontade de comer. Já não basta as mazelas que temos?

(Autora M.G.V.): é que nosso país o que mais tem é desonestidade , cada um tá querendo levar a melhor em grana , só que a justiça é super falha , tardia , e um dia a casa cai. Olha o perigo que estamos correndo abrigando esse tipo de gente , que nada tem haver com o povo brasileiro.

(Autor u.p.): Ué?! Tem guerrilheiro cubano de alta patente disfarçado de médico, pq não pode ter sírio? Estamos importando pessoas para promover a desordem! Tem haitiano e angolano recebendo auxílio do governo! Toma tendência governantes, expondo seu povo?

A associação de imigrantes sírios ao terrorismo também é frequente e muitas mensagens os relacionam a críticas ao governo brasileiro vigente na época (governo do Partido dos Trabalhadores, na gestão da presidenta Dilma Rousseff):

(Autor: R.M.): Huauhua, mas já tem cubano, venezuelano, boliviano, etc, votando 13 em eleições aqui no Brasil faz tempo, nenhum espanto os sírios aproveitarem a boquinha. Pelo menos eles querem ser brasileiros pra irem explodir com identidade nova em algum outro país. 😊^_^ 😊^_^

(Autor: A.F.): Toma essa! Pra quem defende imigrantes no Brasil, muitos refugiados são terroristas disfarçados! Enquanto nos brasileiros custamos tirar documentos legais, esses sírios tem a facilidade na ilegalidade.

³⁰ O resultado da busca no *facebook* dos comentários relacionadas à narrativa 3 podem ser acessados através da busca pela expressão "sírios em cidadãos brasileiros" na seção publicações da página do JN.

³¹ Identificamos os autores das falas apenas pelas iniciais dos nomes. Seus nomes podem ser consultados diretamente nos comentários públicos na página do *Jornal Nacional*. As falas são apresentadas exatamente como estavam na internet, portanto, sem correção gramatical ou qualquer outra alteração.

(Autora: K.M.): Isso pode botar o Brasil em maus lençois, uns queriam passaporte para entrar nos EUA como cidadãos brasileiros, apagando a identidade mulçumana. Estados Unidos facilitou a entrada de brasileiros, agora querem se aproveitar disso. Brasil dá cidadania para qualquer um, e o governo do PT facilitou mais ainda, putz. Aí o mulçumano consegue essa cidadania vai nos EUA faz um atentado e nos documentos dele consta que é brasileiro. E estamos fu-di-dos!

(Autor: L.I.F.): E não era a Terrorista da Vânia, digo Dilma, que dizia que deveríamos dialogar com o Estado Islâmico? Agora com essa IRRESONSABILIDADE dessa múmia comunista fez com que simplesmente outros grupos terroristas, além do MST, possam agir em nosso país ou simplesmente o usar como rota de passagem ou esconderijo.

(Autor: R.M.): Quantos TERRORISTAS, ja passaram por aqui, e stao em outros paises como BRASILEIROS.

(Autor: D.L.F.): Já está tendo ameaça de bomba nos trens de São Paulo, imagina nas Olimpíadas.

(Autor: E.O.): Eles entram de forma fraudulenta e depois o Narloch critica o Bolsonaro quando ele se refere a eles como escória da humanidade. Vai entender né.

(Autor: H.F.): Parabéns JN pela excelente reportagem! Agora se o país for sério tem que se recusar a receber este povo ou, se se propor a receber, ter uma política de imigração de verdade. Do mesmo jeito que entram cidadãos de bens, entram bandidos como esses. Já basta os bandidos brasileiros, não precisamos importar tbm terroristas.

(Autor: R.B.): e ainda avisaram que estavam em todo mundo , o terrorismo esta dominando o mundo pois estão bastante organizados , não que eu esteja a favor , mas é o que a realidade esta nos mostrando !

(Autor: D.J.): Lamentável, se um desses Sírios com identidade brasileira cometer algum atentado lá fora espero que o desgoverno do PT seja condenado, partido dos terroristas.

(Autor: J.C.): Eles explodindo Brasília o resto tá de boa.

Entretanto, há também internautas que criticam a construção da narrativa sobre o assunto. Em sua fala, identificam traços sensacionalistas e argumentam sobre a irresponsabilidade do JN com o povo sírio ao apresentar a notícia dessa forma, dado o contexto em que se encontram:

(Autora H. J.): absolutamente revoltante a matéria de há pouco sobre os "sírios", que vocês tratam como sinônimo de bandidos terroristas. por que não dão uma olhada na forma como o premiê Justin Trudeau trata esses mesmos indivíduos massacrados pela guerra, pela violência, pela fome, pelo medo? há vários vídeos disponíveis na internet. será que não é compreensível que essas pessoas queiram encontrar abrigo onde for, do jeito que for? não é possível fazer uma matéria analítica sobre a questão?

(Autor: V.S.J.): Vixi, agora estão fechando as portas para os Sírios em todas as partes do mundo. E isso por um motivo político? Quem sabe? Mas, para onde foi toda a

simpatia quando aquele garotinho foi encontrado morto em uma praia da Europa. Pois e, o Holocausto dos Sírios já está se formando, mas ninguém ainda pode ver.

(Autor: H.J.): continuando: na minha opinião, quem redige e a mídia que divulga uma notícia como essa sobre os sírios, que incita à xenofobia -- crime, pela constituição -- devia ser processado. sugestão: procurem no google "justin trudeau welcomes syrians" e vejam o que é uma bela política de Estado.

As reações dos internautas às notícias são uma amostra real das possibilidades interpretativas que a narrativa construiu. Entretanto, confirmam também a dimensão da *coconstrução* das narrativas, dado que cada interlocutor interpretará a notícia de forma subjetiva, em acordo com suas experiências de vida e conhecimentos sobre o assunto. Por exemplo, alguns internautas apresentam uma postura claramente crítica à forma como a narrativa foi conduzida. Percebem a irresponsabilidade do veículo ao noticiar o crime sem o cuidado devido em contextualizar e proteger os tantos sírios que nada tem a ver com o crime cometido e que são maioria absoluta.

Há uma percepção pelos próprios interlocutores que o JN utilizou de um tom sensacionalista para atrair a atenção do público. Entretanto, para formularmos afirmações com validade científica sobre o assunto, seria necessário a elaboração de um estudo de recepção sobre essas notícias, algo que gostaríamos de abordar em um trabalho futuro.

Como limites deste trabalho, que acabam servindo de insumo para trabalhos posteriores, apontamos a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre as rotinas produtivas que levam os jornalistas a construir suas narrativas sem considerar certos contextos, promovendo violência ao invés de paz. Essa também é uma pesquisa que deixamos como sugestão para trabalhos vindouros.

Outras opções teóricas e metodológicas que não adentramos e que podem emergir como lacunas de nosso trabalho a serem preenchidas posteriormente são a ausência de uma contextualização mais aprofundada sobre o conflito da Síria, sobre a história da migração síria para o Brasil e sobre a trajetória do tratamento dado aos imigrantes pelas políticas públicas brasileiras. Também não aprofundamos a contextualização do *Jornal Nacional*, por julgar que já existem muitos trabalhos sobre o veículo disponíveis.

Nossa pesquisa teve como maior enfoque desvelar a mensagem. Para pesquisas futuras, cremos que seja produtivo analisar, a respeito das mesmas notícias, a dimensão da produção da notícia (estudo de *newsmaking* sobre os modos de produção que construíram essas notícias, através de entrevistas com os apresentadores e repórteres responsáveis, entre outras estratégias) e a dimensão da recepção (através de estudos de recepção com telespectadores do JN, por

exemplo, um grupo focal que assista as notícias e elabore suas percepções sobre os efeitos que elas lhe causam).

Por fim, cremos que a maior contribuição de nossa análise é a crítica à qualidade das narrativas jornalísticas sobre assuntos e sujeitos internacionais. Conforme defendemos durante todo o trabalho, boa parte do que se torna conhecido sobre as relações internacionais é mediado pelo jornalismo. É assim que esta prática social acaba participando da construção da história do presente, forjando o imaginário social e intervindo na construção social da realidade. Especificamente sobre a narrativa da migração síria pós-guerra, vimos o JN utilizar o seu poder de influência em duas direções que acabaram, por fim, conformando uma narrativa incoerente. Se por um lado, os sírios são aqueles que o povo brasileiro necessita acolher com verdadeira compaixão, por outro são também descritos como estranhos em quem não se pode confiar. É assim que vemos a narrativa sobre a emigração síria ser construída utilizando como base discursos de empatia e discursos xenofóbicos, como dois lados de uma mesma moeda.

Nesse sentido, ao nosso ver o plano de fundo da narrativa pesquisada acaba também revelando aspectos da crise ética e moral da atualidade, que ganha materialidade nas nossas incoerências e contradições mais íntimas. Ao conduzir esta reflexão, nós mesmas nos perguntamos sobre até que ponto somos também cúmplices das injustiças que estão ocorrendo no mundo e das tragédias que ceifam a vida de milhares de inocentes, todos os dias. Nos perguntamos que ações poderíamos ter para ajudar, para amenizar o sofrimento das pessoas, Entretanto, diversas vezes nos percebemos assistindo a tragédia e o drama apresentados pelo jornal, mas em seguida nos concentramos novamente nos nossos afazeres. Nesse sentido, a reflexão trazida pela filósofa Judith Butler é provocadora: quando uma vida é passível de luto? Diante de uma realidade em que somos bombardeados com imagens dramáticas todos os dias pelos veículos de comunicação, em função do apelo pela audiência, perguntamo-nos até que ponto essas posturas corroboram para construir uma realidade social em que o mal, a dor e sofrimento do outro são banalizados e nos anestesiaram.

Jean Charron e Jean de Bonville (2016) entendem que esta forma de fazer jornalismo, na qual as mensagens têm um tom cada vez mais apelativo, deve ser compreendida dentro de um contexto mercadológico mais amplo, o qual chamam de hiperconcorrência. Segundo eles, a população dos países ocidentais tem acesso hoje a uma quantidade e diversidade de informações sem precedentes na história da humanidade. Neste cenário de abundância de veículos de informação e de mensagens midiáticas, outro fator acirra a concorrência pela atenção do público: a mudança na rotina das pessoas, que torna seu tempo para o entretenimento

mais escasso e seu nível de exigência mais rigoroso. Como sabemos, pela lógica mercadológica a atividade econômica essencial das empresas jornalísticas não é vender conteúdos aos consumidores, mas vender aos anunciantes a atenção dos consumidores. Portanto, o maior desafio com que se deparam as empresas jornalísticas é como captar a atenção do maior público possível para oferecê-la pelo maior valor possível aos seus anunciantes. E a forma de diferenciação acessível às empresas está, mais do que nunca, na sua capacidade de criar mensagens que engajem a audiência. Assim,

[e]m um mercado de hiperconcorrência em que a luta para obter uma parte da atenção do público exige a mobilização de todos os recursos disponíveis pelos agentes midiáticos, o jornalismo tende a recorrer a procedimentos discursivos (como o humor, a irreverência, o apelo à emoção, a dramatização, o registro familiar, a indignação, etc.) que, anteriormente, ou eram estranhos ao jornalismo de informação, ou reservados a gêneros diferentes (o editorial, a caricatura, a nota, etc.) (CHARRON, DE BONVILLE, 2017: 381).

Nas notícias que analisamos, percebemos nitidamente a utilização dos procedimentos discursivos destacados por Charron e De Bonville. Nesse sentido, outra questão importante a ser levantada quanto às pressões que o mercado da atenção impõe sobre as empresas jornalísticas é a precarização das condições de trabalho do jornalista. Em um contexto no qual a qualidade da mensagem ganha maior protagonismo – em detrimento de outras questões que antes tinham maior peso, como o nome do veículo – aquele que produz a mensagem tem uma responsabilidade ainda maior. A capacidade daquele que escreve de gerar alto impacto e prender a atenção do público se torna sua maior moeda de troca no mercado em que ele mesmo concorre (ou seja, com outros que se propõem a escrever, muitas vezes sem qualquer formação na área). Dessa forma, é necessário questionar de que forma esta pressão concorrencial gera uma precarização do trabalho e, por consequência, das mensagens promovidas pelo jornalismo atual que, como sabemos, terá sua repercussão na forma como compreendemos os fenômenos do mundo noticiados pelo jornalismo.

Nessas horas, vemos enfraquecer-se o ideal da categoria profissional, de prestar um serviço de interesse público. Por isso, é fundamental que sejam preservados os espaços de reflexão crítica sobre esta prática profissional, a fim de que a autocrítica gere impacto na dimensão da formação profissional e produza profissionais mais engajados com uma prática profissional reflexiva, consciente de seu papel social na construção da história do presente e do imaginário social sobre os assuntos que significam nosso mundo.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. “Refugiados” e “migrantes”: perguntas frequentes. Reportagem de 22 de março de 2016. Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/> Acesso: 22/11/2017
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/BOURDIEU,%20Pierre.%20Sobre%20a%20Televisa%CC%83o.pdf> Acesso: 25/10/2016.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília : Secom, 2014.2015. Disponível em < <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>> Acesso: 25/06/2016.
- BHABHA, Homi K., 1949- **O local da cultura** / Homi K. Bhabha ; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2013.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** / Judith Butler; tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marque da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla de Rodrigues. 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- _____. **Relatar a si mesmo: Crise da violência ética**. Tradução Rogério Bettoni. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CAVALCANTI-CUNHA, Maria Jandyra. **A narrativa da emigração brasileira em jornais comunitários no exterior: estudo do *Brazilian Times***. In: Elga Pérez Laborde; João Vianney Cavalcanti. (org.).*Em torno à integração: estudos transdisciplinares*. Ensaios. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2008, v., p. 369-394.
- _____. **Identidade em vidas migrantes**. In: CUNHA, M. J. C.et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro Editora, 2007, v. 1, p. 133-190.
- _____. **Pesquisa aplicada na área de português para falantes de outras línguas: procedimentos metodológicos**. In ALMEIDA FILHO, José Carlos Paees de. *Projetos Iniciais em português para falantes de outras línguas/* Maria Jandyra Cavalcanti Cunha e José Carlos Paes de Aleida Filho. – Brasília, DF : EdUnB – Editora da Universidade de Brasília; Campinas, SP : Pontes Editores, 2007.
- CAVALCANTI-CUNHA, M. Jandyra; MOTA, Luiz. Jornalismo e a construção narrativa da história do presente. In: *Hermenêutica e análise dos discursos em jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2017.
- CAVALCANTI-CUNHA, M. Jandyra; LADEIRA MOTA, Célia M. **Imagem de guerra na memória social**. In: Elga P. Laborde; Enrique Huelva Unternbäumen; Rozana Reigota Naves (orgs.) *Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos*. 1ed.Campinas, SP: Pontes, 2016, v. , p. 327-344.
- _____. **Identidade Migrante no Jornal de um Comunidade Transplantada**. *Revista FSA*, Teresina, PI, v. 10, p. 87-101, 2013. Disponível em www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/263/124.

- CARDOSO, Anelise. **Jornalismo para paz ou para guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira**. 2013. 185f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orient Karla Maria Muller, Porto Alegre.
- CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. **A Mídia e a Política Externa no Brasil de Lula**. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. v.1, n.2, Jul-Dez 2012, p. 211-236. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/viewFile/32661/20524> Acesso: 25/10/2015.
- CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis : Insular; Brasília : FAC Livros, 2016.
- CLARO, Carolina de Abreu Batista. **A proteção dos "Refugiados Ambientais" no Direito Internacional**. 2015. Tese (Doutorado em Direito Internacional) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.2.2016.tde-08042016-155605. Acesso em: 2018-01-15.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social / 2**. Ed. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2016.
- FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. **O Itamaraty e a Política Externa Brasileira: Do Insulamento à Busca de Coordenação dos Atores Governamentais e de Cooperação com os Agentes Societários**. *Contexto Internacional* (PUC). Rio de Janeiro, vol 34, nº 1, janeiro/junho 2012, p 311 a 355. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-85292012000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso: 25/10/2015
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**/ Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/FOUCAULT.pdf> Acesso: 23/10/2015.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. O problema da consciência histórica. Org. Pierre Fruchon; trad. Paulo César Duque Estrada. 2ª. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- GALTUNG, Johan. **Violencia, guerra y su impacto: sobre los efectos visibles e invisibles de la violencia**. Tradução do inglês por María Anabel Cañón. *Polylog. Foro para filosofía intercultural* 5 (2004). Disponível em <http://them.polylog.org/5/fgj-es.htm> Acesso: 03/01/2017.
- _____. **Peace Journalism as an Ethical Challenge**. *GMJ: Mediterranean Edition* 1, Fall, 2006. p. 1- 5.
- GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University, 1986.
- HALL, S.; Chritcher, C.; Jefferson T.; Claker, J.; Roberts, B. **A produção Social das notícias: o mugging nos media**. In Traquina, N. (org) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências / (organizadores) Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França**. 10. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

- IPEA. **Refúgio no Brasil : caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014)** / João Brígido Bezerra Lima ... [et al.]. – Brasília : Ipea, 2017.
- JORGE, Thaís M., **Pirâmide e Hipernotícia. Elementos para uma discussão sobre o texto no jornalismo digital.** In PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O. e ADGHIRNI, Z. L. (Orgs.). *Jornalismo e Sociedade. Teorias e Metodologias.* Florianópolis: Insular, 2012, p. 123-144.
- NYE Jr., Joséph S. **Soft Power: The means to success in world politics.** New York: PublicAffairs, 2004.
- MOTA, Célia Ladeira. **A representação da identidade nacional na notícia da TV.** (Tese de doutorado), 2008, 329 f., Programa de pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, orient. Luiz Gonzaga Motta, Brasília, 2008.
- _____. **Jornalismo: discurso, narrativa e cultura.** In PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O. e ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). *Jornalismo e Sociedade.* Teorias e Metodologias. Florianópolis: Ed. Insular, 2012, p.205-218.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narrativas Jornalísticas e Conhecimento de Mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade?** In PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O. e ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). *Jornalismo e Sociedade.* Teorias e Metodologias. Florianópolis: Insular, 2012, p. 219-242.
- _____. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística.** In: LAGO, C; BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis:Vozes, 2007. Também Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf> Acesso em: 11/10/2015
- _____. **Análise Crítica da Narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- PORTO, M. **Enquadramentos da Mídia e Política.** In RUBIM, A.A. C. *Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens.* Salvador, Edufba/Unesp, pp.73-104, 2004. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/134/4/Comunicacao%20e%20politica.pdf> Acesso: 28/11/2016
- PORTO, Sérgio Dayrel. **Vivências Interpretativas em Jornalismo. Versão atualizada do método das ‘Seis leituras interpretativas em massa folhada’.** In PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O. e ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). *Jornalismo e Sociedade.* Teorias e Metodologias. Florianópolis: Insular, 2012, p. 181-204.
- RENAULT DA SILVA, Dacio. **Jornalismo e história : o jornalista como historiador do presente.** 2011. 214 f. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, orient. M. J. Cavalcanti-Cunha, Brasília, 2011.
- SAID, Edward. **Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SIMON, Pedro. **A diáspora do povo gaúcho.** Brasília: Senado Federal, 2009.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995

WENDT, Alexander. **Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics**. International Organization, vol. 46, n. 2, 1992, p. 391-425. Disponível em: <https://ic.ucsc.edu/~rlipsch/Pol272/Wendt.Anarch.pdf> Acesso: 25/10/2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editorial Presença, 3ª Edição, 1994.